

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS LITERÁRIOS**

**DE CACHOEIRA A BELÉM: A INFLEXÃO DAS ILUSÕES DE
ALFREDO.**

PAULO JORGE DE MORAIS FERREIRA

**BELÉM-PARÁ
2008**

PAULO JORGE DE MORAIS FERREIRA

**DE CACHOEIRA A BELÉM: A INFLEXÃO DAS ILUSÕES DE
ALFREDO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da
Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à
obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Área de concentração: Letras e Artes.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Marli Thereza Furtado

**BELÉM-PARÀ
2008**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) –
Biblioteca do ILC/ UFPA-Belém-PA

Ferreira, Paulo Jorge de Moraes.

De Cachoeira a Belém: a inflexão das ilusões de Alfredo / Paulo Jorge de Moraes Ferreira; orientadora, Marli Thereza Furtado.----- 2008.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Curso de Mestrado em Letras, Belém, 2008.

1. Jurandir, Dalcídio, 1909-1979. Chove nos campos de Cachoeira - Crítica e interpretação. 2. Ficção brasileira – Pará-Séc. xx. I. Título.

CDD-20.ed.869.934

Aos meus Pais:

VITOR MANUEL DA CONCEIÇÃO FERREIRA
LUCINDA FERNANDA BORGES MORAIS FERREIRA

À minha esposa e filha:

NECI BILA NEVES
THAÍS NEVES FERREIRA

Aos meus primos e primas de Belém-Pa:

FAMÍLIA ALIVERTI

À Família Dias:

JOÃO
TECA
CARINA
CÍNTIA

AGRADEÇO ÀQUELAS E ÀQUELES QUE, DE UMA OU DE OUTRA FORMA, ME AUXILIARAM NA CONSECUÇÃO DESTE TRABALHO, DE MODO ESPECIAL À MINHA ORIENTADORA, Prof^ª. Dra. MARLI FURTADO.

Difficile est longum súbito deponere amorem.
(Difícil é depor tão longo amor de súbito)

Gaius Valerius Catullus- C. 76.

Ganesh, ao lado de seu colega rato – que rói tudo e simboliza a capacidade de remover obstáculos.

Coleção Divindades Indianas.

A história do romance é a história de uma luta heróica, que freqüentemente trilha caminhos tortuosos, mas luta vitoriosa contra as condições desfavoráveis que a vida burguesa moderna impõe à figuração poética.

George Lukács.

SUMÁRIO

RESUMO..... p. 07

INTRODUÇÃO..... p. 08

I PARTE:

CACHOEIRA E CAROÇO DE TUCUMÃ PONTE

ENTRE O NÃO-SER E O SER..... p. 18

II PARTE:

BELÉM DO GRÃO-PARÁ: NA AMBIVALÊNCIA

DA SITUAÇÃO, O DESÂNIMO E A DESILUSÃO DE ALFREDO..... p. 47

III PARTE:

PASSAGEM DOS INOCENTES: O REVERSO DA CIDADE..... p. 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... p. 87

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... p. 91

RESUMO

Este trabalho procura demonstrar, através do percurso percorrido pela personagem Alfredo, ao longo do itinerário que vai de Cachoeira até à cidade de Belém, em uma criação dalcidiana, o processo de gradual desalienação de um menino que aos poucos vai se tornando um rapaz. A formação da personalidade passa por um sofrido processo, que na vida do herói conduz ao choque necessário provocado por algumas desilusões. Confrontando-se com sentimentos ambivalentes, com estados de indefinição e indecisão, Alfredo vai abrindo caminho através do labirinto de seu ser palmilhado pelo que representa a cidade enquanto também um labirinto não menos desafiador. Nesse processo de integração, o objetivo final é o resgate da dignidade humana que não se limita ao ser do herói, Alfredo, mas abarca um amplo projeto político que é buscado como alternativa popular.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário; ilusões; desalienação; dignidade humana; projeto político.

ABSTRACT

This paper tries to demonstrate, through the journey made character Alfredo, along the itineraty that goes from Cachoeira to Belém city, in a dalcidiana creation, the process of gradual disalienation of a boy who little by little becomes a young man. The building of his personality is through a very suffering process, wich in this hero's life leads him to a necessary shock caused by some disillusions. Confronting with am bivalent feelings, with stages indecisions and indefiniteness, Alfredo goes making his own way through the labyrinth of his being as the city also represents a not less challenging labyrinth. In this integration process, the final aim is the rescue of humain dignity which is not limited by the being of a hero; Alfredo embraces a large political projet which is sought as a popular alternative.

KEYWORDS: Imaginary; illusions; disalienation; human dignity; political project.

INTRODUÇÃO

O meu primeiro contato com Dalcídio Jurandir ocorreu pelos meados de 2000. Esse contato se inseriu num contexto de relativa preocupação com a aproximação do término do Curso de Letras e, portanto, da problemática com o TCC. É quase desnecessário afirmar também que esse foi meu primeiríssimo contato com o autor, de quem não tinha lido até aí absolutamente nada. O escritor paraense surgiu assim, no meu espaço cultural, como uma referência vaga. Referência vaga (mas que intuitivamente me agradou, confesso) e que se tornaria com o tempo numa imensa e gratificante surpresa.

Ainda me recordo daquela tarde, na editora Cejup, o meu embaraço em ter que escolher – das três obras que em minhas mãos me colocaram – aquela que se tornaria a minha escolha para análise do TCC. Como escolher entre aquelas três obras – *Chove nos campos de Cachoeira*, *Marajó* e/ou *Três casa e um rio* – aquela que se tornaria a eleita, sem um conhecimento concreto de cada uma delas, pelo menos sem uma referência mínima que fosse? Mais uma vez funcionou minha intuição. Escolhi, e sem o saber, aquela que é considerada a obra embrionária de todo o ciclo dalcidiano: *Chove nos campos de Cachoeira*.

Quando chegou a época de começar a me preocupar com a escolha do orientador, tive a honra e o privilégio de conhecer a Prof^a. Marli Furtado, numa de suas passagens pelo campus de Altamira. Logo em nosso primeiro contato ficou acordado que ela seria minha orientadora. E nas conversas subseqüentes em torno do assunto do TCC com minha orientadora, e graças a ela, pude adquirir um imenso estímulo e uma aguçada curiosidade em relação às restantes obras que compõem o Ciclo do Extremo Norte. Desses encontros e até à minha defesa do TCC (apresentação em julho de 2003) surgiu o compromisso de adquirir, de uma forma ou de outra, e, sobretudo de ler, todas as restantes obras do Ciclo Extremo Norte. Desde já posso afirmar, a quatro anos de distância, que esse compromisso foi cumprido.

Em síntese é esse meu histórico de iniciação em relação às obras desse extraordinário, e mais ainda por não ser tão ou devidamente reconhecido, autor paraense. A dimensão comunicativa em Dalcídio Jurandir apresenta um caráter genuinamente social. Como então situar o escritor procurando através de uma ou várias nomenclaturas, mesmo que mais ou

menos adequadas, “batizá-lo” a partir da leitura e análise de sua obra, com expressões tais como, por exemplo: “*E’ um escritor regionalista*”; ou ainda “*apresenta um cunho fortemente realista*”, ou outros mais, tais como: “*um autor de fortes traços neo-realistas*”; interrogamos se não representará tal atitude como que um enrijecimento numa tentativa de enquadrá-lo numa postura que talvez acabe por ser pouco conveniente ao autor? E depois, será necessário sempre “classificar” um autor? Não será isso limitá-lo e verdadeiramente empobrecê-lo?!

Desde o primeiro momento, anteriormente já assinalado, e até aos dias de hoje esse contato jamais seria interrompido. Continuaria pelo meu curso de Especialização (na UEPA), desta feita com a análise literária da obra *Três casas e um rio* e sob a orientação da Prof^a. Josebel Akel Fares (apresentação em abril de 2005). Para desembocar no Curso de Mestrado, com esta dissertação, novamente sob a paciente orientação da Prof^a. Marli.

Devo dizer que este trabalho não deixa de apresentar-se de modo mais completo e maduro, portanto, quando comparado com os dois anteriores. A expressão “completo” é aqui empregada não no sentido de “fechado” quando referida em termos discursivos à narrativa dalcidiana, não só porque nem todo o ciclo é completamente retratado aqui, mas apenas parte dele, como ainda, e este é o motivo principal, por referir-se ao ponto mais atual da minha reflexão acerca da obra de Dalcídio Jurandir, fruto de alguns poucos anos de leitura e de tentativa de elaboração de um discurso crítico acerca do universo romanesco dalcidiano. E é neste sentido que vale igualmente a expressão “maduro”.

Esta dissertação não teve por finalidade, em primeira mão, defender uma específica linha teórica. Mas preocupei-me, sempre que possível, recorrer a um ou outro teórico que se mostrassem pertinentes na análise e desenvolvimento da mesma. Por outras palavras, ela objetivou apenas seguir ou refazer o trajeto da personagem Alfredo, herói do ciclo, desde a ilha do Marajó até à cidade de Belém. Trata-se esse de um trajeto percorrido pela personagem perspectivado tanto do foro interno (psíquico) quanto externo (social).

Procuramos, então, através desse percurso, não linear, mas, sobretudo labiríntico, partir do olhar e das vivências múltiplas da personagem, na tentativa de explicitar e compreender como o mundo que o cerca, a realidade, constructo essencialmente social, é construída (aceita) e/ou desconstruída (recusada). É esse então um percurso mais do que simplesmente geográfico (de Cachoeira a Belém), mas essencialmente um percurso ideológico, construído a partir daquele enquanto vivência e experiência adquirida do mundo.

Quer dizer: procuramos discernir como o menino Alfredo, partindo de um nível infantil de percepção e compreensão da realidade, vai gradualmente amadurecendo até se tornar um rapaz e, através desse processo formativo analisar como as ilusões da personagem

são edificadas, por um lado, e como elas, se desmoronam, por outro, em alguns casos. Em outras palavras: visualizar como o imaginário do menino é formado, sob a influência do meio e dos adultos com quem ele convive, tanto no interior quanto na capital, e ao mesmo tempo vai sendo reformulado a partir da imposição do “*princípio da realidade*” que advém da experiência e do acúmulo refletido e criticamente assimilado da vivência quotidiana.

Este é o momento e espaço oportuno para esclarecer acerca de uma dívida que nos foi cobrada por algumas poucas pessoas que antecipadamente leram o trabalho. Foi-nos apontada inclusive certa incongruência em relação à escolha de certos referenciais teóricos como, por exemplo, as escolhas sobretudo de Lacan e Jung. Teoricamente são incompatíveis, certo. A sua utilização em conjunto, no mesmo trabalho, semelha como que se nós quiséssemos colocar no mesmo balaio gatos e cachorros...

Ora, como já mencionamos em parágrafo anterior, nossa escolha foi deliberada! Isso em nome da pertinência. Tornara-se oportuno, pertinente, portanto, a utilização no corpo do trabalho, duas ou três vezes que o fizemos, de Jacques Lacan, então não hesitamos. Achamos mais oportuno, em contrapartida, em outros aspectos, a utilização de Jung, assim o fizemos. Cientes de que ambas as referências, naquelas circunstâncias, não se tornaram inoportunas e nem se configuraram, no conjunto do trabalho, contraditórias.

Permitimo-nos a isso, repetimo-lo mais uma vez, em nome da liberdade de não nos submetermos a um único e determinado referencial teórico. Academicamente falando, transformamos aquilo que poderia ser considerado um “pecado mortal”, num mal menor, num simples “pecado venial”. Feitos então os reparos que se faziam necessários, seguimos adiante.

Três são as partes que compõem este trabalho.

Na Primeira Parte – *Cachoeira e caroço de tucumã ponte entre o Não-Ser e o Ser* – procuramos desenvolver uma análise com um enfoque primordialmente *psicanalítico* ao retratarmos as vivências da personagem Alfredo na Ilha do Marajó (sobretudo no âmbito familiar, e no contexto mais amplo cachoeirense). Trata-se da vida de um menino simples, entre tantos outros que pisam aquele solo marajoara, à sombra do chalé, no convívio com os pais (Major Alberto e D. Amélia) e com os irmãos (Eutanázio e Mariinha), ainda sob a influência de Lucíola (jovem que procurou na vida do “herói” ser uma segunda mãe com maior ascendência que a própria mãe biológica, D. Amélia), e escutando estórias dos adultos que serviam para adubar sua imaginação projetada de contínuo na cidade de Belém.

Nossa análise teve por base, principalmente, os romances *Chove nos campos de Cachoeira* (1941) e *Três casas e um rio* (1958), com poucas e esparsas referências também a *Marajó* (1947). O conjunto dessas obras forma aquilo que se convencionou designar por ciclo

interiorano e basicamente retratam as vivências de Alfredo em sua relação com outras personagens e com o meio marajoara.

Nesse contexto, procuramos detectar como o meio acaba por influenciar o *imaginário* da personagem, aberto a todos os tipos de influências, em pleno processo de formação e estruturação da personalidade. Menino esperto, interiormente inquieto, Alfredo, tal como um passarinho levemente balado, que sai esvoaçando em ziguezague, procurando um refúgio, de olhos bem abertos e atentos para a realidade que o circunda, procurando-a entender naquilo que sobremaneira o incomodava e lhe causava doloroso e inexplicável sofrimento.

A tensão dialeticamente vivida pelo menino expressa a partir do conceito freudiano do “princípio de realidade”, representado no presente de Cachoeira e entre o “princípio de prazer” apresentado através do *desejo* de realização pessoal, propiciado pelo estudo que, na mente da personagem, sugeria indiscutível ascensão social (poder tornar-se um doutor, um homem letrado), projetado no futuro que Belém acenava. Tensão essa que, em verdade, acabava por bloqueá-lo para o sentido e gratuidade da vida presente, para a cotidianidade, enfim, para a “escola da vida” de imensa humanidade e também sofrimento que representava o Marajó.

Rejeitando e procurando fugir do sofrimento, da pobreza, da não-perspectiva futura (não-ser), representada pela tríade ilha-rio-campos, a personagem aliena-se de sua realidade, não aceitando viver o presente e simultaneamente sem conseguir concretizar o tão ambicionado futuro. Nem presente (Cachoeira) e nem futuro (Belém), no final. Na verdade, não-vida, e um mundo, Cachoeira, que se torna fechado e inaceitável. É aqui que entra em relação ao processo existencial do menino e ao seu imaginário, a título de efeito de compensação, o carço de tucumã explicitando o importante significado que acaba por assumir e que merece de Dalcídio um capítulo (VIII) com esse título, em *Chove nos campos de Cachoeira*.

Neste primeiro capítulo de nossa dissertação, utilizamo-nos de alguns referenciais teóricos na leitura psicanalítica, que nos auxiliaram na compreensão da problemática relacionada ao personagem central – Alfredo – sobretudo aqueles ligados ao significado e representação do carço de tucumã, à inserção do menino na família e comunidade de Cachoeira, das famílias que o acolhem na cidade de Belém e ao processo de individuação que vai estruturando a personagem infantil como um estado de indiferenciação. É precisamente através desse processo (da indiferenciação para a diferenciação ou individuação) que o *ego* será edificado, processo esse narcisista pelo qual acabamos por desenvolver um senso fictício da unidade do eu, ao confrontarmos-nos, no mundo, com alguma coisa com a qual nos

podemos identificar. O carocinho, por exemplo, é como um amigo imaginário todo-poderoso de Alfredo em quem ele pode depositar absoluta confiança. É que o “eu” da criança enquanto centro ainda não claramente identificado revela-se como uma ausência que, convidativa, urge ser preenchida.

Num outro nível, o caroco de tucumã funciona, de certa forma, como um fetiche que permite, como se de relações mágicas se tratasse, entre o ser humano e demais objetos materiais, aos quais são atribuídos místicos poderes sobrenaturais, um natural intercâmbio no sentido de uma força realizadora ou concretizadora (*mana*) que se transfere para os objetos e destes para o sujeito, numa recíproca e incessante troca fechada.

Na segunda parte de nossa dissertação, a que demos o título de *Belém do Grão-Pará: na ambivalência da situação, o desânimo e a desilusão de Alfredo*, passamos a analisar as vivências da personagem a partir do solo citadino – a capital Belém --- tendo como referência primordial o romance *Belém do Grão-Pará*, obra que inicia o ciclo urbano do Extremo Norte. A experiência da cidade vai ser determinante na vida da personagem. Não apenas enquanto novo ciclo vital ou *modus vivendi* diferenciado que se inicia se assim o podemos dizer, mas principalmente como fator catalisador que provocará uma reação de mudança interna e gradual no ser do menino. O amadurecimento de Alfredo vai corresponder à revisão e quebra de não poucas das suas ilusões, a uma revalorização da sua visão sobre alguns lugares e pessoas (entenda-se personagens), graças a um processo de sofrida ambivalência e indefinição do menino que cada vez vai sendo menos e do rapaz que ainda não se tornou.

À distância, enfrentando a adaptação ao desconhecido que representava a cidade, o “herói” passa a enxergar o chalé, os pais e Cachoeira, essa trilogia outrora recusada, com outros olhos. A visão do menino muda nesse ínterim: “*Cachoeira, Belém, Cachoeira, vai e vem*”. Tudo um desânimo: rio e chão que se torna desconhecido (Cachoeira), sentimento compensado por uma cidade-rio (Belém) também para sempre perdida. Nem Cachoeira e nem Belém, de tanto palmilhar uma e outra. O tiro tinha errado o alvo... Ou talvez o tiro tenha sido certo, mas o alvo concebido erradamente. Qual então o alvo e para onde apontar certo novamente?

Essa é a problemática existencial com que se confronta o “herói” no final do romance ao deparar-se com a iminente ameaça de desmoronamento do casarão número 34 da Estrada Nazaré, representativo simultaneamente da dissolução trágica da família dos Alcântaras. Em relação à problemática de Cachoeira um passo, e não pequeno, tinha sido dado. Belém passaria a ser concebida não mais como um eventual fim, mas principalmente como um meio

de realização. Realização essa que aos poucos se ia distanciando cada vez mais da educação formal.

Divisões e contendas familiares não são novidades para a personagem. Essa experiência ele já trazia de Cachoeira, não apenas do que vivenciara em seu próprio lar, afinal “*Aquele chalé era uma ilha de atribulações e de ódios*”, mas também a partir do que pôde ter apreciado em relação a não poucas outras casas. E se ele já contestava a escola do Prof. Chiquinho, em Cachoeira, enquanto estrutura institucional, quanto à forma e ao método, em Belém, cedo se cansa do Colégio, apesar das iniciais e estimulantes medalhas de honra ao mérito. Aos poucos começará a gazetear a aula e se interroga “*A que preço se ganhará uma educação*”? Afinal sobrarão apenas uns poucos de “*restos do colégio perdido*”

É ainda em Belém que Alfredo tem contato com as notícias dos jornais e toma conhecimento dos rumores sobre a revolta dos camponeses famintos de S. Miguel do Guamá, movimento que dir-se-ia querer crescer na direção da capital. Todavia, trazia de Cachoeira a experiência de fome dos meninos e meninas barrigudinhos que teimavam em aprender coisa nenhuma. É que esses meninos e meninas continuariam perpetuando essa situação, mesmo quando excepcionalmente tinham a possibilidade de serem levados para a capital.

Escuta com frequência o que D. Inácia expõe sobre o descontentamento da jovem oficialidade do Quartel vizinho, da Nazaré, que, afinal, reflete a tensa situação dos quartéis por todo o País. No entanto, a visão do Major, patente da Guarda Nacional e dos coronéis donos do Marajó não eram uma novidade para Alfredo. Até os soldadinhos de chumbo com que brincara anos antes serviam para comparar com os atuais soldados de carne e osso, mas mais sem graça na sua conformação aos estatutos e regras militares.

Descobre na complexidade social citadina que a cidade são as pessoas. Seu olhar procurava descortinar “... *uma parecença entre as pessoas de Belém e as de Cachoeira*”. Percebe que as pessoas da cidade, que vivem tão juntas, pois se cruzam umas com as outras nas ruas, passando umas ao lado das outras, encontram-se paradoxalmente tão distantes... Na cidade, proximidade significa distância como contraponto da realidade interiorana.

A Belém com que se depara Alfredo é bastante distinta da Belém por ele desejada e sonhada durante vários anos. Uma Belém diferente daquelas das estórias grandiosas e maravilhosas que outras personagens lhe contavam. Uma Belém da qual chegara a ter curta experiência, quando acompanhara os pais e ficara hospedado em casa de Mãe Ciana, mas que recusara aceitar. Enfim, uma Belém do áureo e ilusório *pós-lemismo*. Ele encontra na cidade as mesmas ruínas, tapera, que encontrara em Marinatambalo, símbolo das áureas eras do Marajó do ciclo da borracha.

De qualquer forma, a atraente, castiça e morena Belém, tornar-se-á com a “heróica” figura de Alfredo as personagens centrais do romance. A busca pelo rosto e perfil da cidade perdida, sonhada por Alfredo, mas não encontrada, representa o questionamento e busca labiríntica por um centro de referência tanto externo quanto interno. Centro que se diria encontrado como que deslocado... Tanto interna quanto externamente: a sensação de ter vindo ao mundo fora de época (por parte de Alfredo) e a de estar vivendo uma cidade diferente daquela imaginada, agora perdida (a do ciclo áureo da borracha). Essa ambivalência criada pelo deslocamento do centro gera uma situação dialética entre uma eventual não-aceitação de uma realidade ideológica imposta (tese) e o questionamento e busca por uma nova e alternativa ordem (antítese).

E se, como veremos ao longo do trabalho, saindo de Cachoeira, Alfredo procurava superar a trilogia representativa de insucesso apresentada no capítulo primeiro: ilha-rio-campos contrapondo-a a uma outra trilogia, mas esta representativa de sucesso, que lhe daria a cidade: livros-dinheiro-amor, ou seja, conhecimento-poder-felicidade, a personagem chega ao final do romance num impasse. Um impasse não tanto definido por “*E agora*”?, devido ao fechamento de perspectiva com a derrocada dos Alcântaras e, com isso, a comprometida possibilidade de uma continuidade para o ano seguinte; mas, sobretudo, pela questão anteriormente levantada: “*A que preço se ganhará uma educação*”?

É que, depois de questionar o processo formativo escolar, de se interrogar sobre o amplo sentido do que seria a educação e o que representaria o ato de educar, de sentir goradas suas esperanças pelo sentimento do colégio perdido, o que sobraria? O que se poderia entender por conhecimento? Afinal, para que serve o conhecimento? No favorecimento de quem ou do quê poderia ele estar? Após ter observado tanta fragilidade humana, pressentindo tanta exploração ainda abafada na consciência, reparado na dura luta e não poucas vezes quase ingrata de tantos empobrecidos, como então conceber o poder? Ao serviço de quem? Com que intuito? Finalmente, no meio de tanta dor, fome, doença e miséria, experiências que tanto o interior quanto a cidade proporcionam, como poder pensar em ser feliz? Que sentido e significado em meios como esses teria a felicidade?

Na Terceira parte e última desta dissertação – *Passagem dos Inocentes: o reverso da cidade* -- partimos da análise do romance *Passagem dos Inocentes*, o primeiro romance verdadeiramente pé-no-chão na história de Alfredo e da descoberta de uma “*Belém pelo direito e avesso*”. Por que “*verdadeiramente pé-no-chão*”? Porque aqui se inicia a experiência política do menino-rapaz, sempre prestes a *sair da casca do ovo*, na corda bamba tal como um “*trapezista sobre a linha do equador*”. O narrador não pôde ser mais explícito.

Ainda poderão ser apresentados mais dois ou três motivos pelo fato de poder-se considerar esse um romance de Dalcídio o mais verdadeiramente “pé-no-chão”, não apenas porque Alfredo descobre o mundo do trabalho, ou também porque se torna morador de um Covão e passa a pisar diretamente a lama; mas pelo que, de modo pertinente, acabou por expressar a Prof^a. Rosa Assis num artigo intitulado A fala “caboca” em *Passagem dos Inocentes, de Dalcídio Jurandir*.

Para a Professora, Dalcídio consegue, graças ao seu virtuosismo, equilibrar as linguagens literária e popular; e fá-lo de tal modo que, ao lê-lo, se torna mais fácil imaginá-lo falando do que propriamente escrevendo. Se Dalcídio em todas as suas obras recorre, de um modo geral e também particular, ao universo popular com o qual amplamente se identifica, é, sobretudo, em *Passagem dos Inocentes* que ocorre mais intensamente a “*exploração do linguajar típico do homem amazônico*”. A linguagem utilizada na narrativa é a de uma expressão própria dos *bairros pobres* dos subúrbios de Belém (Covões) ou até mesmo da ilha do Marajó. É o que, em síntese, e de forma objetiva, expressa a Prof^a. Rosa Assis (ASSIS, 2006, p. 20).

Procuramos neste capítulo trabalhar de olhar fixo em nossa proposta consignada no pré-projeto, sem nos limitarmos, contudo, a seguir uma [rígida] linha de pesquisa,. No entanto, esta não deixou de ser a parte de mais difícil elaboração e aquela que demandou uma maior pesquisa, além das leituras dos romances. Nela, procuramos enfocar temas fundamentais, tais como: família, sociedade, desenvolvimento das relações de produção capitalistas, organização e militância trabalhista e a questão da emancipação feminina a partir dos exemplos e das práticas de algumas mulheres como D. Cecé e D. Inácia, sobretudo.

Os temas supramencionados não deixaram de ser superficialmente abordados, como não podia deixar de ser, justificada tal atitude até pela própria natureza do trabalho, pois *per si* e devido à sua complexidade, cada um deles, na verdade, demandaria aprofundados estudos.

Os períodos correspondentes à Administração do Intendente Antônio Lemos e ao subsequente, denominado pós-lemismo -- ambos criticados por Dalcídio em seus romances -- principalmente este último (período pós-lemista), caracteriza-se por forte crise acompanhada de instabilidade sócio-política. Ora, é inevitável conceber os fenômenos familiares em estrita relação com a transição da sociedade, que se faz acompanhar por profundas mudanças na esfera econômica e social. Essa situação de instabilidade política e recessão econômica (murmurinho nos quartéis, revoltas populares de empobrecidos), que caracterizou a sociedade da década de 20, não deixaram de atingir o âmago das famílias.

É indubitável que a instabilidade da sociedade é repassada para o seio das famílias. Algumas das famílias apresentadas nos romances de Dalcídio, são protótipos de famílias desajustadas, problemáticas e que apresentam extrema falta de coesão. Por outras palavras, constata-se o afrouxamento das estruturas familiares. Pequenas e grandes infidelidades, a vários níveis, são naturalmente apresentadas nas diferentes narrativas. Como entender o comportamento e a postura de D. Cecé e de D. Inácia? Poderão ser consideradas como protótipos de mulheres emancipadas?

Por outro lado, a manifestação política, circunstancialmente, a primeira de que Alfredo participa no Largo da Pólvora, é reveladora do universo trabalhista com o qual o pré-adolescente [Alfredo] começa a tomar contato. Do social descamba-se para o político. Do problema do saneamento e das condições de higiene citadinas (ausência de uma política sanitária) descamba-se para a intervenção política em torno das condições de trabalho dos operários. Em sua essência, o que representava esse movimento?

É que, em nossa região amazônica, e essa é uma constante ao longo do ciclo dalcidiano, nos é dado captar uma força de trabalho abundante – homens, mulheres e até mesmo crianças – semi-utilizada, mal remunerada e bastante explorada. As mudanças ocorridas no mundo e na sociedade amazônica determinaram um novo tipo ou modo de vida quotidiano, que implicou em graduais diferenciações. Essas mudanças foram devidas principalmente à gradual implantação do capitalismo e à crescente implementação da indústria que o acompanhou.

E no final do romance, *Passagem dos Inocentes*, viajando no barco do tio Antônio, acompanhado ainda pelo tio Sebastião, no retorno a Cachoeira, no final de mais um ano letivo, e de passagem por Santana, Alfredo continua enredado no “labirinto”, procurando o seu “centro”. Não é encontrada uma resposta ou saída para a personagem que continua sua incessante busca rumo a algo... Talvez simbolizado como encontro e conquista. E se atentarmos para o “ponto de chegada” de Alfredo (no labirinto é representado pela chegada ao centro ou ponto zero), no final do ciclo, em *Ribanceira*, constatamos inconclusa sua situação existencial.

Deduzimos então que, apesar de tratar-se de um *ciclo*, paradoxalmente ele não se fecha, não se encerra, mas fica em aberto através da situação do herói. Qual a saída? Por aonde ir? O que fazer? Em primeiro lugar, essas respostas não são fáceis de obter. Possuem um profundo caráter existencial. Mas mais do que isso, e esse é o segundo ponto, não se tratam de questões da esfera simplesmente individual, no sentido que digam respeito exclusivamente à personagem Alfredo, mas através dele, a todo um imenso painel de

personagens com os quais o herói se relaciona. E em terceiro lugar, por fim, talvez o mais importante não seja encontrar respostas, mas, o que é ainda mais rico, filosoficamente falando, sempre problematizar uma situação que até os dias de hoje não deixou de ser atual e pertinente: A SITUAÇÃO DA REGIÃO AMAZÔNICA.

I**CACHOEIRA E CAROÇO DE TUCUMÃ
PONTE ENTRE O NÃO-SER E O SER**

O final de *Chove nos campos de Cachoeira*¹ é significativo no que respeita a uma eventual chave interpretativa, na medida em que nos remete não apenas a uma interessante imagem poética, revestida de especial valor simbólico, mas ainda porque revela um conflito existencial na situação da personagem Alfredo. Um conflito desafiador, sem dúvida, e que demanda uma firme resposta por parte do herói².

Procuremos, então, reconstruir a imagem que o romance nos sugere: É uma noite de inverno. Noite de um forte aguaceiro: “*Será que não pára mesmo de chover? Que aguaceiro! Toda a noite será assim?*” (CCC, 1998, p. 400). Mais ainda, não se trata de uma simples noite de chuva, mas se nos mostra antes como uma noite de chuva diluviana: “*O dilúvio. O dilúvio. Alfredo que ouvira, repete a palavra*” (CCC, 1998, p. 400).

Algumas pessoas encontravam-se nessa noite reunidas sob o calor do chalé. Alfredo, em sua rede, no quarto escuro, como se navegasse em uma embarcação que irrompesse noite escura adentro, sonho há tempo pela personagem acalentado, e imagem que o autor metaforicamente expressara já em um outro contexto: “*A curiaca se embalava nas águas como uma rede*”,³ ao sacudir o lençol o menino deixa o caroço de tucumã⁴ escapar pelo

¹ Daqui em diante, sempre que nos referimos a este romance de Dalcídio Jurandir (1941), utilizaremos a sigla CCC. Para a análise da obra em questão servimo-nos da edição crítica da professora Rosa Assis, publicada pela UNAMA, em 1998.

² O termo ‘herói’ é usado nesta exposição não no sentido em que se refere a atos especiais de pessoas extraordinárias, mas ao elemento heróico que existe potencialmente em todo homem. Como poderia ser classificado esse “herói” dalcidiano? É, em primeira mão, um herói moderno. Um herói que se situa num mundo em que o “*o universo intemporal dos símbolos*” há muito herdado entrou em colapso. O herói da época moderna revela “*a prodigiosa história da chegada da humanidade à idade adulta*”. O fascínio e os valores do passado foram abalados. Vive-se um período de desilusão e desencanto. O “herói” moderno expressa essa desilusão e desencanto. Segundo CAMPBELL (2006), outrora “*Naqueles períodos, todo o sentido residia no grupo, nas grandes formas anônimas, e não havia nenhum sentido no indivíduo com a capacidade de se expressar; hoje, não há nenhum sentido no grupo --- nenhum sentido no mundo: tudo está no indivíduo. Mas, hoje, o sentido é totalmente inconsciente. Não se sabe o alvo para o qual se caminha. Não se sabe o que move as pessoas*” (2006, p. 372-373). O problema atual, segundo Campbell (2006), é o de “*tornar o mundo moderno espiritualmente significativo*”. Valores antigos são superados e descartados, valores novos, que ocupem o lugar dos antigos, não se apresentam ainda muito claros ou definidos e nesse “vácuo” intermédio de indecisão, o que firmar? Esta é uma constante interrogação do “herói” dalcidiano. Talvez estejamos no limiar de uma época em que o homem deva ser entendido, entretanto, não como “Eu”, mas sim como “Tu” --- “*...como aquela presença estranha com a qual devem as forças do egoísmo chegar a um acordo, presença por meio da qual o ego deve ser crucificado e ressuscitado e á cuja imagem a sociedade deve ser reformada*” (CAMPBELL, 2006, p. 375). Terminamos esta nota ainda com as expressivas palavras de Joseph CAMPBELL (2006): “*O herói moderno, o indivíduo moderno que tem a coragem de atender ao chamado e empreender a busca da morada dessa presença, com a qual todo o nosso destino deve ser sintonizado, não pode --- e, na verdade, não deve --- esperar que sua comunidade rejeite a degradação gerada pelo orgulho, pelo medo, pela avareza racionalizada e pela incompreensão santificada. “Vive” diz Nietzsche, “como se o dia tivesse chegado”. Não é a sociedade que deve orientar e salvar o herói criativo; deve ocorrer precisamente o contrário*” (2006, p. 376).

³ NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy e PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia – Literatura & Memória*. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Instituto Dalcídio, Jurandir, 2006. (p. 173).

⁴ Tucumã: s.m.: *Astrocaryum tucumã* Mart; fruto do tucumanzeiro; palmeira da região amazônica; seus frutos oleosos e codes servem para sucos, mas podem, segundo R. Assis, servir para tecer redes de dormir ou pescar.

soalho que, veloz, como que corre para debaixo da rede do Major. “*E agora?*” (CCC, 1998, p. 401) – Interroga-se o menino.

Alfredo depara-se então com uma terrível situação. Aliás, situação melindrosa para um menino, mas que se lhe impõe de forma quase tão naturalmente inconveniente. Acaso poderá ele esquecer o caroço, dando-o como que perdido? Enfim, como ignorar o caroço se com ele o menino poderia realizar maravilhas num mundo de “faz-de-conta”? Esquecer o caroço ou dá-lo por perdido significava acabar por excluir-se do acesso a esse mundo mágico de concretização fácil dos sonhos e desejos. Dos possíveis e impossíveis.

Eram esses, em síntese, os poderes desse mágico carocinho: “*Com um carocinho daqueles imagina tudo*” (CCC, 1998, p. 191). Mais ainda, tudo que em sua vida era perdido ou não adquirido (desejado) existirá pelo sortilégio do carocinho: “*O Anglo-Brasileiro era já um sonho perdido. Existia na bolinha*” (CCC, 1998, p. 313). O caroço de tucumã possuía até o condão de substituir as fadas: “*As fadas morreram, o encanto vem dos tucumãzeiros da Amazônia*” (CCC, 1998, p. 374). Enfim, “*O carocinho tem a magia, sabe dar o Universo a Alfredo*” (CCC, 1998, p. 374). Dentro do carocinho se escondiam todos os poderes do sonho, toda a graça do maravilhoso (CCC, 1998, p. 378). Por tudo isso, é fácil de entender que “*Só a bolinha tomava corpo de gente, era uma amiga*” (CCC, 1998, p. 250).

Esquecer o caroço representava afinal dispensar, e não sem dor, todas essas boas possibilidades oníricas e, concomitantemente, passar a olhar a realidade da vida de frente e dispor-se, sem mais, a enfrentar os desafios existenciais no “mano a mano”.⁵ Tomar uma

Assis apud Paulo Nunes: *Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir*. Belém: UNAMA, 2001.

⁵ Adentramo-nos na questão referida ao *fenômeno projetivo* ou conceito psicanalítico de *projeção*, isto é, ao “*duplo movimento dentro/fora*” ou aos “*processos de identificação, os quais puderam ser definidos precisamente por esse par introjeção/projeção*” (MIJOLLA, 2005, p. 1434). Trata-se do “*limite entre a realidade psíquica, percebida como tal pelo sujeito, e o mundo circundante, concebido como existindo de sua própria existência além de toda a onipotência do pensamento*” (MIJOLLA, 2005, p. 1435). Trata-se da questão do **sonho desperto**, do **devaneio**, em que “*... o mundo é então transformado, até mesmo criado, pela realidade psíquica, mas uma realidade psíquica que sabe o jogo criativo*” (MIJOLLA). Nesse sentido, podemos afirmar que o “Herói” dalcidiano (Cf. nota n.º 2, p. 18) neste contexto se aproxima da definição que G. Lucács nos apresenta sob a definição do “*herói demoníaco*”, no sentido daquele que, inquieto e inconformado, se insurge contra o sistema e acaba por transformá-lo, em certa medida. Este processo criativo de transformação do mundo, todavia, é introjetado pela personagem, ou seja, trata-se de um fenômeno meramente intrapsíquico, pois participa de um jogo cujas regras são exclusivamente internas e que acabam por não possuir nenhuma implicação direta na transformação da realidade. Este é o ponto central que acaba por distinguir o “herói” dalcidiano, representado pela personagem Alfredo, em comparação com a concepção luckcasiana. Segundo MIJOLLA (2005), “*Freud, presidirá ao nascimento das primeiras representações, definidas precisamente pelo sentimento: ‘Isto está em Mim, e não atual e realmente fora de Mim’. É evidente que não se pode, em nenhum caso, considerar como ‘patológico’ um tal processo fundador da própria vida psíquica*” (2005, p. 1435). Cumpre distinguir então duas funcionalidades de projeção que acabam por ser complementares, e ambas assentam na personagem Alfredo. “*Por uma parte, uma função defensiva, quando se trata de expulsar do espaço intrapsíquico o que para ele é causa de desprazer, ameaça, etc.; por outra parte, uma função elaborativa, quando essa expulsão instaura e consolida a indispensável diferenciação dentro/fora. Daí poderem se instaurar muitos equilíbrios dessas duas*

decisão, naquela noite, face ao desafio que se lhe apresentava, requeria não apenas uma boa dose de coragem, mas sobretudo maturidade. O que não é nada fácil para uma criança!

Caso Alfredo opte por recuperar o carocinho que se esgueirara para debaixo da rede do Major, para não dá-lo por perdido, isso representaria, em primeiro lugar, enfrentar seu próprio medo e ter que vencê-lo; e, em segundo lugar, confrontar-se principalmente com o Major, na figura paterna. Tal decisão exige um esforço quase supremo por parte do menino, para o qual, talvez naquela hora, o garoto não tivesse condições de corresponder satisfatoriamente. No momento, o desafio está lançado e a resposta do personagem será decisiva.

Aqui mesmo, todavia, se encerra o romance. Termina, em verdade, num momento de receosa expectativa de Alfredo: “*Sem coragem para recolher o carocinho, com medo que Major tivesse visto e quisesse ralhar, Alfredo se aquietou na rede e esperou que seu pai ao menos se levantasse para ouvir Salu, na saleta...*” (CCC, 1998, p. 401). Nesse contexto final, medo e espera são as palavras-chave.

Nesse momento crítico, a figura paterna insurge-se aqui como um obstáculo desafiador. Segundo o professor Paulo Nunes e Josse Fares (2003): “*Ele representa o corte. O caroço, símbolo do imaginário, é interceptado pela lei do pai. É chegada a hora de Alfredo deixar os campos de Cachoeira ir cumprir seu destino em Belém...*” (ASAS DA PALAVRA, 2004, p. 64)⁶.

Não! Ainda não era a hora de partir para Belém, pois a personagem teria que amadurecer e com isso passar por mais algumas experiências decisivas, conforme avaliaremos mais adiante, e que serão apresentadas no romance *Três casas e um rio*, de Dalcídio e que acabará por fechar o ciclo interiorano com a partida de Alfredo para Belém.

O que significa confrontar-se consigo próprio face à figura paterna? Confrontar-se com a figura paterna e até mesmo superá-la é um ato que simboliza crescimento e

funcionalidades. Se a função defensiva prevalece, a projeção está a serviço da ignorância e o mundo assim construído povoa-se de figuras hostis: trata-se, nesse caso, da projeção que Freud qualifica de “patológica” desde seus funcionamentos neuróticos relativamente menores até às construções delirantes da psicose. Se predomina a função elaborativa, trata-se no prolongamento dos primeiros processos de individuação, de manter e de afirmar uma complementaridade do Eu e do que ele tem de conhecer.” (MIJOLLA, 2005, p. 1435). Pode-se identificar em Alfredo a função projetiva defensiva, quando ele, de certo modo, sente trilhar os mesmos caminhos de Eutanázio, se assumindo como sujeito *gauche* e, portanto, sintonizado com o “princípio da realidade” ou do desprazer; por outro lado, Alfredo assume uma projeção de função elaborativa, a serviço do “princípio do prazer”, quando acontece uma identificação projetiva “realista”, que ocorre, principalmente, quando ele sai de casa dos pais, em Cachoeira, e passa a viver uma vida mais autônoma na cidade de Belém. Aqui, não se trata mais de fugir da realidade, mas de a modificar, “*a fim de poder reintegrar sem danos as más projeções e favorecer a introjeção dos bons objetos*” (MIJOLLA, 2005, p.1453). Veremos, todavia, no final do Ciclo, que apesar de haver a transformação da personagem, fruto do amadurecimento e do progressivo processo de individuação, não ocorre, infelizmente, a transformação substancial da realidade. A interrupção do Ciclo corresponde, se assim o podemos dizer, a certa perplexidade por parte da personagem.

⁶ FARES, Josse e NUNES, Paulo. *Palcos da Linguagem: uma leitura psicanalítica de Chove nos campos de Cachoeira*, p. 64.

amadurecimento e igualmente representa transpor aquilo que Lacan (1974)⁷ denomina de imaginário⁸. Tal expressão designa que, num estágio inicial de desenvolvimento da criança, não lhe é possível distinguir claramente entre o sujeito (Eu) e o mundo exterior (não-Eu ou objeto). Ela se confunde com sua imagem projetada no espelho. Com isso, não distingue o mundo real do mundo ficcional ou representado. É uma fase, portanto, de indiferenciação⁹. Aqui surge o caroço de tucumã com todo seu valor simbólico¹⁰.

Alfredo está em processo de formação e descoberta do Eu e do Mundo que o rodeia. Nesse processo doloroso e desafiador de crescimento e estruturação da personalidade, a bolinha de tucumã tem por objetivo recriar esse mundo a contento. Tanto o do sujeito quanto o do objeto. Isto é, fazê-los coincidir e diminuir grandemente as disparidades que eventualmente possam existir entre eles.

O caroço de tucumã, e novamente voltamos a ele, contextualiza-se ainda como um “fetiche”¹¹, um elemento com características compensatórias para aquilo que Freud¹²

⁷ Lacan (1901-1981) – “Psiquiatra e psicanalista, que nasceu numa família burguesa de ricos fabricantes de vinagres orleaneses de tradição católica (...) O fim da vida de Lacan é triste, marcada por conflitos teóricos e políticos... Jacques Lacan atravessou o século convivendo com os maiores espíritos do seu tempo, Joyce, Kojève, Dalí, Picasso, Bataille, Lévi-Strauss, Jakobson, Merleau-Ponty, Heidegger... Sofreu por ninguém ter realmente entendido o seu empreendimento. Sua tentativa exemplar, que está presente do começo ao fim de sua obra, foi a de querer encontrar, enfim, um fundamento teórico para essa fala do analisante que institui uma transferência e constitui assim o Outro como analista” (MIJOLLA, 2005, 1053-1056).

⁸ Segundo Alain de MIJOLLA (2005): “Imaginário, Simbólico e Real formam uma tópica central na obra de Jacques Lacan, sendo o Imaginário o campo do próprio Eu” (2005, p. 932). Mais adiante, acrescenta: “Mas para que um sujeito possa realizar-se, ele tem de encontrar ‘um guia para além do imaginário, ao nível do plano simbólico, que é o ideal do Eu’. Diz Lacan que esse ideal do Eu é o Outro enquanto falante. A partir daí, a ordem da linguagem – a ordem simbólica – conservará uma preeminência de valor sobre a ordem imaginária, rebaixada ao seu caráter de engodo. Só vinte anos mais tarde (1974-1975), com uma introdução do nó borromiano, o Imaginário reencontrará o seu lugar na tópica lacaniana, no mesmo plano do Real e do Simbólico.” (MIJOLLA, 2005, p. 932).

⁹ A esse respeito se expressa Olgária MATOS (1989) do seguinte modo: “A infância é uma época da vida na qual o espírito não se concebe claramente distinto do corpo, um período no qual a conservação da vida é a principal finalidade do pensamento. Nela, sensações e imagens são, literalmente, a realidade. O que procede do prolongamento desses “esquemas” mentais da infância é essencialmente confuso, expressando um estado no qual o que pertence ao espírito se encontra confundido com o que pertence ao corpo” (in. *O Iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*, p. 37). Por sua vez, Robert JOHNSON (1987), de acordo com a tradição, reconhece três estágios no desenvolvimento psicológico do homem: “O padrão arquetípico é aquele em que um ser passa da perfeição inconsciente da infância para a perfeição consciente da meia-idade e, depois, para a perfeição consciente da velhice. O ser caminha de uma plenitude ingênua, onde o mundo interior e o mundo exterior são unidos, depois passa para a separação e diferenciação entre esses dois mundos, acompanhado por um sentido de dualidade da vida, para finalmente – espera-se – atingir o ‘satori’, a iluminação, uma reconciliação consciente do interior com o exterior, outra vez, em harmoniosa totalidade” (1987, pp. 23-24).

¹⁰ Falando de Lacan (1974) e da fase do espelho, Umberto Eco (1989), na sua obra *Sobre os espelhos e outros ensaios*, afirma que: “o espelho é um fenômeno-limiar, que demarca as fronteiras entre o imaginário e o simbólico” (ECO, 1989, p. 12).

¹¹ A expressão relaciona-se a Fetichismo com a seguinte significação no contexto da dissertação: “Termo inventado por De Brosses (1709-1777) para designar o culto dos feitiços, ou seja, a organização de certas religiões primitivas em torno das relações mágicas entre o homem e diversos objetos materiais a que são atribuídos poderes ‘sobrenaturais’” (Gerard LEGRAND, 1986).

¹² Sigmund FREUD (1856-1939): “Nasceu em Freiberg (atualmente Priborg), na Moravia (a atual Eslováquia), e faleceu em Londres”. Já homem maduro “Ele vai trabalhar em diferentes serviços do Hospital Geral de Viena

denominou de “*princípio de realidade*”. Freud opõe esse princípio ao “*princípio do prazer*”. Segundo ele, em nossa vida ocorre a repressão do princípio de prazer em favor do princípio da realidade.

Essa é a situação terrível e ambígua de nossa sociedade que, se por um lado nos impele para a busca de uma satisfação imediata, ou seja, para a realização do princípio do prazer; por outro lado, não deixa de impor a segmentos inteiros da população o adiamento interminável dessa situação através da concretização do princípio da realidade, que, em não poucos casos, representa uma verdadeira repressão e um motivo de frustração. A sociedade moderna é tirânica em sua repressividade.

Para Alfredo, Cachoeira é como se fosse mantida sob a repressão do desejo (princípio da realidade) e o adiamento da satisfação (princípio do prazer). Num espaço como esse, que propicia um aprofundamento da insatisfação, acaba por se configurar como uma verdadeira sementeira de revolta e contenda – a casa de seu Cristovão, as bebedeiras de Dionísio, a frustração e o desejo temível de Lucíola, o comportamento agressivo e autodestrutivo de Eutanázio, etc. – desde muito cedo, tudo isso não passa, de modo nenhum, despercebido ao menino. Todavia, não é ainda muito conveniente avançarmos e falarmos sobre Cachoeira e o que ela representa para nossa personagem, pois o faremos mais adiante, em situação oportuna.

Mas por que não enfrentar logo a realidade, poderíamos nos perguntar? Dir-se-ia que o ser humano apresenta não poucas dificuldades de se deparar diretamente com a realidade e como resposta uma imensa capacidade compensatória de desenvolver ilusões amenizadoras, que podem justificar uma atitude compensatória às agruras da vida, por outras palavras, mas que freqüentemente acabam por ferir e se insurgem contra o princípio da realidade?

O estatuto ficcional da personagem nos apresenta Alfredo como uma criança. E quando nos referimos à realidade da criança não podemos deixar de considerar dois pólos referenciais que a ela estão ligados e que acabam por ser fundamentais para a estruturação da personalidade da criança: a figura materna (no caso de Alfredo, D. Amélia) e a figura paterna (o Major Alberto). A personalidade se constrói e se configura a partir da vivência da

para completar e aperfeiçoar sua formação. Como deu prosseguimento às suas pesquisas de anatomopatologia cerebral, interessou-se mais especificamente pela psiquiatria (no serviço do professor Meynert) e a neurologia nascente”. (MIJOLLA, 2005, p.781). Trabalhou no Hospital da Salpêtrière, em Paris, de 13 de outubro de 1885 a 23 de fevereiro de 1886, e realizou igualmente um estágio de neurologia no serviço do Prof. Jean Martin Charcot. “De regresso a Viena, instala em 25 de abril de 1856 um consultório para atender a clientela particular...” (MIJOLLA, 2005, p. 782). É considerado o fundador da Psicanálise.

representação dessas duas figuras. A Mãe representa a Vida e o Alimento; o Pai, a Lei e a Autoridade.¹³

O primeiro contato da criança é com a mãe, dela recebendo o alimento (leite) e o calor (carinho). A boca da criança passa a ser um órgão de sua sobrevivência. É a mãe ainda, que, posteriormente, possibilita a integração do filho à sociedade: “*É provavelmente, ao sentimento de contato materno que devemos agradecer a maior parte do sentimento humano, de solidariedade e também a existência da cultura*”¹⁴; segundo Adler (apud DOUCET). E acrescenta: “*o amor da mãe, no sentido de uma relação humana, é imprescindível para a adaptação ao mundo e à socialização*”¹⁵.

Quanto à figura paterna, em contrapartida, surge num momento posterior e vai desempenhar um papel determinante, especialmente no caso do menino (complexo de Édipo). O pai representa a transição do princípio do prazer (o desejo incestuoso pela mãe), que referimos acima em outro contexto, para o princípio da realidade, ou seja, do âmbito fechado da existência na família para o meio amplo da sociedade, em geral (vida civil). Aquilo que somos, em adultos, e o lugar que ocupamos na sociedade, tanto quanto da mãe, dependem dessa relação com a figura do pai, em nossa infância.

No mundo exclusivamente patriarcal (situação que se adapta bem ao Marajó do romance), tudo acaba por se centrar no poder, na luta, e na força de vontade, segundo Adler¹⁶ (DOUCET). A ordem simbólica é a ordem sexual e social patriarcal da moderna sociedade de classes estruturada em torno do “*significante*” do falo. É a sociedade falocrática a que se refere Erich Fromm¹⁷ – dominada pela lei que o pai representa, senhor absoluto da casa e dos seres que a habitam. É uma sociedade dogmática, essa uma das suas características, pois é pelo dogmatismo daqueles que possuem o poder sexual e social, que o domínio é mantido.

¹³ “*Os pais tornam-se os primeiros modelos, por uma parte, das figuras internas protetoras e solícitas e, por outra parte, figuras internas vingativas e perseguidoras; essas primeiras identificações que o Eu elabora constituem o alicerce do Supereu. Algumas das características mais importantes do Supereu, o seu aspecto amoroso e protetor ou destrutivo ou devorador, provêm dos primeiros componentes maternos*” (MIJOLLA, 2005, p. 1113-1114).

¹⁴ DOUCET, Friedrich. *A Psicanálise – Freud, Adler, Jung*. (p. 51)

¹⁵ DOUCET, Friedrich. *Ibidem*. (p. 128).

¹⁶ Alfred Adler (1870-1937): “*Ele considerava o indivíduo em sua totalidade, incluindo os aspectos sociais e sociológicos, e partia do sentimento de inferioridade da criança pequena, de sua compensação e da busca do poder e da supremacia, assim como do sentimento de pertença à coletividade do indivíduo. Adler considerava o desenvolvimento psíquico como a função de um plano de vida inconsciente, na verdade um estilo de vida, desde os primórdios da infância, e os sintomas ulteriores deviam ser compreendidos por ele sob esse ângulo...*” (MIJOLLA, 2005, p. 27).

¹⁷ Erich Fromm (1900-1980): Esforçou-se por operar a síntese dos princípios marxistas e freudianos. “*Fascinado pelo problema da mudança social, quis esclarecer os problemas sociológicos à luz da psicologia da profundidade, estudando as pessoas em seu contexto social próprio*” (MIJOLLA, 2005, p. 795).

Quais as influências diretas exercidas sobre Alfredo, pelas figuras materna e paterna? Em primeiro lugar, não é adequado considerarmos a criança como um sujeito unificado. E depois de David Hume¹⁸, o que se pode entender por sujeito unificado? Para o filósofo cético, nós não poderíamos formar nenhuma idéia do eu. E o que pensar do assunto quando nos referimos a poetas como Fernando Pessoa (fenômeno de heteronímia), a Mário de Sá-Carneiro (vivência de um eu dispersivo) ou, por exemplo, ao artista plástico brasileiro, Ismael Nery (múltiplos eus)?

Mas, já antes do Modernismo, isto é, desde a modernidade¹⁹, em Paris dos finais do século XIX, e mais acentuadamente com o Pós-Modernismo, que noções como subjetividade e sujeito são postos em causa, no sentido de se considerar irrisório o conceito de personalidade unificada. De certa forma, não deixa de ser um paradoxo, que na época em que mais se desenvolve o conceito de subjetividade e se aprofunda o de sujeito (final do século XIX e primeiras décadas do século XX), ocorre também o seu questionamento e a preparação para propostas desconstrucionistas.

Face ao exposto no parágrafo anterior, concluiremos facilmente pela dificuldade de olharmos para uma criança, qualquer que ela seja, como um sujeito unificado, no sentido de maduramente poder se confrontar com um objeto estável. Pelo contrário.

Teóricos há que nos auxiliam na compreensão desse fenômeno ao recorrer ao conceito de imaginário, quando consideram o estado de desenvolvimento inicial da criança (o mundo da infância), como um estado de indiferenciação. Quer dizer: Não é permitido ao ser distinguir “*clara e distintamente*” (curiosa expressão cartesiana que tão bem cabe numa dissertação!) entre sujeito (o eu) e o mundo exterior (não-eu ou objeto). A este nebuloso estado de indefinição, Jacques Lacan (1974) denominou-o de imaginário, como já anteriormente mencionamos.

E neste contexto, da esfera do imaginário, surge o caroço de tucumã como fator ou elemento compensatório para a ausência de qualquer centro definido do “eu”, no qual o “eu”

¹⁸ David HUME (1711-1776): Filósofo empirista e historiador inglês, criador da filosofia fenomenista, autor de um célebre *Ensaio sobre o Entendimento Humano*. (in *Dicionário Prático Ilustrado*, Volume segundo. Porto: Lello e Irmão Editores, 1966.

¹⁹ Em relação à **questão da identidade**, central desde a modernidade, Newton Santos (1994) refere o seguinte: “Essa questão de identidade constituiu-se, por isso mesmo, num problema central da modernidade. A identidade é um conjunto mais ou menos ordenado de características que busca responder a uma pergunta fundamental – quem sou? A construção da identidade individual opera **através da diferença**, do perfil que se convencionou atribuir a cada ser humano, no grupo a que pertence. Por contraste, a identidade coletiva opera **pela semelhança**, traduzindo uma visão compartilhada que um grupo de indivíduos apresenta” (SANTOS, 1994, p. 26).

que possuímos parece como que se transferir para os objetos e os objetos para ele, numa recíproca e incessante troca.

À medida que a criança for crescendo, ela não deixará, porém, de fazer essas identificações imaginárias com objetos. Constatamos que esse fato ocorrerá posteriormente, numa fase existencial mais avançada e amadurecida, com Alfredo, “*flanando*” já pelas ruas de Belém e não deixando, assim mesmo, de pensar no seu carocinho...

O ego será edificado precisamente através desse processo, visto que o ego²⁰ é, entre outras múltiplas definições, esse processo narcisista pelo qual fomentamos um senso fictício da unidade do eu, encontrando alguma coisa no mundo com a qual eventualmente nos podemos identificar.

Ora, se existe um espaço físico, ambiental e social, onde essa identificação poderá ocorrer, será no seio da família e da comunidade (mundo) onde nos encontramos situados. Essa é a nossa realidade. Entendida, na verdade, como algo socialmente construído. Em relação ao romance encontramos-nos num meio interiorano tradicional da ilha do Marajó: Cachoeira. Cujas tramas ocorrem nas primeiras décadas do século passado, para temporalmente nos situarmos. Uma situação, portanto, que nos faz sentir razoavelmente distanciados no tempo e isolados pela insularidade do meio geográfico.

Quando falamos em família pensamos, além dos irmãos e/ou irmãs, principalmente nas figuras materna e paterna. Sobretudo na época a que o romance se refere, visto que em relação aos tempos de hoje, o conceito de família sofreu profundas alterações. E devemos estar alertados para o fato de que, cada família assim como cada grupo humano, mais ou menos amplo, é por natureza um espaço criador de ilusões. Nesse sentido, estamos gradualmente nos adentrando no âmbito do processo educativo ou formativo do ser humano, que depois se estenderá da família à escola e, desta, à sociedade, através de círculos concêntricos simultâneos e cada vez mais amplos.

O processo educativo ou formativo, em nossas sociedades – principalmente nas sociedades ou comunidades fechadas, como são sociologicamente consideradas as comunidades camponesas, e a Cachoeira do romance (e devemos nos reportar essencialmente à Cachoeira das duas primeiras décadas do século passado, contexto do romance, e não à atual, que, segundo a Prof^a. Marli, pode ser considerada um centro urbano, sendo esta a

²⁰ Alertamos para o fato de que a noção de “ego” é extremamente complexa. A que indicamos acima, no corpo do trabalho, explicitando-o como *processo narcisista*, é a que encontramos como mais pertinente para o desenvolvimento de nosso assunto. No sentido de concebermos o ego como uma instância essencialmente derivada do corpo e assim “*ligada à percepção, ao invólucro, é um ‘ser de superfície’, e também ‘projeção de uma superfície’*” (MIJOLLA, 2005, p. 537).

moderna acepção para as cidades que estão localizadas próximas ao meio rural) é um exemplo típico do que vimos afirmando – não tem por base partir do sujeito (enquanto indivíduo), para que dele emergjam as potencialidades próprias trabalhadas e que possam se concretizar através de uma expressão pessoal original e única, mas consiste, sobretudo, na inculcação de valores objetivando cimentar as relações sociais ou, por outras palavras, de cuidar ideologicamente da manutenção do *status quo*, com a finalidade de que essas sociedades ou comunidades possam conviver numa relativa (controlada) harmonia necessária à sobrevivência do grupo como um todo.

Em outros setores da sociedade, noutros grupos, em contrapartida, é não apenas permitida, mas até mesmo estimulada a mudança e a transformação. Ao contrário das comunidades camponesas, em que não respeitar ou desconsiderar as regras estabelecidas dos respectivos grupos, entre si e no relacionamento em si, é considerado um ato transgressor e, portanto, passível de punição.

Nosso personagem, Alfredo, tanto em Cachoeira, mesmo que inicialmente de um modo atenuado e até ingênuo, quanto depois na cidade de Belém, e sobretudo aqui, sempre questionou criticamente a formação acadêmica através da Instituição apropriada para esse fim – a Escola – enquanto um dos mais relevantes aparelhos ideológicos do Estado (Louis Althusser), como entidade desvinculada da realidade e fonte de alienação. Mas não deixou de fazê-lo menos, no entanto, em relação à Família, de acordo com a sua experiência vivencial e expectativas existenciais.

Sabemos que toda a educação deve assentar numa postura antiautoritária²¹. Porém, tanto o mimo excessivo -- e não podemos considerar de modo nenhum nossa personagem como um menino mimado – apesar de ter sido esse o papel desempenhado por Lucíola durante um bom período de ascendência na vida de Alfredo, tentando sobrepor-se à mãe biológica, D. Amélia, e sempre depreciando esta no desempenho de seu estatuto materno; quanto a severidade e a rigidez, que acabam por causar ou incutir temor na criança, postura típica atribuída ao Major Alberto, da Guarda Nacional, são atitudes igualmente prejudiciais.

O mimo extravasado por Lucíola, ao tentar transformar o menino num bonitinho “bibelô”, teria por provável objetivo entravar o desenvolvimento de Alfredo e impedir o seu

²¹ Paulo Freire (2005) apela para uma educação que possibilitasse ao ser humano a discussão da sua problemática. Mais ainda: “*De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio ‘eu’, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispuesse a constantes revisões. À análise crítica de seus ‘achados’.* A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão.. *Que o identificasse com métodos e processos científicos*” (FREIRE, Paulo. *Educação como prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005).

sentido de independência. Lucíola não pode ser mais explícita ao confessar abertamente seu desejo de que Alfredo não crescesse, se mantivesse sempre pequeno, enfim, manipulável e dependente. Complementar a esse seu desejo, a decepção: “*Alfredo crescia. Era uma ingratidão bem humana aquela do tempo*” (CCC, 1998, p. 209).

Essas atitudes conduzem a conseqüências funestas, pois implicam na formação de um esquema de vida fictício e parasita, que acaba por impedir no ser humano o desenvolvimento normal de interesses sociais e torna-se sinônimo, não poucas vezes, de inaptabilidade, de atitude receosa e de tendência à exploração e ao egoísmo.

À semelhança do que foi e representou no romance a figura de seu irmão Eutanázio, Alfredo estava encaminhando-se em Cachoeira para tornar-se igualmente um indivíduo “*gauche*”, perdido, deslocado, quase sem estímulo ou sentido para a vida: “*Alfredo deixava em si terras incultas que mais ninguém cultivaria: grandes trechos perdidos para sempre*” (CCC, 1998, p. 249).

Desde o início do romance, ainda quando Alfredo retornava cansado dos campos queimados, bem tarde, e comparava os campos escuros de Cachoeira com aqueles outros, cheios de flores, os campos da Holanda, torna-se-nos patente que o menino sente-se como que deslocado em Cachoeira... Como um peixe fora d’água! Não gosta do lugar, deseja por tudo poder sair. É forte esse seu sentimento de inaptabilidade ao meio. O seu egoísmo, indiferença e até mesmo desprezo, assim podemos dizê-lo, pelos outros meninos e meninas se revela inequivocamente na forma rude e grosseira de como ele os/as acolhia quando estes(as) batiam na porta do chalé.

A situação vivenciada em Cachoeira era insuportável para o nosso “pequeno herói”. Sufocante. O “*princípio de realidade*” tal como se apresentava não deveria ser simplesmente aceito. Mas não havia também perspectiva alguma de mudá-lo. Urgia a criação de um mecanismo, freqüente, que servisse de compensação à triste e dura realidade. A fantasia, a utilização do imaginário, esse foi o recurso encontrado e praticado pelo menino, expresso através da ilusão e devaneio causado pelo caroço de tucumã. E eventualmente, quando, vez ou outra, o caroço não se mostrava eficaz, Alfredo desejava – e chegou a tentar por duas vezes – a fuga: Alfredo desejava fugir de Lucíola, do chalé, de Cachoeira (CCC, 1998, p. 314).

O *sentimento de temor* crescia nele: “*Sempre tinha medo desse escuro que fica na porta dos compartimentos sem luz (...)* As visagens que Lucíola contava e os pensamentos e as histórias que saem da cabeça de Eutanázio” (CCC, 1998, p. 299). Temor do Major, mais adiante falaremos da figura paterna. O afeto relacionado com o temor, esse sentimento ambivalente, segundo Adler (DOUCET), é típico dos indivíduos mimados (o que não é o caso

propriamente de Alfredo, de modo nenhum) e contém uma tendência agressiva (o que não poucas vezes, todavia, se constata já no menino mesmo).

Elisabeth Rondinesco, historiadora e uma das biógrafas de Lacan²², escrevera que a psicanálise na visão de Lacan teria sido uma tentativa de revalorização da função paterna. Ela justifica a sua assertiva através do seguinte pensamento:

A psicanálise nasceu das interrogações suscitadas pelo declínio do patriarcado e o crescimento do feminismo, e, de outro, foi uma tentativa de responder a isso. A teoria do Édipo em Freud seria uma tentativa de revalorizar a “*imago*” paterna. Lacan percebe isso claramente desde 1938 e é através do simbólico que tentará revalorizar o pai. (...) Revalorização não através de uma figura autoritária e fascista e sim pela linguagem – o pai reaparecendo investido de uma potência de linguagem (FOLHA DE SÃO PAULO, 1994, Suplemento Mais, p. 04).

Tanto quanto o temor, ou mais ainda, Major Alberto mantém-se indiferente em relação a todos os seus filhos. E talvez este seja o pior sentimento expresso por um ser humano, sobretudo da parte de um pai para com os seus filhos... “*Major Alberto continua indiferente ao seu futuro mas dona Amélia se queixa que Alfredo acaba se perdendo em Cachoeira*”. Enquanto Alfredo crescia, o Major ia ficando “distante”.

A leitura acerca da figura paterna do Major Alberto revela-nos este como uma figura meio inexpressiva, simpática e bonacheirona, mas de modo nenhum um protótipo daquele tipo apontado por Lacan e já previsto por Freud como “*imago*” paterna, revalorizada pela linguagem, potência de linguagem, como alternativa à inconveniente figura autoritária e fascista do Patriarca.

O temor que o Major possa provocar nos filhos, se não é fortalecido por uma imagem autoritária da figura paterna, pois dir-se-ia que o Major não apresenta força ou energia suficiente para tanto, sob o disfarce de sua atitude bonacheirona, é, todavia, quase como que desconsiderado quando posto em confronto com o seu real desinteresse e distância, pura alienação pela vida real e concreta daqueles que estavam sob seu cuidado. Enfim, um sonhador, assim o considerava a esposa!

Quanto a sua mãe, D. Amélia, num primeiro momento, ela é motivo de desafio para Alfredo, por conta de sua cor negra. Ele se divide entre uma mãe negra e um pai branco. Essa

²² Utilizamos aqui uma referência em relação a Lacan, pela sua justificativa da *revalorização da função paterna*, através de uma das suas biógrafas, Rondinesco, por acharmos pertinente em nossa análise da figura do Major Alberto. Tal atitude, porém, é excepcional, e o mesmo podemos dizer igualmente de outras menções ou referências esparsas a outros autores, tais como Freud, Alfred Adler, Erich Fromm, visto nosso enfoque teórico preferencialmente sobre Carl Gustav Jung.

diferença étnica parece confundi-lo, mas logo vê na mãe umas mãos miraculosas: umas mãos boas para tratar feridas (CCC, 1998, p. 120).

Sua mãe era uma pessoa que gostava de cantar (CCC, 1995, p. 147). Cantando, D. Amélia se lembrava dos igarapés sombreados, de sua terra (Muaná), de sua mãe, dos açaizeiros com açaf pintando nos cachos, de montarias deslizando na maré, dos remeiros com os remos suspensos, dos camarões pulando no rio (CCC, 1998, p. 252).

No entanto, se em CCC D. Amélia é a figura referência, pois ela nos é apresentada como o suporte e a coluna do chalé, no sentido de inspirar confiança, aconchego e segurança, em *Três casas e um rio*²³, poucos anos depois, no entanto, já mulher madura, sua vida passa por uma fase crítica, devido a uma sucessão de fatos mais ou menos determinantes: a bebida, a discórdia e briga com o Major, a morte de Mariinha, a expectativa de partida e a nova morada de Alfredo, a partir dos quais a imagem de D. Amélia configura-se como a de uma mulher desgastada, crítica e instável.

Passou a ser vista não mais como uma senhora, e isso apesar de sua negritude, mas tida como uma simples empregada negra do Major... Tal transformação da mãe não passou despercebida a Alfredo: “... sobre aquela escuridão e desordem que vinham do rosto de sua mãe” (TCR, 1994, p. 211). Outras passagens dessa obra não são menos pertinentes quando nos mostram D. Amélia refletindo de olhar fixo nos campos: “*Meu primeiro filho afogou-se. Minha filha agora. E Alfredo, o que será dele?*” (TCR, 1994, p. 263). E quanto ao Major: “*Ouvia os recentes tombos dela no chalé, a tentativa de incendiar o mosquiteiro com a lamparina, os gritos no quintal, a expressão de fúria, o terror do filho embrulhando-se na rede*” (TCR, 1994, p. 377).

Há duas referências relacionadas com o ciclo existencial que dizem respeito a D. Amélia. Uma marca a origem e a outra o fechamento desse ciclo. Uma representa como que um nascimento ou ressurreição; a outra, como que uma morte simbólica. Ambos os momentos são marcados por festas.

A origem é referenciada a partir do “*último carnaval*”, correspondente à fase de despedida de solteira. Abre, portanto, um espaço de radiosa e promissora probabilidade. Como que um novo nascimento, com tamanha mudança de vida...

O término do ciclo é marcado com a festa do boi-bumbá do Situba, no dia de S. Marçal, com D. Amélia uma mulher já madura e vivendo uma crise de ciúmes provocada pelo

²³ Sempre que nos referimos a este romance de Dalcídio Jurandir (1994) utilizaremos a sigla TCR. Acrescentamos que nos servimos da 3. edição da CEJUP, de 1994.

Major com a professora portuguesa, recém chegada a Cachoeira, e os primeiros sintomas de “doença” (alcoolismo).

No primeiro momento, registra-se a morte do negro Damiano, apaixonado por D. Amélia; próximo a nós, a morte de Dionízio. Se em relação ao início do ciclo temos a briga de Esmeralda com D. Amélia, por motivo de ciúmes, pois aquela disputava o amor de Damiano e via nesta uma rival; no dia de S. Marçal, D. Amélia briga com D. Finoca Gouveia. Se no primeiro momento, Esmeralda toma conhecimento do que se passou nos últimos momentos de vida de Damiano (confissão e postura de D. Amélia); no término do ciclo ocorre igualmente uma descoberta, desta feita por parte da mãe de Alfredo, em relação a algo que estivera velado por muitos anos (a fofoca de que Alfredo seria filho dela e de Rodolfo).

O ciclo de D. Amélia coloca o presente perante o passado. É Mariinha que pergunta à sua mãe se ela estudara: “*Eu estudei cortando seringa, minha filha.*” (TCR, 1994, p. 183). Outro fato marcante que jamais esquecerá foi o da morte de seu primeiro filho: “... *os olhos no chão vendo as crescidas águas de março nas Ilhas que levaram seu primeiro filho*” (TCR, 1994, p. 183); e relacionado com esse fato: “...*a aventura nas Ilhas, a coça que o irmão mais velho lhe dera quando a viu prenha; (...) de pai que até hoje não se sabe quem foi?*” (TCR, 1994, p. 49). Enfim, “*Via-se (...) de joelho ralado de tanto subir nos troncos do açazeiro...*” (TCR, 1994, p. 193).

No presente, e principalmente após a morte de Mariinha, a situação do casal vai se deteriorando cada vez mais a ponto de chegar à agressão física: “*Bata, bata, se se atreve!*” (TCR, 1994, p. 210) e acrescenta: “*Seu pai já uma vez me deu no rosto*” – confessa D. Amélia ao filho (TCR, 1994, p. 214).

Além desse quadro familiar, constatamos que outros fatores desempenharão uma influência determinante no desenvolvimento da personagem. Por exemplo, não poucos volumes que compõem os dez do ciclo Extremo Norte apresentam-nos vários (as) contadores (as) de estórias. A esse respeito Vicente Salles (2006) escreveu um artigo que compõe o *VII caderno das jornadas do conto popular paraense*, em uma Microedição do Autor²⁴. Consta o caderno de um conjunto de oito contos que nos são apresentados no volume recém publicado (dez. de 2006) pela Secretaria de Cultura (SECULT), pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), em parceria com o Instituto Dalcídio Jurandir (IDJ).

As mais variadas estórias que chegam aos ouvidos de nosso herói são igualmente provenientes de fontes diversas. Não apenas os catálogos do Major avivam a fantasia do

²⁴ SALLES, Vicente. *Dalcídio Jurandir, contador de estórias*: In *Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia: Literatura & Memória*, p. 220-229.

menino, mas, sobretudo as estórias contadas principalmente por Salu (estórias de cavaleiros e princesas), por Lucíola (estórias de visagens) e até Eutanázio (estórias de suspense, se assim o podemos dizer) não menos provocam a imaginação de Alfredo.

Mas os testemunhos que nos interessam e que povoam de modo substancial o imaginário da personagem são os que dizem respeito à cidade de Belém. Eles são provenientes basicamente de duas fontes: de Dona Rosália, mãe de Lucíola, e que morou por um período mais ou menos longo na capital; e os de seus próprios pais, o Major Alberto e Dona Amélia, quando em tempos idos, uma ou outra vez, se deslocaram a Belém.

D. Rosália foi determinante na ação desenvolvida a respeito do imaginário do menino, no que diz respeito à cidade de Belém, motivo das expectativas de Alfredo, pois “*Siá Rosália lhe contava quando vinha de Belém*” (CCC, 1998, p. 188). Trazia-lhe senhas de passagens de bonde diante das quais Alfredo “*Embevecia-se olhando as senhas que Siá Rosália lhe dava...*” (CCC, 1998, p. 188). E logo a imaginação do menino corria solta aos sete ventos... “*... como se elas lhe contassem a maravilha dos bondes mágicos correndo pelos fios elétricos*” (CCC, 1998, p. 188). A cidade de Belém transmutava-se como que alquimicamente na fantasia do personagem: “*Então a cidade para Alfredo era um reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos*” (CCC, 1998, p. 188).

O Major Alberto e D. Amélia também lhe haviam testemunhado, em várias oportunidades, acerca das suas (deles) experiências de Belém. Contavam-lhe estórias sobre a festa do Círio de Nazaré, o Teatro da Paz, enfim, sobre a cidade do asfalto e das benesses.

O mais importante, no entanto, é que os pais certa vez o fizeram acompanhá-los em viagem até à capital. Oportunidade única na vida do menino, conhecer diretamente a cidade que alimentava em sua imaginação e que tanto desejava conhecer! Todavia, o que resultou afinal dessa experiência? Resultou em algo que marcaria negativamente nosso herói quase lesando suas expectativas. O menino tentaria esquecer essa experiência da cidade, a Belém real, “*princípio de realidade*”, em troca da Belém do seu imaginário alimentada pelas estórias sobre a cidade, contadas pelos adultos.

A Belém real trocada pela Belém do imaginário. O que o carocinho produzia em relação às suas vivências de Cachoeira e às suas expectativas futuras, as estórias sobre a tão almejada capital produziam na cabeça do menino igual efeito. O que vingava e realmente interessava ao nosso herói era a sua experiência onírica, fruto do imaginário. Ele contrabalançava o “*princípio de realidade*” que Cachoeira representava. A vila de interior estava sendo efetivamente a primeira escola de vida do menino. Sem dúvida implicava numa

dura aprendizagem para a qual o herói não estava ainda preparado e que a todo custo procurava evitar.

A descoberta, mesmo que em passagem rápida, da cidade real, a Belém que se assemelhava à sua Cachoeira, não podia ser aceita por não apenas sobrecarregar mais ainda o já árduo “*princípio de realidade*”, mas ainda porque destruía irremediavelmente as felizes expectativas tão carinhosamente alimentadas pelo imaginário rumo ao “*princípio do prazer*” e da realização pessoal.

Alfredo nada tinha a ver com a Belém – e dessa procurava distância – da barraca escura e de chão acimentado de Mãe Ciana, “... *sem linha de bonde, sem passagem para automóvel, cheia de lama e moleques sujando papagaios*” (CCC, 1998, p. 188).

Sem perceber, gradualmente, nosso herói ia-se enredando na própria armadilha por ele construída com a ajuda dos outros. O desejo de sonhar, sobretudo de manter viva a capacidade de sonhar, de alimentá-la no dia-a-dia, em meio a um ambiente adverso à realização de sonhos e que se impunha afinal como um quase irremovível marasmo, esse se tornara o objetivo essencial na vida de nosso herói.

Havia que resistir. E a melhor forma de não ceder, segundo a personagem, era entregar-se ao imaginário (carocinho) e assim alimentar a fantasia em relação às expectativas futuras, que convergiam apenas para um nome: Belém.

Em si, humanamente falando, o projeto de Belém era válido. Ele representava a possibilidade de concretizar uma carreira de estudos e através destes adquirir um “*status*” social mais condigno. E com essa finalidade, quem esteve presente ao lado de Alfredo, em termos de estímulo e da criação de reais possibilidades para a consecução desse projeto foi sua mãe, D. Amélia.

Dona Amélia compreendia e ia ao encontro das expectativas do filho. O cerne da problemática vivenciada pelo personagem é vividamente sentido por D. Amélia, quando ela, em TCR, romance que representa o término do ciclo interiorano e que perspectiva a abertura para o ciclo urbano, exclama: “*Meu filho, tu não és da cozinha. Tu és do salão*” (TCR, 1994, p. 216). E não muitas linhas adiante, acrescenta: “*Um dia tu serás doutor. Não renegarás tua mãe. Serás um doutor. Desafio se disserem que não serás. Tu tens cabeça para a sabedoria*” (TCR, 1994, p. 216).

Curiosa chave esta que se nos revela na tensão dialética entre Cachoeira (interior) x Belém (capital), criada por uma neta de escrava, como uma oposição expressa entre cozinha x salão.

Cachoeira é o mundo de Alfredo que se abre para o espaço, como já vimos anteriormente, do caroço de tucumã. A dialética supra-instaurada releva o confronto entre a realidade e o imaginário, gerando um incessante movimento que vai do ato da vívida realidade nada fácil, traduzida pela dura e amarga vida interiorana, para a realidade potencial, expressa através do desejo e do imaginário, representada pela capital do Pará.

O interior, Cachoeira, é a realidade concreta (ato) do não-ser, ou, melhor dizendo do não-acontecer. Em compensação, a cidade de Belém (potência), representaria o provável vir-a-ser. Esse confronto de caráter filosófico ato x potência, transferido para a linguagem existencial (ou da psicanálise) significaria a luta pela sobrevivência, a realização da vida (Eros) contra o império da morte (Thanatos).

Essa a problemática antes enfrentada no romance *Chove nos campos de Cachoeira* pela figura de Eutanázio (sugestivo o nome do personagem que já em seu bojo onomástico se relaciona com morte: “*Eutanásia*”), personagem *gauche* e condenado a sair de cena logo no romance embrionário, por desenvolver atitudes e uma postura que o remeteu ao seio de Thanatos. Contra destino contrário, dir-se-ia, procuraria projetar-se Alfredo, personagem que se tornaria o herói do ciclo Extremo Norte, ao tentar colocar-se na órbita do “*princípio do prazer*” ou de Eros.

Em nossa perspectiva, não apenas Eutanázio se configura aliado de Thanatos, mas a partir da visão de Alfredo – num olhar mesmo que superficial sobre Cachoeira – é já toda a vila-cidade, enquanto ambiente que expressa essa realidade. Não-ser. Falamos sobre esse assunto já algumas páginas atrás. Manter-se nesse ambiente é pactuar e alinhar com Thanatos. Há que sair. Há que olhar para frente. Então, Alfredo “... *sondava a cidade, a verdadeira infância de onde os meninos pudessem saltar para uma vida que ainda não havia*” (TCR, 1994, p. 222).

No entanto, a vila de Cachoeira pode apresentar um outro sentido, não previsto nem vivenciado pelo menino, e que não deixa de apresentar aspectos positivos. Quer dizer: se Cachoeira é, por um lado, um verdadeiro empecilho e fonte de tropeço para Alfredo, ela representa, por outro lado, e este fato não é percebido pelo personagem, um estímulo ao verdadeiro crescimento e amadurecimento humanos.

É como que um estímulo pelo avesso, sem dúvida, mas não deixa de funcionar como um estímulo. Através do sentimento de amargura que o meio lhe inspira e do conflito que daí brota, forças-motrizes determinantes poderiam desenvolver-se e conduzi-lo a superar efetivamente a situação de negatividade, seu medo e a lançar-se na “aventura da vida”.

Qual foi então sua decisão? Alfredo optou não por vivenciar o momento presente²⁵ e o que Cachoeira lhe oferecia, mas projetar sua vida presente no futuro que viesse a ser representado como ele esperava pela “conquista” da cidade de Belém. Esse foi seu “calcanhar de Aquiles”²⁶. O que poderia ser sua força transformou-se em fraqueza. Não querendo avançar em demasia, pois ainda não é o momento oportuno, sabemos de antemão que Belém tornar-se-á numa fonte de novas decepções e desilusões, mas que se imporão como novo desafio. O menino não podia ainda imaginar o que verdadeiramente o esperava em Belém. No momento só tinha clara consciência de uma coisa: “*Queria libertar-se daquela tirania de ilusões e de mentiras, de medo e de faz-de-conta*” (TCR, 1994, p. 221).

Mas se Alfredo tivesse fincado bem seus pés no chão e enfrentado realmente a situação, o que revelaria por si maturidade, teria com essa atitude provavelmente recebido um forte impulso no rumo da resolução do seu impasse existencial. O medo, a mentira e a ilusão começam a se resolver internamente e não depende concretamente de um espaço físico mais ou menos ideal para a sua realização.

Concluo então que Cachoeira, na infância de Alfredo, mesmo que inicialmente a um nível inconsciente e não amadurecido, desempenha a função de um espaço que causa inquietude e mal-estar e que, portanto, poderia funcionar como um desvelamento ideológico da realidade. Mas para tal amadurecimento e reconhecimento é necessário tempo, acontecimentos, ocorrências de fatos, acúmulo de experiência de vida, enfim tudo coisas que não rimam com a realidade da criança.

As conclusões que tiramos da leitura do romance (TCR) é de que fica patente, quer para Alfredo quer para o Leitor, que Cachoeira enquanto participa de uma realidade insular (ainda enquanto campo e rio também) é sinônimo de insucesso. “*Aquele chalé era uma ilha de atribulações e de ódios...*” (TCR, 1994, p. 210 --grifo meu) induzindo-nos à lembrança do chalé de seu Cristovão (CCC), que, para Eutanázio e o Dr. Campos, por exemplo, era um verdadeiro “*pandemônio*”, e de tantas outras casas da vila, com certeza, como “*espaços*” ou

²⁵ A coisa mais necessária a um desenvolvimento criativo com o tempo é aprender a **viver a realidade do tempo presente**. A esse respeito afirma Rollo MAY (1987) que “*Se alguém olhar diretamente para seu íntimo só perceberá aquele instante da consciência naquele determinado momento presente. E a esse instante, que é o mais real, não se deve fugir*” (1987, p. 220). E mais adiante acrescenta: “*Não é tão fácil como parece viver no presente imediato, pois isso exige um alto grau de consciência de si mesmo, como um “eu” que sente. Quanto menos consciente de si mesmo como a pessoa que age, isto é, quanto mais cerceada e automática, tanto menos consciente estará do presente imediato* (MAY, 1987, p. 221).

²⁶ Montaigne (1972) escreveu: “*Nunca estamos em nós; estamos sempre além. O temor, o desejo, a esperança jogam-nos sempre para o futuro, sonhando-nos o sentimento e o exame do que é, para distrair-nos com o que será, embora então já não sejamos mais*”. E acrescenta uma transcrição de Sêneca: “*Todo o espírito preocupado com o futuro é infeliz*”. (MONTAIGNE, *Ensaio*, Livro I, Capítulo III, p. 17).

“universos” contraídos, não expansivos, “... *em meio do campo adormecido sobre o rio*” (TCR, 1994, p. 210-- grifo meu).

O insucesso que essa trilogia representa – ilha, campo e rio – e que caracteriza Cachoeira, vila marajoara, é expressa pelo isolamento proveniente da insularidade (ilhas) e da extensão repetitiva que advém dos campos. Esta extensão repetitiva aguça nossa visão para os planos longínquos e os azulados horizontes de mata. Tudo se torna sempre igual num perpétuo movimento comunicado pelo rio Arari. É este perpétuo movimento de isolamento e extensão repetitiva que caracteriza o interior como um espaço fechado e entediante. E dito expressivamente na obra: “*O rio que passava devagar, mas passava*”.

Simbolicamente a vida pode ser comparada ao correr ou fluir de um rio. Impetuoso (correntoso) algumas vezes; lento, noutras. Vida que decorre lenta e sempre igual, sem muita possibilidade do diferente. É necessário quebrar essa barreira. Barreira que calmamente nos transporta, entorpece, e acaba por nos fazer perder a decisão e o rumo das coisas. Nesse caso, não somos senhores de nosso destino, mas servos por ele dominados e conduzidos.²⁷

Apenas um choque poderia despertar Alfredo e fazê-lo pisar o chão da realidade. E esse choque, expresso através de vários fatos da vida, acabará por ocorrer em Cachoeira. Alguns fatos na vida de Alfredo vão se tornar marcantes. Melhor dizendo: um conjunto de ocorrências vai dar um rumo acelerado às coisas. Entre elas, duas especialmente se destacam: a descoberta por Alfredo da situação da mãe (o estado de alcoólatra) e o falecimento de sua irmã, Mariinha, já antes antecedido pelo do irmão Eutanázio.

De um modo geral, entre essas várias ocorrências, podemos mencionar o sentimento agudo por parte de Alfredo de se sentir deslocado naquele lugar; a decadência gradual do chalé acentuada pela relação conflituosa entre D. Amélia e o Major Alberto, num primeiro momento surdo, mas depois crescente de intensidade e, por fim e principalmente, pela confirmação do estado de alcoólatra de D. Amélia por Alfredo.

A mãe alcoólatra, que vive se escondendo e caindo por casa e pelo quintal, será o primeiro grande choque de Alfredo: “... *e Alfredo sentiu-lhe o hálito tão forte como o hálito dos bêbados que se habituara a observar na taberna de Salu ou no mercado*” (TCR, 1994, p. 214). Esse choque, pelo que provocou no menino, em termos de sentimento, foi semelhante àquele que, primeiramente, ocorreu em consequência da constatação da cor negra da pele de D. Amélia (CCC). Um sentimento sutil de certa vergonha da mãe.

²⁷ Deixar-se arrastar por essa calma, talvez profunda correnteza, metaforicamente falando, nada mais representa do que a falência daquilo que constitui o objetivo último de qualquer existência, ou seja, no caso de Alfredo conseguir atingir o limiar de sua identidade, de sua própria história. Essa postura contrária, de resistência, de não consentir ir ao “sabor da maré”, mesmo que de bubuia, representa existencialmente o apelo ao conflito.

Enfim, toda essa situação é agravada com a repentina e inesperada morte de Mariinha, que acaba por provocar a sua primeira fuga pelos campos e conduz Alfredo a Marinatambalo, quer dizer: ao contato com aquilo que seria uma não pequena desilusão, formada em sua memória pelas estórias sobre a imponente fazenda, narradas por Lucíola. Descobre, *in loco*, que a famosa e ex-grandiosa Marinatambalo não passa de “... a tapera de Marinatambalo” (TCR, 1994, p. 357) e também nada mais que um “*antro de visagens*”. Marinatambalo assume na realidade – ‘*Existiria de fato o Reino de Marinatambalo?*’ (TCR, 1994, p.221) -- uma expressão de imensa carga onírica e até fantasmagórica! Mais adiante dedicaremos uma reflexão à importante descoberta de Alfredo em Marinatambalo. É que um choque acarreta uma desilusão e esta dir-se-ia que traz consigo uma descoberta.

Ocorrerá a tentativa de uma segunda fuga, desta vez de Cachoeira para Belém, escondido a bordo de uma embarcação, como conseqüência indireta da descoberta relacionada com Marinatambalo e de modo direto com a tomada de consciência da situação do chalé: “*E soube de Marialva, do dinheiro perdido, da surda indignação do pai contra a irmã. O silêncio de d. Amélia enchia o quarto*” (TCR, 1994, p. 286).

Toda essa situação conspirava contra Alfredo e seu futuro. E Alfredo visava ao futuro, ansiava projetar-se no vir-a-ser. Tal constatação em relação ao personagem é lucidamente expressa pelo Dr. Edmundo Menezes: “*Nada atrás de si. Tudo nele é futuro*” (TCR, 1994, p. 310).²⁸

Belém, a capital, representava por oposição a Cachoeira, a perspectiva de sucesso e de realização. Entre Cachoeira e Belém, entre o ato e a potência, entre o não-ser e o vir-a-ser. Belém é um meio, não um fim. Um meio que permite a realização humana, na visão do herói. A realização humana e a felicidade é o supremo objetivo e finalidade.

Apesar de nessa altura a cidade de Belém se delinear na cabeça do menino ainda como uma ilusão, ilusão essa que alguns anos depois seria derrubada após amadurecer suas vivências na capital, e conduzir, por sua vez, também a algumas significativas descobertas, uma coisa, no entanto, se ia definindo na cabeça do menino: “... *aquela compreensão que ele queria ter o mais cedo possível, mas para com os livros, os problemas do dinheiro, o amor*” (TCR, 1994, p. 210).

²⁸ Dir-se-ia que nos primeiros romances de Dalcídio são poucos os personagens que visualizam ou se projetam para frente, para o futuro (as exceções são precisamente Alfredo (TCR), o Dr. Lustosa em CCC e Missunga num primeiro momento no que se refere ao romance *Marajó*). Pelo contrário, a tendência geral é a das personagens se fixarem no passado, nos tempos passados como aqueles que foram os tempos bons e áureos (Major Alberto), se bem que tal não se adapte de igual modo ao caso de D. Amélia. A este respeito, escreve MONTAIGNE (1972) em seus *Ensaíos*: “*Que a criança olhe para a frente e o ancião para trás. Não será esse o significado da dupla face de Jano?*” (Livro III, cap.V, p. 388).

Delinea-se então uma outra trilogia alternativa, esta, por oposição à anterior, ilha-campo-rio, já renunciada em CCC, formada agora por livros-dinheiro-amor. Quer dizer: livros, que representam o conhecimento; dinheiro, que traduz poder e finalmente amor, que expressa felicidade (realização afetiva). Era isto, no fundo, o que o menino buscava: conhecimento, poder e felicidade.

Interrogo-me sobre o fato de que se não será por acaso a vontade, mesmo inconsciente, de realizar essa trilogia alternativa, que faz Alfredo discriminar e olhar por cima os meninos pobres da rua das Palhas que recorrem ao chalé ou com quem ele se cruza nas ruas. Enfim, que, por outro lado, o torna atento, mesmo que de uma forma discreta, e poderíamos até dizer se bem que do avesso, às disparidades sociais (às diferenças entre a parte alta e a parte baixa da vila).

Podemos nos interrogar na seqüência desse pensamento: como poderia a personagem conciliar esse sentimento de felicidade desejado (elemento da trilogia) com as gritantes disparidades sociais que saltavam com insistência aos seus olhos? Mas esta é uma outra questão, que acabaremos por voltar a abordar, mais adiante, partindo da experiência citadina do personagem. Todavia, esta aguda questão parece não ser resolvida ao longo dos diferentes romances do ciclo do Extremo Norte!

Talvez o importante não sejam as respostas que se dêem, mas as questões que se propõem e as provocações ou desafios que elas comportem. É inegável que o autor, através do personagem Alfredo que se desloca nos vários romances (exceção para o romance *Marajó*), coloca-nos diante de importantíssimas questões. Por exemplo, como superar a realidade de empobrecimento e decomposição? Qual poderá ser o futuro, diante de tão magro e limitado presente? Aonde podemos chegar? Que caminhos trilhar? Qual a nossa identidade e como expressá-la adequadamente?

Aos poucos, na inquietude e no mal-estar do personagem, vai-se formando um sentimento. Certo de que forma ainda muito incipiente, embrionária, mas que não deixa de ser igualmente sob a forma de conflito, que o narrador expressa no romance do seguinte modo: “*Franziu a testa, pôs-se a torcer as pestanas, sucumbido. Esse conflito mergulhou em sua consciência como uma semente, que deveria germinar muito tempo depois*” (TCR, 1994, p.169).

Que conflito seria esse?

Pela primeira vez, em Alfredo, se fazia mais ou menos clara a presença de uma luta surda, muitas vezes disfarçada, mas irreparável, entre as pessoas ricas, tão poucas e as pessoas pobres que eram sem conta. Até então se julgava do lado das pessoas

ricas, inclinado a ser uma delas ou pelo menos protegido, porque seu pai, embora pobre, tinha instrução, era secretário, servia ao intendente. Sua mãe mostrava-lhe uma realidade inesperada, acima de suas soluções de menino, da magia de seu faz-de-conta e o lançava entre os moleques, quase seus semelhantes agora, Ficaria entre os pobres, ao lado dos tios negros ou ao lado dos ricos, recebendo do dr. Bezerra promessas e promessas até o fim? (TCR, 1994, p. 169).

Isso é consciência de classe. Da luta de classes. E tal consciência em um menino de nove ou dez anos é algo assombroso, pouco comum. O curioso da situação é que serão os moleques da rua de baixo (a conhecida Rua das Palhas), pedintes assíduos no chalé e não raras vezes discriminados e até maltratados por Alfredo, aqueles que precisamente lhe darão uma lição. Uma lição de igualdade e de companheirismo. *“Estava igual a eles, que compreendiam a inutilidade da luta, mas continuavam ali fiéis, confidentes e companheiros”* (TCR, 1994, p. 332).

Esse fato ocorreu em torno do episódio da lagoa que secava rapidamente. *“Nem um pingo de chuva, o vento que vinha, vez por outra, vinha era queimando. A lagoa morria”* (TCR, 1994, p. 331). A molecada (meninos e meninas) se reuniu numa tentativa quase desesperada de salvar a lagoa e encontrar o seu olho d’água com o objetivo de protegê-lo. Este trabalho extraordinário e incomum fez com que Alfredo, envolvido com Andreza nessa luta ingrata, sentisse *“... em todo aquele trabalho uma aproximação com os moleques como até então nunca sentira”* (TCR, 1994, p. 331-332)²⁹. Essa foi precisamente uma experiência de trabalho que releva a unidade entre aqueles que, juntos (num mutirão), se empenham num mesmo objetivo comum.

Agora, apesar de tudo e de algumas importantes coisas ainda não resolvidas, Alfredo estava mais amadurecido e pronto a ir para Belém, onde nova realidade lhe reservaria mais

²⁹ Em relação a essa problemática será relevante o leitor se remeter ao texto de JOSSE, Fares & NUNES, Paulo. *Pedras de Encantaria*. Belém: EDUnama, 2001. Para a professora e pesquisadora Josse Fares (2001), as águas, como origem ou matriz da vida, representam o regaço materno: *“Também as águas – e estas de que falo são doces – constituem-se materializações do regaço materno”* (FARES, 2001, p. 23). A partir desta versão podemos compreender com maior amplitude a preocupação dos(as) meninos(as) para com o fato de tentar impedir as águas da lagoa de chegar a secar. Trata-se de um esforço que tem por escopo a preservação da Vida. A manutenção e o respeito à Mãe-Terra (FARES, 2001, pp. 86-87). As águas não funcionam apenas como um motivo de relaxe físico, mas, sobretudo, psicológico. Segundo a perspectiva da filosofia existencialista, o ser humano é um ser de angústia; todavia, esta experiência angustiante poderá ser minimizada ou até superada *“quando o homem encontra aquela que suaviza sua dor, a água (...) ao mergulhar nela, a sede de procura pela mãe é saciada”* (FARES, 2001, p. 23). Água é seio materno, portanto, signo de aconchego e de vida. Os elementais água e terra unem-se para formar barro, uma viscosidade mais conhecida também por lama. Esta matéria viscosa *“aponta para a viscosidade protetora do líquido amniótico”* (FARES, 2001, p. 23). Segundo o Gênesis: *“O Senhor Deus formou o homem do pó da terra e insuflou-lhe pelas narinas o sopro da vida...”* (Gn. 2, 7). Do barro, portanto, proveio, unido a um terceiro elemento -- o ar --, o ser humano. Somos pó (húmus) e ao pó voltaremos (Gn. 3, 19). Também com o barro, isto é, a saliva (líquido) associada a um punhado de terra, Jesus curou um cego de nascença: *“Tendo dito isto, cuspiu na terra, fez lodo com a saliva e untou com ele os olhos do cego...”* (Jô. 9, 6).

surpresas. Mas antes, devemos ainda referir a importante descoberta feita por Alfredo em Marinatambalo e o simbolismo expresso por sua viagem de Cachoeira a Belém, acompanhado pela mãe, e referido no final de TCR, que representa o fechamento do ciclo interiorano e a abertura aos romances que iniciarão o ciclo urbano.

Marinatambalo é um ponto alto (cume) da longa caminhada do herói e também um momento de queda e prostração (inflexão). Representa uma experiência nebulosa, pouco clara, um momento em que “... *não discernia bem entre sonho e o desencanto de Marinatambalo...*” (TCR, 1994, p. 243). Mas de uma coisa ia-se convencendo: “... *embora sem nitidez, em todas as palavras, em todos os gestos, em todos os rostos daqueles adultos, desgosto, ruína e fingimento*” (TCR, 1994, p. 243).

O que a um primeiro momento não é claro nem evidente, mais adiante passa a ser inequivocamente expresso com suma clareza. Trata-se de uma visão materialista da História, realmente pouco comum à experiência de vida de uma criança, e que tem a sua origem a partir de uma reflexão feita pela personagem sobre Marinatambalo.

Marinatambalo foi um símbolo, no áureo período da borracha, “*.de luxo, de esbanjamento e de crueldade também*” (TCR, 1994, p. 219). Numa imemorable festa, uma trágica ocorrência vai desencadear a decadência de Marinatambalo. O fato marcante foi mostrado no romance em uma cena trágica da traição de D. Adélia, esposa de Edgar Meneses, com o vaqueiro Julião (TCR, 1994, p. 237). Torna-se então uma fonte de recordações e, sobretudo, de más recordações, diga-se em abono da verdade.

Mais do que uma tapera ou um lugar de visagens, Marinatambalo derruída³⁰ clama pelas ofensas cometidas, pelos crimes impunes, pelo sangue derramado, no juízo sobre si mesma através da qual o narrador expressa os “*novos tempos*” provindos do *mondongo* (lago de lama, podre).

Que queriam as visagens? “*Querem é se vingar dos brancos, dos patrões. Dessa Menesada toda*” (TCR, 1994, p. 255). “*As almas queriam vingar-se. Toda a riqueza será feita sempre à custa de tanta malvadeza?*” (TCR, 1994, p. 256). As ofensas, os crimes, o sangue derramado transformam-se no juízo sobre Marinatambalo e quase como que numa visão apocalíptica, terrífica, amazônica:

Os vaqueiros mortos deixavam de ser fantasmas, não vinham do outro mundo, não acreditavam mais nos outros lagos, nas outras fazendas, nos outros rebanhos prometidos. Saltavam dos cavalos e das porteiras, dos encontros com a onça e com os ventos descabelados do lavradão. Vinham com arpões e marcas de ferro em brasa,

³⁰ Esta expressão devo-a à minha orientadora, Prof^a. Dra. Marli Furtado (2002), que a utilizou na sua tese de doutoramento: *Universo derruído e corrosivo do herói em Dalcídio Jurandir*. São Paulo UNICAMP/IEL, 2002.

traziam os búfalos selvagens, as piranhas, os jacarés e as onças, as cascavéis e o Bezerro Mole contra os Meneses. Tambores, malhadas, orações, acalantos, os eias, gritos de Andreza, os berros inexplicáveis da noite dos descampados o arrastavam para o mondongo. A figura de Manuel Bolacha se levantava da raiz do acapuzeiro, batendo os queixos de febre e de ódio, como um javali. E para que todos alcançassem Edmundo e a avô, que fugia também na caleche incendiada, os lagos desatavam o canto dos galos do fundo d'água que os pescadores e os vaqueiros pensavam ouvir na solidão. Assim Manuel Bolacha ia crescendo, no seu alazão desembestado, sobre as fazendas, depósitos de farinha, cartórios, sobre os amos brancos. Com as suas cordas violentas e os seus gritos redondos, os vaqueiros amansavam o Bezerro Mole, sangravam as vacas, do encanto delas libertavam as moças desaparecidas ou perdidas, restituindo a beleza, a mocidade e a inocência que os Menezes tiraram das mulheres campineiras. (...) Era a selva dos charcos, fechada com seus bichos e a sua vastidão. Mondongo da culpa e da condenação em que se atolava com a sua propriedade e a sua miséria (TCR, 1994, pp. 373-374).

É esta a herança de Marinatambalo que recai nas costas dos Meneses, expressa em imagens de vertigem paroxística (como em rodopio que em movimento rápido e confuso tudo arrasta e traga), e que o narrador aproveita para desenvolver uma crítica ao latifúndio, naquilo que ele apresenta de mais cruel, injusto, de criminoso: a exploração do homem pelo homem. Enfim, uma crítica cheia de cor e veemência contra os mandos e desmandos dos latifundiários.

Em Marinatambalo, que “*Era um antigo nome dado à ilha de Marajó pelos espanhóis e holandeses...*” (TCR, 1994, p. 218), Alfredo rememora algumas paisagens humanas vistas nos catálogos do pai e conclui:

... vira fábricas, nos Estados Unidos, Inglaterra, França e Alemanha, com os dizeres: *nossas fábricas em 1873*. Adiante: “*Nossas fábricas em 1912*”. As primeiras fábricas não passavam de magras oficinas, sobradinhos com uma chaminé. As últimas eram a bem dizer cidades de tão grandes. Que acontecia lá para que as fábricas crescessem? Lá, pobre, gasto, difícil seria só o passado? Como explicar? (TCR, 1994, p. 268).

O herói começa a perceber que as diferenças não existem apenas entre as pessoas, mas num contexto mais amplo, elas ocorrem também entre nações. Os países mencionados na reflexão do personagem compõem o que poderíamos denominar de leque das grandes nações mundiais. Trata-se das nações imperialistas (Inglaterra, França e Alemanha), que se desenvolveram à custa da exploração da mão-de-obra barata e das matérias-primas de suas colônias.

Ou, não se apresentando à época retratada pelos romances (consideramos as duas primeiras décadas do século XX) incluídas diretamente no rol de nações imperialistas (como, por exemplo, os EE.UU), souberam se desenvolver ao sabor das circunstâncias aproveitando

oportunamente as contingências políticas que se lhes impunham (e até mesmo posteriormente a guerra: a II Grande Guerra) até se tornarem por sua vez potências imperialistas.

A Amazônia é, do *centro*, perspectivada como uma região periférica. Essa diferença é substancial e marca determinante referencial de toda a reflexão de Alfredo. As nações são diferentes, e umas se apresentam mais poderosas do que outras; numas as coisas parecem que dão mais certo do que noutras, simplesmente porque no arranjo geral da composição de forças mundial elas ocupam posições diferentes e desempenham funções distintas. A independência e o sucesso de umas implicam na dependência e insucesso de algumas outras.

Essa a grande descoberta em Marinatambalo.

Marinatambalo-Marajó encontra-se na contramão da História. Na ilha, pequenos e grandes fazendeiros – e a família Meneses e a própria Marinatambalo o comprovam – quebram e se arruinam na seqüência do término de um florescente ciclo – o ciclo da borracha -- que gerara riqueza e luxo, devido à circulação de um significativo fluxo financeiro.

Nessa época, a região se tornara um centro de civilização – “*a Paris na Amazônia*” – à semelhança dos grandes centros europeus. Todavia, a forte concorrência do capital internacional aliado a uma mentalidade e prática defasada dos “*senhores donos do poder*” na região, não permitiu que essa situação se mantivesse por muito tempo, acabando por redundar em desesperada decadência e corrosão. A região tornou-se um espaço do “*já teve*” e do “*Já foi*”... Esse “*espaço*” terá sua continuidade inevitavelmente projetada em Belém, a partir da visão de Alfredo, e passará a constar posteriormente como mais uma descoberta de nosso personagem, quando este passar a viver na capital.

Para encerrarmos este capítulo trataremos da viagem do herói, pois ela é a ponte que liga Cachoeira a Belém. A travessia da baía possui um valor simbólico relevante. Ela representa uma passagem no percurso do herói. Mais: representa um processo de transição (morte) e um novo nascimento (renascer).

Como rito de passagem é oportuno atentarmos, segundo Jorge Silva (2003), para a curiosa prática de certas sociedades primitivas que “*muniam o ser em passagem com a miniatura da canoa e do remo para que em sua travessia inaudita tivesse acolhimento positivo em algum lugar do destino*” (SILVA, 2003, p. 90).

Gustav-Jung (1962) sintetiza num curto trecho o significado simbólico da viagem: “*El viajar es una imagen de la aspiración, del deseo nunca saciado que en ninguna parte encuentra su objeto, de la búsqueda de la madre perdida*” (JUNG, 1962, p. 218)³¹.

³¹ “A viagem é uma imagem da aspiração, do desejo nunca saciado que em nenhuma parte encontra o seu objeto, da busca da mãe perdida”.

A “busca da mãe perdida”. É certo que é em companhia da mãe que ocorre a travessia da baía. Mais adiante acompanharemos esses momentos de epopéia mais pormenorizadamente a partir do romance. Mas igualmente é certo que nessa época as relações entre a mãe e o filho haviam se distanciado. D. Amélia havia-se tornado outra D. Amélia. Esse fato não passara despercebido na família. A D. Amélia de CCC, coluna e pilar do chalé, transforma-se, em TCR, numa D. Amélia insegura, pouco firme e já transtornada pela aguda crise de alcoolismo.

O “corpo da mãe” pode ser sentido como um objeto original perdido que desde o início de nossa existência impulsiona a narrativa de nossas vidas, impelindo-nos então à busca de substitutos para esse paraíso perdido. À medida que vamos tornando-nos adultos, seres amadurecidos, a Mãe, naquilo que ela representa, como proteção e sustento, vai-se distanciando cada vez mais de nós.

Sem dúvida que o substituto maior e mais próximo, ou equivalente à mãe, é a escolha de outra mulher na figura daquela que se tornará a nossa esposa. Todavia, o sentimento de perda materna é vivenciado através de profunda dor traumática. Em alguns casos, talvez inconscientemente, na seqüência da consciência desse “*paraíso perdido*”³², surge o desejo de retornar a um lugar onde eventualmente quase não possamos ser atingidos. Um lugar onde nos possamos sentir protegidos, isto é, um seguro agasalho, algo semelhante ao útero materno.

A um nível mais profundo, mais orgânico até do que psicológico, esse desejo se expressa através de uma vontade de dormir um sono profundo, quiçá sono semelhante ao da morte, sem ter nenhuma preocupação, algo comparável àquele vivenciado por todos nós no seio materno. Enfim, um desejo, mesmo que inconsciente, de vivenciar algo como um estado pré-natal. Estado esse que nos remete à existência inorgânica que antecedeu toda a nossa vida consciente. É claro que esta inconsciência, esta dependência absolutamente despreocupada em relação a outro ser, este retorno ou chegada a um “paraíso perdido” expressa na realidade uma situação regressiva.

O retorno ao seio materno é sempre um empecilho ao desenvolvimento e amadurecimento do ser humano. O curioso é que este mesmo desejo que nos puxa para trás, regressivo, é simultaneamente, e sem que muitas vezes tenhamos consciência direta desse

³² Segundo Rollo May (1971), psicoterapeuta, “... o indivíduo vive no Jardim do Éden, símbolo da existência no ventre materno e da primeira infância, quando se encontra totalmente aos cuidados dos pais e tem vida cercada de carinho e conforto. O paraíso representa aquele estado reservado aos bebês, animais e anjos, onde não existem a responsabilidade e os conflitos éticos; é o período da inocência, no qual ‘não se conhece nem vergonha, nem remorso’. Esse quadro do paraíso sem atividade produtiva surge em diferentes formas na literatura e é um típico anseio romântico pelo estado que precede a autoconsciência, ou o outro, mais extremo, com o qual o período da inocência tem muito em comum do ponto de vista psicológico, isto é, a vida no seio materno” (MAY, 1971, p. 151).

fato, uma energia impulsionadora para que avancemos e mantenhamos uma atitude saudável perante os desafios impostos pela vida.

O simbolismo da viagem é múltiplo. Nós escolhemos uma das possibilidades ou chave-interpretativa: a busca da mãe. E se essa foi a nossa escolha é porque cremos que ela possui algum fundamento, como acabamos de explanar anteriormente, e que encaixa perfeita no caso do nosso personagem.

De qualquer forma, não deixaremos de apresentar outros sentidos para o simbolismo da viagem, e que até podem ter ainda certa relação com Alfredo: o sentido que tem por escopo a busca da verdade, da paz e da imortalidade (como nos exemplos apresentados nos *Livros dos Mortos* egípcio e tibetano), e até na descoberta de um centro espiritual. É importante anotarmos que uma das viagens válidas é aquela que o homem realiza precisamente em seu mundo interior. Essa era a viagem que, segundo nossa opinião, Alfredo estava precisando realizar e que vinha postergando já há algum tempo.

Nesse sentido, e no caso concreto de nosso personagem, podemos afirmar também que “*A viagem exprime um desejo profundo de mudança interior, uma necessidade de experiências novas, mais ainda do que de deslocação local*” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1982, p. 691).

Sabemos o que significa atravessar a baía do Marajó. O encontro das águas doces da foz do rio Amazonas com as águas salgadas do Oceano. É uma travessia que não poderá ser feita a qualquer hora, pois o rio sofre o influxo *da maré*, ficando as águas sob a ação de forte agitação e turbulência, que põe em risco e dificulta muito a travessia. Há que esperar então certas horas consideradas propícias. Mesmo levando em consideração esses cuidados, algumas vezes as tempestades são imprevisíveis: formam-se ondas fortes agitadas pelo vento encrespado, pela forte chuva, muitas vezes, acompanhada de trovões e relâmpagos. É um cenário aterrador!

Essa foi a experiência por que passou Alfredo, em companhia de sua mãe, na viagem para Belém. Noite. A viagem noturna assume um simbolismo particular: “*Durante el viaje nocturno por mar, el dios solar encuéntra-se encerrado em el seno materno y com frecuencia se vê amenazado por toda suerte de peligros*” (JUNG, 1962, p. 224).³³

³³ “Durante a viagem noturna por mar, o deus solar encontra-se encerrado no seio materno e com freqüência se vê ameaçado por toda a espécie de perigos”.

Carl Gustav Jung (1875-1961): “*Escolhido por Freud como o seu ‘Delfim’, Jung torna-se o primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional (...) Trabalham juntos durante dez anos (...) Jung lança-se no estudo da mitologia e começa a exprimir sua discordância com Freud sobre o sentido do termo ‘libido’. Essa discordância será o estopim de um grave conflito entre os dois homens. Jung sustenta que se deve entender por esse termo todas as espécies de apetites, e que a libido não poderia ser reduzida somente à sexualidade; outros*

O papel de D. Amélia nessa travessia foi não apenas o de servir de companhia, mas ainda mais o de dar proteção em seu seio ao filho. E fazia de tudo para que ele adormecesse (ou pelo menos descansasse) – *“Aproveite o sono, que ainda não vai amanhecer”* (TCR, 1994, p. 389) – para que o menino se não impressionasse com a intensidade do temporal e acabasse por não perceber os perigos pelos quais estava passando a embarcação. Essa tentativa, supramencionada, de retorno ao seio materno como busca de segurança e proteção, acompanhado do desejo profundo de dormir e criar um estado de inconsciência semelhante ao pré-natal.

A busca do paraíso perdido representado pelo “corpo da mãe”, como objeto original perdido. Daquela mãe preta, apresentada em CCC, de mãos miraculosas, coluna e pilar seguro do chalé, que servia de agasalho e acalento para as intempéries existenciais. Adormecer no doce colo materno e esquecer todo resto nessa noite tempestuosa.

Talvez haja uma relação não explícita entre esta noite de travessia da baía no final de TCR, noite tempestuosa, em que se prenuncia por parte do herói o enfrentamento de uma nova situação ou realidade existencial, representada por Belém; e aquela outra, caracterizada como noite diluviana, nas últimas páginas de CCC, referência com que iniciamos este primeiro capítulo de nossa dissertação, e, que representava, como vimos, um corte ou enfrentamento com a autoridade paterna. Naquela (TCR) viajando realmente em uma embarcação; nesta (CCC), metaforizando sua rede de dormir como uma curiaca.

Em ambas as situações, todavia, um desafio concreto imposto ao menino como exigência de superação do medo e poder assim efetivamente corresponder aos desafios existenciais. Em CCC ainda imaturo para corresponder ao desafio; em TCR aprontando-se efetivamente para responder aos novos desafios!

As oposições noite x dia e tempestade x bonança remetem-nos a algumas reflexões com fundamento retirado dos próprios romances. Em si, a noite apresenta um duplo aspecto: *“o das trevas onde fermenta o futuro, e o da preparação do dia, donde brotará a luz da vida”* (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1982, p. 474). A seguir à noite vem o dia, o que o narrador expressa poeticamente: *“... era o sol que se empoleirou na mataria das ilhas...”* e enquanto isso *“Pesadas e barrentas as águas arquejavam, era já a noite ressonando no fundo”* (TCR, 1994, p. 393).

instintos, como a fome e a necessidade de cultura, tinham de ser levados igualmente em conta” (MIJOLLA, 2005, P. 1028). Existe ainda um episódio controvertido da vida de Jung, que se situa em 1933. Através de uma associação da qual se tornou presidente até 1940 (Sociedade Alemã de Psicoterapia), ele é acusado de “trabalhar, entre outras coisas, com os nazistas. Algumas declarações feitas por ele na época puderam fazer crer que ele simpatizava com o regime; foram, além disso, consideradas anti-semitas” (MIJOLLA, 2005, p. 1029).

Enquanto a noite prepara a luz do dia, das trevas se fermenta o futuro. Esse futuro tão ansiado por Alfredo e que projetava na cidade de Belém – “... *o perigo havia tornado mais preciosa e mais sua a Belém que buscava*” (TCR, 1994, p. 391) – e que ia mais além da própria Belém, pois representava afinal um desejo profundo e semi-oculto de conhecimento-poder-felicidade.

II

BELÉM DO GRÃO-PARÁ: NA AMBIVALÊNCIA DA SITUAÇÃO, O DESÂNIMO E A DESILUSÃO DE ALFREDO.

A experiência que a cidade de Belém proporcionará a Alfredo virá mesmo a calhar. Assentará que nem uma luva enfiada na mão certa. Não no sentido que ele eventualmente desejaria ou esperaria, infelizmente, e não tanto por lhe permitir também realizar um antigo sonho, que com ele cresceu e o acompanhou sob a forma de um imenso anseio ou expectativa, chegar à cidade e poder estudar num bom colégio, mas sobretudo por afastá-lo da família, do chalé, do conhecido, talvez no momento oportuno, para colocá-lo diante dele mesmo, “*jogando fora de casa*”, permitindo-lhe assim poder confrontar a realidade com a sua fértil imaginação.

A cidade dos “sonhos”, meio previsto de realização pessoal, apresentar-se-á mais como um instrumento incisivo, aparador das arestas, através da quebra ou desmonte gradual das ilusões alimentadas e acumuladas ao longo do tempo pelo personagem e uma significativa aprendizagem e doloroso amadurecimento narrado em *Belém do Grão-Pará*³⁴: “... *tirar do menino o rapaz que já quebrava a casca do ovo*” (2004, p. 204). Tal processo não será fácil e comportará não pouca dor.

Mas é a partir dele, todavia, que o menino ganhará um novo olhar e redimensionará a experiência advinda da vivência cidadina no sentido de revalorizar os seus e o lugar de onde proveio: Cachoeira. A partir de Belém, Alfredo aprenderá, aos poucos, a olhar Cachoeira com outros olhos e sentirá diretamente em sua pele que: “*Perdia o chão de Cachoeira e não sentia ainda o chão de Belém*” (BGP, 2004, p. 113). Afinal, “*A luta entre Cachoeira e Belém lhe aumentava a solidão*” (BGP, 2004, p. 114).

Sentir-se-á sempre dividido, com um pé em Cachoeira e outro em Belém, sem estar verdadeiramente fixo em nenhum dos lugares, e cômico daquela que fora a sua “pesada” descoberta efetuada ainda em Marinatambalo – de que teria infelizmente nascido no tempo errado – e que agora, projetando-se na urbe, com o passar do tempo e com o cair gradual das desilusões, descobre que chegara também fora do tempo à cidade.

O que tinha ficado suspenso em Marinatambalo, com relação à Ilha, como sentimento de deslocação temporal, transfere-se agora para Belém, de modo não menos incisivo e revelado friamente pelos Alcântaras. Primeiramente, por D. Inácia: “*Ah, meu filho você devia ter nascido mais cedo*” (BGP, 2004, p. 114); e, posteriormente, como resultado de uma conversa com Seu Virgílio, Alfredo vê-se forçado a concluir que “*Tinha chegado tarde, como sempre. Só falavam duma cidade desaparecida*” (BGP, 2004, p. 153).

³⁴ Sempre que nos referirmos a esse romance passaremos a designá-lo pela abreviatura BGP. Utilizamos a edição da EDUFPA e Casa Rui Barbosa, publicada em 2004.

Belém, tristemente, representava “... *uma cidade para sempre perdida*” (BGP, 2004, p. 95) e, concomitantemente com ela, o sentimento de que cai por terra seu maior sonho ao constatar que igualmente nela “... *jaziam restos do Colégio perdido...*” (BGP, 2004, p. 173).

A quebra das ilusões, a purificação do pensamento, a depuração do ser, ocorrerá por etapas, na vida do menino. Esse processo, como já foi dito em outra oportunidade, decorrerá através de um sentimento de dor e representará um amadurecimento. Mas antes de avançarmos, convém precisarmos o espaço em que o personagem se deslocará, quer dizer: quem é a família que o receberá e que cidade pisará e aos poucos se lhe desvelará à sua atenta observação?

Começaremos pelo último aspecto: o contexto que forma a cidade. O romance BGP inicia-se fazendo referência à “*queda do velho Lemos*”. Logo, Alfredo chega a Belém no contexto político do pós-lemismo. Qual o significado político de tal asserção? O que representou, afinal, a figura de Antônio Lemos para a política paraense?

Numa perspectiva histórica e segundo Aldrin Moura (2002)³⁵ “*Lemos aparece como o ‘agente patrocinador da modernização’, mediando os interesses das elites políticas locais*” (MOURA, 2002, p. 07). Essa modernização pressupôs um amplo projeto direcionado para os ideais da civilização e objetivava uma mudança radical nos hábitos e costumes da população local. A mudança em prol de um ideal civilizacional pôde ocorrer devido ao período áureo do *ciclo da borracha*, que gerou um imenso fluxo de capital financeiro e aos empréstimos no estrangeiro.

Por ter sido uma figura polêmica da política paraense, as opiniões dos historiadores em torno da pessoa de Antônio Lemos também se dividem. Há um outro aspecto da personalidade de Lemos, que nos é apresentado por Carlos Roque (1996) e é interessante não omiti-la. O Senador seguia impreterivelmente o lema bíblico, que, segundo as palavras do Cristo, expressaria que “*quem não é comigo é contra Mim...*” (Mt. 12, 30). Acrescenta Carlos Roque (1996) que, fazendo jus em sua vida dessa norma evangélica, para o Intendente “*Então não tinha conversa, aos amigos, tudo; aos inimigos, nada, absolutamente nada*” (ROQUE, 1996, p. 20).

Para a Prof^a. Maria de Nazaré (2002), a cidade de Belém do Pará, a partir da segunda metade do século XIX, “*apresentaria tentativas de adaptação aos modernos costumes europeus, num profundo contraste com a realidade amazônica, além das tensões sociais geradas por uma nova ordem social capitalista emergente*” (SARGES, 2002, p. 21).

³⁵ Prefácio escrito por Aldrin Moura de Figueiredo (2002), Professor do departamento de História da UFPA, à obra de Maria de Nazaré Sarges (2002) – *Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912)*.

Esse desenvolvimento econômico registrado desde a segunda metade do século XIX, e que teria atingido o seu esplendor na Administração do Intendente, como temos vindo a explicitar, correspondeu a uma evolução do capitalismo mundial, que, segundo Maria Nazaré (2002), “*Trazia em seu bojo o paradoxo do progresso, da modernidade, onde convivem a miséria, a prostituição e toda uma gama enorme de desgraças sociais com o fausto e o luxo de uma burguesia que consumia, fundamentalmente, o importado*” (SARGES, 2002, p. 142).

A queda do Intendente (1910) representou um imenso revés porque coincidiu com o término do florescente ciclo da borracha, que durante algumas décadas provocou a euforia de um crescente e mantido crescimento. O quadro mudou. E o historiador Carlos Rocque (1996) chega a ser mais incisivo, ao afirmar:

A cidade começou a decair, as obras foram paralisadas, os servidores passaram a sofrer grandes atrasos em seus vencimentos. E estando os belenenses acostumados às suntuosas realizações do período lemista, dificilmente poderiam aceitar o marasmo administrativo que tomou conta de Belém (ROCQUE, 1996, p. 33).

A visão do lemismo a partir da análise literária não é muito diferente da maioria dos historiadores que apresentam uma visão crítica do fato histórico. Lemos, em sua administração, concilia o fausto e a modernização, que ressaltam aos olhos de todos, com o empobrecimento e a desigualdade social da população. Dalcídio Jurandir (1960), como escritor atento à vida e aos movimentos sociais, não deixaria de atentar criticamente para as marcas que se acabam por consignar mais como estigmas da administração lemista.

A administração do Intendente Lemos foi marcada por abundância: “*Eram as festas em Palácio, pagas regaladamente com a borracha e os empréstimos do Estado no estrangeiro, as cerimônias cívicas e escolares do Bosque e do Parque Batista Campos, em que se cobria de flores, discursos e mulheres, o Senador*” (BGP, 2004, p. 58).

Essa abundância refletia um movimento incessante “... *como aquele ir-e-vir numeroso de navios, subindo abarrotados de mercadorias e cearenses, descendo carregados de ‘peles’ logo baldeadas para os navios internacionais*” (BGP, 2004, p. 61). Acrescente-se a isso, reforçando o que já foi mencionado anteriormente, que “*Normais eram as obras de fachada do Governo, os luzimentos do Senador, as companhias teatrais desembarcando da Europa...*” (BGP, 2004, p. 61). Antônio Lemos assumia a figura de um verdadeiro mecenas.

Mas esse quadro mudaria e o Sr. Virgílio Alcântara testemunhava, na rotina da capatazia “... *diante do cais murcho, as ‘gaiolas’ em seco e aos armazéns fechados...*” (BGP,

2004, p. 63). Anos depois da euforia, o válido testemunho de Seu Virgílio – refletindo no que foi e no que acabara por se tornar esse incessante movimento de outrora, “*recriando os destroços do lemismo e da borracha*” atentava, afinal, para a “*desagregação das coisas*” (BGP, 2004, p. 410) – ainda vigorava e podia ser contemplado, desta feita, pelo personagem, nos seus passeios pela beira da baía do Guajará: “*No Ver-o-Peso, com as velas recolhidas, a doca perdia o seu ar de feira fluvial. Sem água, maré seca, com aquela mastreação nua, como cruzeiros, o Ver-o-Peso ficava um cemitério de barcos*” (BGP, 2004, p. 152).

Alfredo será acolhido, graças à intermediação de sua prima Isaura, a costureira da Rui Barbosa, pelos “*gordos*” Alcântaras. Acompanhará de perto aquele que foi o itinerário dessa família que viveu à sombra do lemismo. Ora escutando-a falar com saudade inequívoca da casa da *22 de Junho*, ainda na época do Intendente, no tempo das “*vacas gordas*”, em que paradoxalmente ainda não existiam gordos na família e tinham “*... a bem dizer o Mercado dentro da despensa...*” (BGP, 2004, p. 47), ora vivenciando diretamente, desde sua chegada a Belém, primeiro, no *160 da Gentil*, “*a do meio*”, de “*três casas iguais*” e “*de porta e duas janelas*” (BGP, 2004, p. 45); e, depois, naquilo que representaria o desmoronamento da família, no *34 da Nazaré*, aí conduzidos pela excessiva vaidade da filha, a gorda Emília, que, sob a capa da mudança, e com a anuência da mãe, D. Inácia, procurava restaurar o *status quo* perdido com a queda do lemismo.

Desmoronamento da família representado não apenas pela *queda da casa*, mas, sobretudo, *queda moral* expressa num conjunto de fatos conjugados, que vão desde o ato comprometedor de seu Virgílio, na Alfândega, que acabaria por penalizá-lo com o desemprego, estimulado inconscientemente pela esposa, que sempre o espicaçava ao dizer que o que mais apreciava num homem era a sua capacidade de apostar e correr riscos; e a ânsia excessiva da filha por mudanças, com o simples intuito de “*aparecer*” e assim valer-se das aparências para mostrar uma “*realidade*” não de verdade – ao não aceitar a real situação da família no *160 da Gentil* --, mas de criar uma situação ilusória apenas para aparentar. A esse respeito, interroga-se Alfredo: “*Essa mudança tua não é uma mentira?*” (BGP, 2004, p. 286). Todos esses fatores conjugados acabaram por empurrar a família para os Covões, local de onde eles a todo custo procuravam fugir.

A família Alcântara, composta por Seu Virgílio, D. Inácia, a filha adolescente, Emília, e Libânia, a criada, “*... trazida, muito menina ainda, do sítio, pelo pai, para a mão das Alcântaras*” (BGP, 2004, pp. 51-52), é fielmente retratada pelo *narrador*.

Seu Virgílio, velho cearense, que vive “*morrendo*” de saudades, expressas com frequência, pelo desejo de um dia poder viajar ao “*seu*” Ceará, depois de muitos anos de

ausência; freqüentemente fala também do Pará e de Belém como que “*cuspiendo no prato em que come*”. Refere-se à imundície do Mercado (*Ver-o-Pêso*), onde pontualmente todos os finais de semana, acompanhado por nosso personagem, faz suas compras; à má qualidade das frutas, que escondidamente do vendedor come e lambe os beijos (BGP, 2004, p. 161). Para ele, exausto e desanimado, o Pará não passa de um imenso ferro-velho (BGP, 2004, p. 141) e a cidade de Belém nada mais é do que “*uma cidade acabada*” (BGP, 2004, p. 153).

Na administração lealista, e graças à solicitação da esposa e das cunhadas, fruto das atividades políticas daquelas, consegue o distinto cargo de administrador do Mercado de São Braz, cargo que depois acaba por trocar por um pacato e seguro emprego na Alfândega, graças à intercessão de um influente amigo, o Dr. Leandro, seu conterrâneo. Essa troca, inicialmente, incompreendida pelas mulheres da família, acaba por revelar-se como uma escolha oportuna e amplamente justificada.

Pela sua corpulência, o personagem faz lembrar ao nosso narrador um “*grande peixe esfolado...*” (BGP, 2004, p. 68); um **gorila branco**, a D. Inácia, quando em outra parte do romance, o personagem se curva debruçado sobre Libânia que dormia no solo (BGP, 2004, p. 413) ou, ainda, um “**boi esfolado**” quando, à porta do banheiro, barra a passagem a Libânia (BGP, 2004, p. 492).

O chefe de família não nos é apresentado como possuidor de um caráter forte ou de uma personalidade marcante. Pelo contrário. Não sabe se impor em sua autoridade (BGP, 2004, p. 62). É pacato, avesso às reuniões de convívio social – um pouco misantropo – (BGP, 2004, p. 62). Pouco arrojado (BGP, 2004, p. 50), e, devido a isso, se vê quase constantemente espicaçado pela esposa, que mais do que estimulá-lo, dele vive cobrando a falta passada de oportunismo político. E, sobretudo, ele não participa das principais decisões da família, que ocorrem à sua revelia: nada decidiu acerca da chegada de Alfredo na família, ou sobre o “seqüestro” de Antônio, da residência da vizinha D. Ludivina e muito menos sobre a mudança da Gentil para a Nazaré, orquestrada pelas mulheres, e da qual tomou conhecimento apenas a última hora.

Algo se apresenta, todavia, com uma freqüência perturbadora, desde o início ao final do romance -- trata-se de um sentimento que vive corroendo, por dentro, a consciência do Sr. Alcântara: a constante desconfiança, uma tremenda dúvida, afinal, “*talvez fossem as imaginações da velhice*” (BGP, 2004, p. 217), que emerge com freqüência ao seu espírito, sobre o caráter de sua esposa na época do lealismo. Sempre aquela dúvida “*... a revolver as cinzas do lealismo em que a mulher teria escondido os vestígios de sua astúcia, seus maus pensamentos ou a própria traição consumada*” (BGP, 2004, p. 243). Essa dúvida acompanhá-

lo-á, sempre emergindo de sua consciência, a determinar lentamente decisões, posturas, que o “velho cearense” não desejaria ou jamais pensou que pudesse assumir.

D. Inácia Alcântara, igualmente cearense, assume, na ausência demissionária do Sr. Virgílio, a postura de comando e de articuladora, junto com a filha Emília e a costureira Isaura, das decisões sobre as eventuais ocorrências no *160 da Gentil* e que dizem respeito à família dos Alcântaras.

Apresenta-se inconformada com a atual situação da família; vive reclamando, aos quatro ventos, a perda do “*status quo*”, proveniente da quebra política do leimismo. Ressentida com a situação presente, e mais como resposta ao laurismo, fica atenta, de olho nos movimentos da oposição, nos quartéis e em S. Miguel do Guamá, apoiando a revolta de 1922, do Forte de Copacabana, mas sem perder de vista também uma eventual recuperação do prestígio social seja ao preço que for. Afinal, procura acender uma vela para Deus e outra para o Diabo, como vulgarmente se costuma dizer.

A situação dos Alcântaras se modificou de tal modo, que é como se pudéssemos dizer que desceram do “Céu”, que representava a casa da *22 de Julho*, com opíparos banquetes, para o Purgatório representado no *160 da Gentil*, “*Agora, com o feijãozinho boca-preta da Estrada, o naco da jabá e a farinha seca...*” (BGP, 2004, p. 47), a dois passos do *largo da Nazaré* “... mostrando já as torres da Basílica sempre em construção” (BGP, 2004, p. 45), como uma fragrância celestial; e a um passo dos covões, sujos e fedidos, que chegavam nas baixas do fundo do quintal (BGP, 2004, p. 45).

Certo é que felizmente estavam longe “*da sorte dos Rezendes, lemistas de cabo a rabo, hoje coitados se acabando numa palhoça dos Covões*” (BGP, 2004, p. 45). O Inferno. Os Covões representam o Inferno. Mas também não viviam, infelizmente, mais no Céu de outrora, agora com os sapos cantando no fundo do quintal e de vez em quando invadindo o banheiro. No *Purgatório* os Alcântaras, portanto, entalados entre o Céu e o Inferno. A dois passos daquele e apenas a um deste. Mais perto deste do que daquele.

A gorda Emília, de quinze anos, filha do casal, desejada por D. Inácia que tivesse nascido macho (BGP, 2004, p. 69) é, como mulher, “*maninha*” (não-fértil): “*útero de areia*” (BGP, 2004, p. 72). É uma adolescente de peito inflado pela vaidade, desejando só sociedade... Deseja viver da aparência quando procura mudar do *160 da Gentil*. Dela é a idéia, que posteriormente se comprovará triste, da mudança para a *Estrada da Nazaré*, para uma casa inabitável, corroída pelo cupim e pelo tempo, devido apenas à localização geográfica nobre dessa área. Mas mudança que, em tudo, não revelasse efetivamente “... do verdadeiro estado

social da família Alcântara” (BGP, 2004, p. 309). Mudança de mentira, portanto, e que acabaria por implicar num elevado preço.

Em relação à Libânia, pela situação particular em que se encontrava no seio da família, falaremos dela em momento oportuno.

Esse é o meio que recepcionará Alfredo e que, na realidade, nada tem a ver com o que o carocinho de tucumã lhe proporcionava. A experiência do menino, que chega do interior, em parte ainda com a cabeça cheia de ilusões e o coração prenhe de expectante esperança em relação à cidade, não é por ele sentida como muito positiva: Ele chega de um “*cheiro de ruína...*” que “*conheceu em Cachoeira e lhe dava uma aguda aflição*” (BGP, 2004, p. 298). Aliás, chegava aos Alcântaras “*... carregado de ruínas*” e “*querendo livrar-se delas*” (BGP, 2004, p. 361). E em hora de pouca coragem e muita aflição, Alfredo, já com certa vivência de Belém, interrogava-se: “*Tanta infelicidade para ele, já não chegava?*” (BGP, 2004, p. 511). E logo acrescenta: “*Não bastava Cachoeira? Não tinha visto Felícia queimada, o enterro de Mariinha, Lucíola morta no campo, a mãe ao pé do pilão pedindo para a Mariinha voltar?*” (BGP, 2004, p. 511).

As primeiras impressões acerca da cidade, num primeiro momento, não são muito nítidas, quando naquela manhã ensolarada, Alfredo acompanhado de D. Amélia, chega a Belém. São dignas de registro. No entanto, admira-se com a visão de um automóvel que passa buzinando (BGP, 2004, p. 80), com certeza inexistente em Cachoeira. Na seqüência, sua mãe sugere-lhe discrição para que não demonstre ingenuamente tratar-se de um “*menino bimba*”, ou seja, um matuto inexperiente de cidade...

Tem encontro com um morto exposto na pedra do necrotério (BGP, 2004, p. 84), o que lhe vale refletir sobre a morte e compará-la com o tratamento que se dá à mesma em Cachoeira. Observa a recepção constrangedora dada à “*menina do Moju*” (BGP, 2004, p. 83) tratada como uma simples “*encomenda*” pela fina e enfeitada senhora, que faz recordá-lo a avó de Edmundo Meneses, de Marinatambalo. Passa na frente do Seminário, “*... o Colégio, de que falavam muito, não o seu, mas um de fama, sobradão dos seminaristas, este ele nunca apeteceu*” (BGP, 2004, p. 86). E, finalmente, o marcante encontro no beco com aquela mulher alcoólatra, que, sob o efeito do álcool, embriagada e completamente descabelada, descomposta, causa escândalo na rua (BGP, 2004, p. 87), trazendo à memória do personagem a situação vivida pela sua própria mãe.

Confuso e sem conseguir fixar-se em coisa alguma, “*Belém, era uma embriaguês*” (BGP, 2004, p. 95). “*... Belém era a casa alheia...*” (BGP, 2004, p. 96). “*Os pés, porém,*

continuavam no chão cachoeirense, fincados no campo...” (BGP, 2004, p. 96). E nem podia ser diferente, para início de conversa...

Depois de um breve período de adaptação, expresso na obra entre aqueles dias da chegada do herói e o exame de admissão ao Grupo Escolar, os estados de alma do personagem alternam-se e revelam-se ambivalentes, frutos das comparações estabelecidas por Alfredo, e indicando um período difícil e lento de maturação. Por um lado, a solidão na casa alheia misturada com a saudade; por outro, “... *queria afastar de si toda Cachoeira. Desde o caroço de tucumã até Andreza*” (BGP, 2004, p. 112).

Belém é apreendida por Alfredo, quiçá, como um outro rio... “*Vinha, com efeito, morar à margem de outro rio?*” (BGP, 2004, p. 97). Na cidade, Alfredo não se deslocava de bonde, mas de barco (BGP, 2004, p. 95). A própria rua não era uma rua, mas captada como um rio ondulante (BGP, 2004, p. 95). E algumas páginas adiante acrescenta: “*Mas a rua estava silenciosa como um rio*” (BGP, 2004, p.115). O apito do trem “*Quase o mesmo apito que ouvia das lanchas no chalé*” (BGP, 2004, p. 97). Portanto, em vez de barcos – com a Lobato e a Guilherme – passavam trens.

Comparando Cachoeira com Belém, Alfredo, na realidade, “*Querida achar uma parecença entre as pessoas de Belém e as de Cachoeira*” (BGP, 2004, p. 115). As pessoas da cidade, aos olhos de Alfredo, tão juntas, ao lado umas das outras, mas simultaneamente tão distantes umas das outras... Afinal, era forçado a concluir tristemente que se sentia mais pobre do que no chalé! (BGP, 2004, p. 209).

No chalé, o assoalho de madeira era quatro degraus acima do chão das palhoças vizinhas, da Rua das Palhas. Isso era sinal de *status*. Isso, “... *explicava o seu orgulho diante dos moleques, sua diferença com Libânia, a pretensão de estudar num colégio*” (BGP, 2004, p. 209). Em Belém, todavia, essas diferenças eram eliminadas. E, se por um lado, começava a ganhar ojeriza daquele Grupo (Barão do Rio Branco); pensar em todos os esforços e sacrifícios da mãe, por outro lado, -- sua aposta nele – para que ele pudesse chegar à cidade e lá se mantivesse a fim de estudar e se tornar num doutor, fazia sentir sua anterior ojeriza simplesmente como pura ingratidão e ofensa.

Até as comidas não escapam de se tornar um motivo de comparação para Alfredo. D. Inácia Alcântara é comparada com D. Amélia. Das duas qual possuirá melhores dotes culinários? A comparação, à primeira vista, não é fácil: “*D. Inácia fazia pratos do Ceará que era uma novidade para Alfredo, como então comparar?*” (BGP, 2004, p. 162).

D. Inácia podia apresentar “... *maiores, melhores e astuciosos recursos de tempero, receita e alimentos...*” (BGP, 2004, p. 162). Mas a mãe, em contrapartida, “... *valha-nos Deus,*

que peixe o seu, a pescada desfiada no arroz, sem uma espinha, e no coco? D. Inácia fazia igual?” (BGP, 2004, p. 162). Se “No mocotó, a mãe perdia com a mão-de-vaca de d. Inácia”, porém, “... na ventrecha do pirarucu, sabia esta ao menos assar?” (BGP, 2004, p. 163).

E se D. Inácia era exímia no preparo de aluá, “... nem se atrevesse a madrinha-mãe em porfiar: a mãe, no pilão, tirava do tucumã maduro um vinho que era um sol nascendo...” (BGP, 2004, p. 163). Enfim, Alfredo acabava por concluir que “A mãe ganhava longe” (BGP, 2004, p. 163).

Além dessa interessante e saudável disputa pelos melhores dotes culinários, Alfredo ressalta que doçura, nos pudins, por exemplo, era com a costureira Isaura. Mas ninguém sabia preparar uma tartaruga ou um tacacá como Magá...

E em tartaruga, mãe e d. Inácia tinham que lhe pedir benção. Tartaruga nas mãos de Magá não só rendia os sete pratos, como era de se dizer: ‘esta-uma tem é parte com Aquele’. Na sua mão, até o casco dava gana de se comer (BGP, 2004, p. 192).

Diante da situação desafiadora nada fácil da adaptação ao novo meio e aos novos estímulos, Alfredo sofre a tentação do caroço de tucumã. Afinal, “... podia encontrar para o faz-de-conta, nos alagados da baixa, um carocinho de tucumã?” (BGP, 2004, p. 109). Mas na cidade as coisas não são fáceis de conseguir. O que abundava em Cachoeira, falta agora em Belém. Alfredo não encontra um só caroço de tucumã, apesar da sua procura e desejo de encontrar um. “... procurava na rua ou no quintal um coquinho de tucumã para reatar os jogos da imaginação e do faz-de-conta. E não encontrava um só” (BGP, 2004, p. 174).

Belém surgia na vida do herói como um período de provação, através dos diversos desafios, que a vida da cidade impõe ao cidadão; como um propício espaço de mudança no ser em formação do nosso personagem. Belém: “Tempo de tão singulares mudanças em Alfredo” (BGP, 2004, p. 143). E nosso herói descobre-se a meio caminho... Não era mais um menino e também não chegava a ser ainda um rapaz... Era como se um desconhecido começasse a latejar dentro dele (BGP, 2004, p. 113), fazendo com que ele não fosse mais do chalé nem ainda do 160.

Mas uma descoberta lhe é particularmente cara. Descobre a importância do dinheiro e, concomitantemente, o que significa a sua falta num espaço como o da cidade. Se as pessoas conseguem viver, mais ou menos sem dinheiro, nos interiores, nas grandes cidades isso é praticamente impossível. A mesada curta (30\$00), que demorava a chegar ou que de modo nenhum chegava aos Alcântaras e sempre jogada na cara dele é que o instigava a atitudes

consideradas inadequadas. O mesmo problema que sentira na pele e com o qual se confrontara, em adulto, Eutanázio³⁶; de igual modo, a não mais criança, mas também ainda não rapaz, começa a ter que se confrontar com essa dura realidade. Isso representava um desânimo, uma desilusão.

A sorte de Alfredo é que ele é um menino curioso e atento ao que o rodeia. Reflete sobre sua própria experiência: sobre tudo o que vê e o que ouve. Para a sua idade, apresenta um espírito crítico bem desenvolvido. “Não tem papas na língua” e sente-se muito “senhor do seu nariz”. Ele vai-se fartando e aprendendo aos poucos a recusar o processo educacional e formativo tradicional, sem, todavia, conseguir romper muito facilmente o cerco...

Ele se interroga: “*A que preço se ganhava uma educação?*” e o “*... que seria educar-se finalmente?*” (BGP, 2004, p. 312). Cansa-se do Colégio e começa a gazetar (BGP, 2004, p. 323). Descobre, em conversa com Antônio, que até os atraentes cheiros de perfume das professoras é pura enganação (BGP, 2004, p. 435). E não podia então se deixar de interrogar sobre o objetivo ou finalidade do estudo. Para que serve o estudo, afinal? “*... os estudos serviam para se deixar de ter pena do próximo para ser patife, com luva de pelica, como dizia o pai*” (BGP, 2004, p. 242). E tem a sua primeira experiência de trabalho, cujo fruto é oferecido em ato solidário para o líder fugitivo, Jerônimo, do movimento insurgente de S. Miguel do Guamá.

Em relação à formação escolar, o autor de *A Era dos Impérios*, Eric Hobsbawm (1992), preconiza que “*A educação escolar oferecia, acima de tudo, um bilhete de entrada para as faixas médias e superiores reconhecidas da sociedade e um meio de socializar aqueles que eram admitidos, de modo a distingui-los das ordens inferiores*” (HOBSBAWM, 1992, p. 247). Esse como que desânimo e distanciamento gradual de Alfredo, expresso através de um incisivo e crescente espírito crítico, em relação ao universo da escola formal e a

³⁶ Eutanázio “*estava em casa de seu pai feito um parasita*” (CCC, 1998, 130). Isto é, não possui sequer um espaço vital que sinta como seu: “*Não tem mesmo um quarto para dormir à vontade*” (CCC, 1998, 147). Sente-se constrangido, sobretudo, pelo seu modo de vida, principalmente por causa da falta crônica de dinheiro. Vive desempregado e sem encontrar sentido para a vida: “*Mas ao mesmo tempo, não vê nenhuma necessidade desse quarto. Não sabe o que fazer, não organizou um plano de vida, não tem emprego...*” (CCC, 1998, p. 147). Quando o Dr. Campos cita Blaise Pascal, reportando-se ao significado da miséria do homem sem Deus; Eutanázio recria a partir dessa asserção uma outra situação: “*... a miséria do homem sem dinheiro*” (CCC, 1998, 226). E o narrador de *Chove nos campos de Cachoeira* acrescenta: “*É o diabo ter a vida marcada pela horrível falta de dinheiro! Essa exclamação repercute dentro dele que o faz parar*” (p. 145). Situação paralisante. A falta de dinheiro significa não apenas reprimir algumas tendências ao prazer e à satisfação, como apresenta ainda um outro sentido: um sujeito como Eutanázio com aproximadamente quarenta anos, homem maduro, que não desenvolve uma atividade remunerada, mais cedo ou mais tarde, passará a apresentar transtornos, uma personalidade desintegrada. O trabalho é, portanto, uma fonte integradora, social e psicologicamente falando, construtora da personalidade humana. O trabalho constrói o homem, humaniza-o (Karl Marx). Dignifica. E o fruto ou compensação do trabalho, além de representar uma dimensão social, comporta libertação humana. Quando o ser humano não desenvolve uma atividade, ele se “descentraliza”, como que se desintegra e acabava forçosamente por desumanizar-se.

aproximação relativa ao mundo do trabalho e a todos aqueles que a ele estão associados, não terá um valor significativo?

Qual o significado de tal atitude? Representaria tal, por acaso, um afrouxamento, uma desistência dos ideais de ascendência social a que eventualmente fora estimulado e que poderia alcançar através do estudo? Tal mudança de atitude representaria uma nova descoberta, fruto de um olhar mais atento e crítico da realidade? Estaria visceralmente ligada ao despertar para a eliminação de algumas ilusões e, portanto, à aquisição de uma consciência mais real? Estas são algumas questões que não podemos deixar de nos colocar.

A melhor aprendizagem para o personagem é estar em contato direto com o mundo e bem atento aos acontecimentos. Precisa ter apenas os olhos bem abertos e os ouvidos bem antenados. Nesse sentido, estar atento às pessoas que o cercam, aos seus discursos, às posturas que elas assumem, é primordial. É caminhando pelas ruas da cidade e observando atentamente tudo o que nela se passa que o processo ocorre. Primeiro, caminhando de dia, posteriormente, descobrindo o universo da vida noturna. Alfredo vai-se tornando um *flanêur*.

Sem dúvida que Alfredo amadurecera nessa sua mais ou menos curta estadia na capital. “... *estava um aprendiz do mundo*” (BGP, 2004, p. 355). “... *olhava tudo com os olhos de quem ganhou mais idade e mais conhecimentos*” (BGP, 2004, p. 344).

É interessante o que Olgária Matos (1989) escreve acerca do espírito do *flanêur*:

Habitante de um universo privado de memória, o *flanêur* percorre ruas desertas – na madrugada – quando a cidade volta a lhe pertencer, no momento em que julga descobrir seu passado – o da cidade e o seu próprio. Não descreve, narra. Mais: torna a narrar o que escutou (...) um eco do que a cidade contou antigamente à criança (...) em que a recordação não é a fonte, mas a musa. Ela toma a dianteira, percorrendo as ruas, cada uma das quais é um declive. Vai descendo, se não ao ventre materno, pelo menos em direção a um passado que é ainda mais apaixonado por não ser um passado individual (...), a cidade evoca mais do que a infância e a juventude desse andarilho; mais que a sua própria história (MATOS, 1989, p. 74).

Alfredo caminha pelos mais diferentes pontos da cidade, sozinho ou acompanhado, compondo um itinerário mais ou menos definido, a tudo prestando atenção: às pessoas, às habitações, aos sobrados e seus azulejos, aos muros, às palhoças da Castelo Branco, aos cartazes pintados, em cromáticas cores, anunciando os filmes, às embarcações, aos mastros, às árvores e torres...

Caminha com Libânia por várias ruas e pontos da cidade. Relembra as estórias que ouvira de Siá Rosália, do major e de D. Amélia, sobre o Teatro da Paz, o Grande Hotel, o

cinema Olímpia, a sala de espera do cinema, o Largo da Pólvora, o prédio do Jornal *A Província*, de Antônio Lemos, e que depois haveria de ser incendiado, o Ver-o-Peso, etc. E confere se tudo o que observa coincide com o que vira no Álbum sobre a cidade.

Acompanha o Seu Virgílio, nos finais-de-semana (sábados), às compras no Mercado de Ver-o-Peso. Algumas vezes se cruza nas ruas com Mãe Ciana, que anda vendendo papéis de cheiro. Chega a dar-lhe a mão e a acompanhá-la, enquanto conversam. A ida para o Colégio é feita pelo caminho mais longo, mais moroso, para poder reparar mais à vontade naquele pobre despercebido com quem contata no meio à azáfama da cidade. Naquele muro que guarda as árvores frutíferas e é encimado por pedaços de vidro. Os passarinhos voam livres e ultrapassam-no, para bicarem as frutas que no outro lado se encontram, todavia nem sempre a contento, correndo risco de vida por causa de uma breve distração ou lapso. No vigia maneta do Colégio, que perdeu um braço na Guerra de Canudos.

Novamente recorro à reflexão de Olgária Matos (1989), mais uma vez oportuna, quando se refere ao “*flanêur*” que perambula pelos cantos e recantos da cidade:

À cidade do absolutamente visível – racionalista e abstrata – se contrapõe a cidade infantil e alegórica, a cidade labiríntica com a qual a criança estabelece pactos secretos. E a cidade com suas múltiplas possibilidades: intersecções, passagens, desvios, becos-sem-saída, ruas-de-mão-única que constituem os espaços de autonomia. Há uma linguagem secreta habitando esses lugares fugidios por onde passam a *flanêur* e a criança (MATOS, 1989, p. 80).

Uma sensação nova de cidade Alfredo descobrira: “*A cidade que estava dentro das pessoas, dos sentimentos e das lutas que ele ignorava*” (BGP, 2004, p. 307). Novamente a relação dialética entre o Eu (mundo subjetivo) e o Não-Eu (mundo da objetividade). Ou seja, entre o interior da pessoa humana e as coisas que a cercam. Entre um e outro mundo uma sutil ponte os liga. Sutil ponte, porque labiríntica.

O labirinto³⁷ não se propõe apenas enquanto uma realidade desafiadora externa ao sujeito. Há que equacioná-lo também e, sobretudo, enquanto problemática interna ao ser

³⁷ Em sua obra *Sobre os espelhos e outros ensaios* (pp. 338-340), Umberto Eco (1989) fala-nos de três tipos de labirintos: O labirinto clássico, o de Cnosso (o labirinto de Teseu, do Minotauro e do fio de Ariadne); o segundo tipo é o labirinto maneirístico ou de Irrweg (ou seja, aquele que toma a forma de uma árvore, é como uma estrutura com becos sem saída); e o labirinto de terceiro tipo é uma rede, “*na qual cada ponto pode ter conexão com qualquer outro ponto*”, e aqui, o autor disserta sobre o modelo configurado pelo rizoma. Para concluir, não deixa de ser pertinente transcrever a parte final dessa obra, em que Eco (1989) afirma: “*O pensamento do labirinto, e da enciclopédia, é fraco enquanto conjectural e contextual, mas é razoável porque permite um controle intersubjetivo, não desemboca nem na renúncia nem no solipsismo. É razoável porque não aspira à globalidade; é fraco como é fraco o lutador oriental que ataca exatamente como o adversário, e inclina-se a ceder, para depois encontrar, na situação que o outro criou, os modos (conjeturáveis) para reagir vitoriosamente*” (1989, p. 341).

humano. Segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1982): “*O labirinto conduz também ao interno de si mesmo, para uma espécie de santuário interior e escondido, no qual reside o mais misterioso, da pessoa humana*” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1982, p. 396).

Avaliamos já anteriormente que o Ciclo do Extremo-Norte configura-se como um imenso mosaico. Pode-se observá-lo a partir de algumas poucas obras das que o compõem, ou no seu conjunto geral. De qualquer modo, no seu conjunto, o ciclo é feito tendo como referência uma personagem central, Alfredo, herói do ciclo. No entanto, Dalcídio Jurandir, ao longo de BGP, faz desfilar diante de nossos olhos um amplo e variado quadro de tipos³⁸ e figuras sociais, compondo assim um imenso e realístico painel revelador do quadro sócio-econômico da Amazônia.

Essas figuras ou tipos vão desde personagens retratadas que representam a *alta sociedade* até àquelas que formam a denominada “aristocracia de pé no chão”, denominação tão querida ao autor. Um painel que tece um leque, variado e rico, de fauna humana. Por exemplo, como as “finas senhoras da sociedade”, ou que se presumem como tais, vulgo as dondocas, como aquela que surge no início do romance (BGP), figura divertida e como que alegórica, de chapéu emplumado e toda enfeitada, e que aos olhos de Alfredo fazia lembrar as imagens dos “*carros de Carnaval*” vistas em revista antiga (BGP, 2004, p. 84).

Outras senhoras, à semelhança dessa, não menos vistosas e chamativas da atenção, portanto, aparecem, aqui e ali, ao longo do romance. É o tipo de *madame* que denomino de “enchapelada”, e que tão bem foi caracterizada na poesia por Bruno de Menezes como um tipo feminino característico das primeiras décadas do século passado, facilmente observada nas ruas de Belém. Um outro exemplo nos é apresentado na página 41 de BGP: “*A mãe não tirava o olhar de cima duma senhora enchapelada, fofa de rendas...*”.

A caminho da escola, em plena rua, Alfredo se cruza com uma destas senhoras da sociedade, que acabou por chamar-lhe sobremaneira a atenção, e não pôde deixar de comentar em casa, a título de curiosidade. Tratava-se afinal de uma ex-artista de teatro e que se tornara a mulher do ex-Governador. Não falava com ninguém na rua (BGP, 2004, p. 150).

³⁸ Segundo Massaud Moisés (1982), as personagens podem dividir-se em **tipos**, “quando a peculiaridade alcança o auge sem causar deformação” e nos dá como exemplo a figura do Conselheiro Acácio, do primo Basílio, de Eça de Queirós, e ainda, segundo o teórico, as personagens podem apresentar-se como **caricaturas**, “quando a qualidade ou idéia única é dilata ao extremo, provocando uma distorção propositada, a serviço da sátira ou do cômico”, e apresenta-nos como exemplo característica deste caso, o Ernestinho (do mesmo romance de Eça de Queirós). (MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 3. ed. São Paulo: CULTRIX, 1982). O dicionário Aurélio apresenta vários sentidos para a expressão: [Do grego týpos, ‘cunho, molde, sinal’]. **1.** Aquilo que inspira fé como modelo. **2.** Coisa que reúne em si os caracteres distintos de uma classe; símbolo. **3.** Exemplar; modelo.

O romance menciona ainda um tipo de mulheres da alta sociedade, pois se apresentam não muito diferentes daquelas a quem o profeta Amós, nos seus escritos, denominava de “*vacas de Basã*” (4, 1-3). São mulheres distintas, socialmente falando, mas sem caráter, corrompidas, as denominadas pelo narrador de “*hetairas*” ou de “*cortesãs de penacho*” do lemismo. Algumas dessas empurradas pelos próprios maridos a se entregarem, interessados eles na obtenção de uma promoção (BGP, 2004, p. 410).

Um outro tipo de altas senhoras, freqüentadoras assíduas do cinema Olímpia, que sob a pena do autor assumem uma dimensão meio-caricata, e que, na verdade, acaba por ser motivo de chacota por parte da costureira Isaura, denominando uma de “*tia bimba*”; outra de “*enjambrada*”; a “*macaca*”, uma outra; aqueloutra, de “*coruja de gaze*” e, aquela lá, de “*... aquela tartaruga entremeada de laçarotes e colares*” (BGP, 2004, p. 235). Esta é uma representação feminina, em síntese, da alta sociedade paraense (belenense).

Vários tipos de famílias são retratados pelo narrador esmiuçando a situação social em que cada um se encontra. A família dos Rezendes, destaque na época do lemismo, acaba lançada numa palhoça dos Covões. No Inferno da lama, do mau-cheiro, da privação e da extrema necessidade. É o equivalente à Rua das Palhas, em Cachoeira: símbolo de miséria e de degradação moral. Alfredo sabe de sobra o que isso significa.

A família Alcântara, família central no romance e através da qual nos é concedido acompanhar o seu itinerário trágico, pois termina igualmente nos Covões, sem alternativa do que aquela além da preocupação e da miséria representa um protótipo de família, todavia, que, apesar de se encontrar rodeada pela “*desagregação das coisas*”, vive uma situação mais ou menos “*repimpada*”, quer dizer: remediada. Perto do desespero dos Covões, para evitá-los faz de tudo com o objetivo de alcançar uma “*tábua de salvação*” que lhe permita chegar a um “*porto seguro*” e que lhe proporcione novamente a ascensão ao *status quo* perdido.

Algumas outras famílias, à semelhança da família Alcântara, no que respeita à sua posição social, tal é o caso, por exemplo, do padrinho de Alfredo, moram em sobrados, mas apenas para salvar as aparências, pois a sua real situação social é de decadência e desagregação. Essa foi a justificativa dos Alcântaras com a mudança para a 34 da Estrada Nazaré. Uma casa em ruínas, caindo de podre, sob a ação do tempo e do cupim, inabitável. Mas a Estrada Nazaré, área nobre, dos chalés das famílias ricas; só pelo fato de poder mencionar que mora na Estrada Nazaré, entre a Dr. Moraes e a Benjamin...

Outros sobrados e chalés, como os já mencionados no parágrafo anterior, da Estrada Nazaré, por exemplo, são habitados verdadeiramente por famílias ricas e abastadas. Um dos colegas de classe de Alfredo, do Barão Rio Branco, o Lamarão, está incluído nesse grupo,

pois habitava um palacete na S. Jerônimo (BGP, 2004, p. 153). Morar nesses sobrados ou chalés é como morar no Paraíso. No outro extremo da sociedade, em contrapartida, no Inferno, são nos apresentados os Covões, como o palhoçal da Castelo Branco:

Lama e valas, ladeando capinzais e lixo (...) Nas barracas de chão, viam-se meninos de olho remelento (...) amarelidões de paludismo e partos recentes, velhinhas vergadas sobre as almofadas de renda (...) o cabelo piolhento da neta que berrava (BGP, 2004, pp. 2007-208).

Existe um estamento social situado entre a baixa (os Covões) e a Gentil, nas proximidades do Largo Nazaré e da Basílica (área central), a dois passos da morada dos Alcântaras. O espaço da Rui Barbosa, onde moram os parentes de Alfredo. Trata-se de uma família de gente simples, mas prendada e cheia de dons: “*Família muito bem apreciada...*” (BGP, 2004, p. 193). Mistura de branco e de preto. Por serem descendentes de afro-brasileiros são socialmente discriminados. É uma família pé-no-chão. Cheia de postura e hombridade.

A sofrida Mãe Ciana, de pé no chão, literalmente, palmilhando as ruas da cidade, sendo recebida em todo tipo de casa, vendendo seus papéis de cheiro. A tacacazeira Magá, conhecida pela sua especialidade no preparo da tartaruga. A Isaura, habilidosa costureira, explorada pelas Alcântaras, e os irmãos, respectivamente, um marceneiro e o outro motorneiro. Neles e nelas está representada a estrutura, melhor, a base da sociedade, naquilo que efetivamente a mantém: o trabalho. O trabalho explorado que cria riqueza. Afinal, “*É das mãos calejadas do operário/ que a estátua do progresso há de surgir!*” (BGP, 2004, p. 503). Neste grupo específico, sem dúvida que caro ao autor, representado pela família da Rui Barbosa, encontramos certa visão e consciência política, um orgulho da dignidade humana.

Duas categorias sociais nos são repetidamente apresentadas no romance (BGP), por serem submetidas a uma cruel e atroz exploração: a categoria das professoras (normalistas) e a dos funcionários públicos, de um modo geral. Destes, os funcionários, se afirma que estão com vários meses de atraso e como que mendigam vales no Tesouro (BGP, 2004, p. 203).

A situação vivencial das professoras não é muito diferente. Elas quase são obrigadas a “*se venderem*” para poderem profissionalmente subsistir, pois passam muitos meses sem compensação salarial (BGP, 2004, p. 203). D. Inácia interrogava-se, talvez um pouco exageradamente, mas nem por isso menos oportuna: se poderia haver honra ou dignidade sem se receber o ordenado (BGP, 2004, p. 216). E quando refletia em relação à dramática situação do professorado, questionava:

O que separa a senhora honrada da meretriz é uma cortina muito transparente, um fiozinho de seda, um risco de giz... Que podem esperar as professoras? Deixar de ensinar os barrigudinhos papa-terra ou manter-se puras e famintas? Que não se dispam? Não levantem a saia? Se não tem mais o que vestir as pobrezinhas... Saia! Mas não é pra não andarem despidas, ter uma saia, que se entregam? (BGP, 2004, p.216).

A figura do Chefe de Polícia, Julião Gomes, um desembargador, considerado por D. Inácia como um “*salteador de toga*” (BGP, 2004, p. 233), pior ainda: “*Um canalha que usa sempre as leis contra o direito*” (BGP, 2004, p. 233). Um juiz sujo, ainda segundo D. Inácia, *oportunista* e um vira-casaca. Cria do lemismo, cresceu através da “*trapaça nas urnas*”. Sempre em torno do Senador (Lemos). No entanto, “*Mal tombou o Senador, foi um dos primeiros no movimento redentor contra o lemismo, ganhando a Chefia da Polícia*” (BGP, 2004, p. 231).

O Seu Lício, companheiro de longa data de Mãe Ciana, é uma figura contraditória. Encadernador com consciência política, preocupa-se com a Humanidade, mas tem um jeito só seu de destratar Mãe Ciana, que finge não se importar... Nesse aspecto assemelha-se a D. Inácia, porta-bandeira do movimento insurgente dos roceiros do Guamá, preocupada com a situação de Antônio, empregado maltratado da vizinha, mas dentro de casa explora desalmadamente Libânia e, com a filha Emília, o trabalho de costura da “serviçal” Isaura. Parece, com isso, tratar-se de um vago amor à Humanidade, enquanto esse assume uma conotação conceitual abstrata, mas que, nas relações, práticas muitas vezes, se expressa antagonicamente através de uma atitude de destrato para com aquele(a) que está mais próximo(a)...

Não deixa de aparecer, Seu Lício, como uma figura castiça e até mesmo, em algumas circunstâncias, bastante simpática e com a qual logo nos identificamos. Alfredo a ele prestava cuidadosa atenção! Era um idealista, no fundo, cujos ideais eram consagrados à atividade grevista e à insurgência social, queixando-se, todavia, “... *do remanso social em que Belém modorrava*” (BGP, 2004, pp. 500-501). Seu Lício era um dos que ainda esperavam a volta dos cabanos... Alguns recebiam, aliás, que o movimento dos roceiros levantado no Guamá pudesse transformar-se com o tempo numa outra cabanagem³⁹ (BGP, 2004, p. 278).

³⁹ Único movimento revolucionário (1835-1840) ocorrido no Brasil em que as camadas populares ocuparam o poder. No Grão-Pará essas camadas se compunham de mestiços, negros e índios, que viviam em aldeias ou destribalizados que se encontravam dispersos pela região amazônica, morando em pequenas ilhas ou às margens dos grandes rios em miseráveis cabanas. Daí vem a expressão “movimento da cabanagem”. “*Em janeiro de 1835, os rebeldes invadiram Belém, a capital da Província do Grão-Pará, soltaram os presos, depuseram o governador e instalaram um governo sob a chefia de Clemente Málcher*” (SILVA, 1994, p. 19). O escritor paraense, Inglês de Sousa, nos contos *A quadrilha de Jacó Patacho* e *O rebelde*, retrata de forma realista (e

Mas essa modorra social cidadina haveria de passar, segundo Seu Lício. Acreditava até numa maior radicalização da luta, talvez até inspirado em ideais anarco-sindicalistas⁴⁰: “*Mas elas virão*” afirmava convicto e acrescentava: “*Ah, virão*”. Acrescenta o narrador que se referia às bombas. Porém, enquanto o tempo propício não chegava, Seu Lício almoçava pachorrentamente a moamba nos Alcântaras, celebrando a festa do Círio⁴¹.

Reservei para este final o grupo dos empregados em casas alheias, moços e moças, que desde muito cedo de suas vidas são levados(as) em mãos por um dos familiares ou até mesmo por um ou outro parente e recolhidos pela família a quem são entregues.

Esses meninos e meninas são submetidos a extenuante trabalho, melhor: são inescrupulosamente explorados, sem receberem qualquer tipo de compensação. É revoltante a miséria em que vivem na casa das pessoas que os acolhem. Usam e abusam deles; são considerados menos do que gente. Aliás, pelo tratamento recebido nem chegam a ser consideradas pessoas. É o caso da menina do Moju, de apenas nove anos; de Libânia e de Antônio.

A menina do Moju, designo-a assim, pois pertence a uma imensa massa anônima de meninos e meninas para quem não importa o nome, é considerada como uma “*encomenda*” pela senhora que vai recepcioná-la. É uma pobre menina de nove anos “... *amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca, metida num camisolão de alfacinha*” (BGP, 2004, p. 83). Surpreende a própria senhora, que acaba por recusá-la, devido à fragilidade e embaraço da menina. A patroa esperava uma maiorzinha “*pra serviços pesados*” (BGP, 2004, p. 83).

O pobre quando diante do “senhor” cala, não fala, não pronuncia, não elabora discurso. São dois mundos absolutamente distintos em confronto. O pobre é então visto como “*tapuru*”, “*bicho do mato*”. Dois mundos em que um é (senhor) e o outro não-é (o servo). Alfredo conhece esta problemática desde o interior: Cachoeira. Simples encomenda... Não-ser!

ficcional) os fatos intensos que marcaram esse movimento revolucionário. In *Contos Amazônicos*, Editora Martin Claret [pp. 89-98 e pp. 99-140].

⁴⁰ Os ideais anarquistas foram trazidos por espanhóis e portugueses para o Brasil, no início do século passado. Como movimento exerceu um papel relativamente preponderante na luta e articulação da classe popular, até à criação do Partido Comunista Brasileiro (PCB), fundado em 1922.

⁴¹ Ângela Maroja (2006), em artigo intitulado *Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir* publicado em *Escrita literária e outras estéticas* – Vol. 1, org. Amarílis Tupiassú (2006), explana sob a terceira idéia de *traslação* na narrativa (a primeira, o traslado da família Alcântara da vinte e dois de Junho para o 160 da Gentil, provocada pela queda do senador Antônio Lemos; a segunda forma de traslado é aquela efetuada por Alfredo de Cachoeira, interior do Pará, para a capital, com o objetivo de estudar em Belém); e, por fim, a terceira, a que conjuga com a procissão da Trasladação, “*que é parte do Círio de Nazaré*”, o “*acontecimento patético, o roubo da Alfândega*”. [p.70-71].

Libânia é maltratada. O futuro dela é acabar sumindo, segundo previsão do narrador (BGP, 2004, p. 51). Ela mesma adquire essa convicção: “*Um dia me sumo (...) Nem rastro deixo*” (BGP, 2004, p. 393). Esse foi o destino de Antônio, primeiro de casa de D. Ludivina, e, depois, com certeza, também acabaria por fugir da casa dos Alcântaras, face ao final trágico da família.

Libânia anda descalça (apenas ganhou um par de sapatos e dos irmãos de Isaura no aniversário de Emília), dorme no chão, forrado pela serrapilheira, enrolada nuns trapos, pois nem sequer possui uma rede. Moça de recados da família sai para a rua debaixo de sol ou de chuva. Todo o serviço de casa está em suas mãos. Desdobra-se em duas para servir a madrinha mãe e a madrinha filha. Usava uma saia de estopa e uma blusa velha, que mal a cobria, cheia de rasgões. Maltratada, ainda ouve das boas da boca de D. Inácia, que a chamava de “*cabocla enjambrada, braba de pele de couro...*” (BGP, 2004, p. 385).

Antônio, durante o dia não falava, nesse mutismo, à luz do dia, tão próprio dos pobres, dos deserdados de discurso, mas à noite, junto aos colegas (Libânia e Alfredo), tornava-se num experiente contador de estórias. Estranho menino na sua inquietude e transparência doentia. Antônio não tem uma blusa e nem um calçado (BGP, 2004, p. 273). Seu destino era ser sozinho por esse mundo... Meio “sem eira nem beira”, como se costuma dizer. Amarelinho, que até parece comedor de terra... Sem ninguém (BGP, 2004, p. 206).

O quadro social revelado ao longo do romance não é muito animador. Belém vem aos nossos olhos como uma outra Cachoeira, só que um pouco mais distinta, refinada. Afinal, é a capital do Estado. Mas quando seu Virgílio compara o Pará ao ferro-velho, ele simplesmente nos alerta para essa dimensão corrosiva, desgastada, carcomida, sem mais uso... Parece que depois da Administração lemistá sobrou o caos. Como se a Administração do Intendente significasse um Paraíso. O poeta Bruno de Menezes (1993) se expressa através de uma imagem artística e metaforicamente criada quando se refere a esses tempos e ao pós-lemismo: “*esbanjava-se dinheiro a rôdo, (...) A ascensão era fácil e a subsistência pacatamente ganha. Os que vieram depois nem as bíblicas espigas de Ruth encontraram...*” (MENEZES, 1993, p. 382). Todavia, Maria Nazaré (2002) nos alertara para o fato, como vimos anteriormente, de que o leimismo criara já em seu bojo verdadeiro Covões.

Ernani Chaves (2006) ao fazer uma análise do romance *Ponte do Galo*, em *Leituras Dalcidianas*, expõe com clareza esse ponto de vista ao asseverar que “*Dalcídio Jurandir*

superpõe à cidade de Antônio Lemos, cujo modelo era exatamente o Barão de Haussmann, uma outra cidade, uma cidade fantasmal como ele mesmo diz...”⁴² (LEITE, 2006, p. 40).

É evidente que o narrador tem uma postura clara de repúdio e crítica à Administração lealista e ao que ela comportou como consequência, conforme expressa em seus romances. Revela-o através do quadro social desagregador e diretamente sentido na pele daqueles por quem mais estima possui: a aristocracia de pé-no-chão. Curiosa expressão, que se refere à gente que não é aristocrática pelo sangue ou título, visto tratar-se de gente simples, mas que o é pela honra e dignidade no modo como se confrontam com a vida.

A pouco mais de uma década após Antônio Lemos, o quadro que se nos revela é o de uma *grande crise* espalhada por todo o Pará. Na verdade, essa crise estende-se a toda a região da Amazônia, se a visualizarmos como uma expressiva área inserida na estratégia mais ampla do capitalismo internacional.

O povo nem está conseguindo viajar mais do interior para a cidade. A festa do Círio revela-nos esse aspecto, que por nós já era conhecido na figura do personagem Alfredo. A Administração é deficitária. O Governador atrasa o salário do funcionalismo (BGP, 2004, p. 140). As professoras, conforme já vimos anteriormente, também viviam uma situação muito crítica. BGP refere uma professora com 29 meses de atraso. Parece quase uma piada de *humor negro*.

Um quadro social destes é terrível. As coisas simplesmente não funcionam. Espalha-se cada vez mais um mal-estar geral. Mal-estar que vem do campo por onde se alastra a fome. O povo está no limite da sua resistência. Sem condições de trabalho, mal alimentado, sustado em torno do problema da terra, reage manifestando-se através do movimento insurgente dos roceiros de S. Miguel do Guamá. Esses insurgentes (*revoltosos*) são descritos como “... *indivíduos esqueléticos, esfaimados e maltrapilhos*” (BGP, 2004, p. 282).

Em virtude dessa dramática situação rural, os jornais passaram a noticiar que “... *bandoleiros do Guamá andavam assaltando os barracões do comércio*” (BGP, 2004, p. 207). Tudo isso fruto da “*famintura nos roceiros*” (BGP, 2004, p. 207). É um cheiro à Cabanagem. “*Aos remos, bradavam os caboclos no rio Guamá*” (BGP, 2004, p. 279). Corria o zunzum de que pretendiam se encaminhar para Capanema...

⁴² O Barão de Haussmann foi o prefeito responsável pela transformação urbanística de Paris, na segunda metade do século XIX. Paisagens como os Campos Elísios, a Torre Eiffel, etc. foram projetadas na administração desse prefeito. “*Haussmann sonhara com uma cidade geométrica, perfeita, cartesiana, com suas largas avenidas, que facilitassem a circulação e que, principalmente, evitassem as revoltas e as manifestações populares*” (APUD. LEITE, 2006, p.40).

Enquanto isso, na cidade, por dentro dos quartéis, a baixa oficialidade conspira sob o olhar atento da Virgem de Nazaré. “*Às armas’, conspiravam os militares nas casernas*” (BGP, 2004, p. 279). Curioso, Alfredo tem uma opinião diferente dos recrutas (não só porque estes estão iniciando a sua carreira ou atividade militar, mas porque eles possuem igualmente menos formação que os oficiais, o que acaba por representar em nosso caso menor visão política) que ele observava nos exercícios militares. Bem diferentes daqueles seus soldadinhos de chumbo com que brincava em Cachoeira, e que derrubava facilmente, imitando a guerra contra a Alemanha (I Guerra Mundial). No entanto, “*Estes do largo de Nazaré, tão bonecos, eram de carne e osso, nem pareciam, mas eram, e isso causava um duro espanto*” (BGP, 2004, p. 146).

Eram esses recrutas, filhos do povo, futuros militares, junto á oficialidade, que conspiravam e preparavam algum levante, em resposta à situação que atravessava o País por essa época, expressa na tensa disputa presidencial, entre Nilo Pessanha e Artur Bernardes. Essa conspiração incubada nos quartéis resultaria na revolta do Forte de Copacabana, em 1922, movimento levado a cabo pelos tenentes (a baixa oficialidade expressava seu descontentamento com a situação política do País).

O romance *Belém do Grão-Pará* mostra-nos que o móbil de ambos os movimentos é diferente. Existe uma diferença acentuada entre a revolta dos roceiros do Guamá e a conspiração dos quartéis. “... *entre os dois tipos de homem em ação*” (BGP, 2004, p. 214). Para o narrador, que fazia referência à distinção efetuada por D. Inácia, “*Os caboclos do Guamá agiam por fome. Tudo arriscavam, e por tão pouco, peça de pano ou punhado de sal*” (BGP, 2004, p. 214). Quanto à movimentação nos quartéis, “*Os militares agiam por ambição do poder, pela má natureza do homem em querer mais, em fazer soar a sua valentia, paixão do brilho e da fama*” (BGP, 2004, p. 214).

Enfim, essa é a problemática enfrentada por Alfredo em *Belém do Grão-Pará*. Corresponde a um período de acentuados desafios e certo amadurecimento. Não menos à quebra de algumas ilusões, alimentadas pelo menino, que aos poucos se ia tornando num rapaz. Uma atenção mais particular às coisas que lhe deram um novo olhar e uma nova medida, sobretudo, quando faz a ponte entre o interior e a cidade.

Situação nada fácil vivida por nosso herói. Cheia de ambivalência, tensão e descoberta. No final chega à incerteza de todo o apostador, de todo aquele que arrisca: a insegurança e incerteza em relação ao resultado ou ao que poderá vir depois. E agora? Interrogava-se Alfredo no final de CCC, numa noite de “*chuva diluviana*” com Eutanázio no

leito de morte, “*morre não morre*”, à beira de sair de cena. Alfredo confrontava-se naquela época com a figura paterna.

Com o desmoronamento da casa e da família dos Alcântaras, igualmente numa noite, Alfredo interroga-se: E agora? Para onde iria? Representaria essa situação acaso um retorno definitivo a Cachoeira? E o que dizer de seu futuro e do seu projeto de vida, por ora se tornando cada vez mais indefinido?

A situação, mais do que uma ruptura configurava-se como uma provável regressão sem sentido na cabeça do herói. Afinal, depois desse período de provação passado em Belém, Cachoeira era e seria sempre uma referência para Alfredo, mas sem retorno, sem volta. Assim como Belém, um sonho sonhado e imaginado durante vários anos, dir-se-ia agora se tornar uma causa perdida aos poucos e conscientemente assumida pelo menino. Não deixou de haver, contudo, uma melhor percepção da complexidade das relações sociais, no ambiente urbano, mais diversificado e, por natureza, mais complexo, por parte da personagem.

Entre Cachoeira e Belém: uma terra e espaço de desconstrução de ilusões. Haveria que recriar um outro universo, para além de Cachoeira e da Capital, e esse seria um desafio ao mundo interno do personagem. O que colocar no lugar das desilusões? Teria ainda alguma validade a trilogia: conhecimento- poder-felicidade?

Poderíamos deduzir que, depois de Alfredo questionar o processo formativo escolar, de se interrogar sobre o sentido amplo do que seria *educação*, de sentir suas esperanças derrubadas pelo sentimento do “*colégio perdido*”, o que se poderia entender por conhecimento? Como ou onde adquiri-lo?

Talvez no caso da personagem Alfredo se adapte melhor o conceito de **saber** em confronto com o de **conhecer**. Michel Foucault (2000) é pertinente ao destringar com clareza a distinção dos conceitos: “*quando eu emprego a palavra ‘saber’, eu o faço para distingui-la do termo ‘conhecimento’.* ‘Saber’ é um processo no decurso do qual o sujeito encontra-se modificado pelo que conhece, ou melhor, no trabalho que ele realiza para conhecer. É o que permite modificar o sujeito e construir o objeto. ‘Conhecer’, ao contrário, é o processo que permite multiplicar os objetos conhecíveis, desenvolver a inteligibilidade, compreender a racionalidade, mantendo sempre estável o sujeito que interroga”. E mais adiante, quando se refere à **questão do saber** como uma **questão de provação** (*épreuve*), não deixa de ser menos explícito: “... *na associação que liga a questão do saber à questão da provação (épreuve), uma vez que é levado em conta o comportamento do sujeito pela operação que ele realiza para alcançar o saber. Saber é portanto um comportamento. Trata-se de pôr-se à prova numa relação*” (Apud. SOUZA, 2000, p. 227-228).

Após ter observado tanta fragilidade, pressentindo tanta exploração ainda abafada na consciência, reparado na luta dura, difícil e não poucas vezes quase estéril de tantos desvalidos, como conceber o poder? A serviço de quem? Com que intuito?

E, finalmente, no meio de tanta dor, fome, doença e miséria que tanto o interior quanto a cidade propiciam aos olhos atentos de nosso personagem, como pensar em ser feliz? Que sentido e significado teria a felicidade?

III

PASSAGEM DOS INOCENTES: O REVERSO DA CIDADE

Durante muito tempo Alfredo viveu, pelo menos no período referente à vivência em Cachoeira, projetando sua vida no futuro, na tentativa de acelerar o cumprimento ou realização de seu sonho. Referimos o inconveniente de tal atitude na I parte deste trabalho, quando nos debruçamos sobre essa questão.

Viver o futuro antecipadamente no presente, em certo sentido, representa tal atitude uma negação da vida, na gratuidade do dom e expressão de sua manifestação cotidiana. O indivíduo não vive realmente o presente, mas o futuro; negando aquilo que existe na tentativa de antecipar aquilo que não existe. Acaba por reduzir sua vida à nulidade, tornando-a com isso inautêntica. É certo que tamanha atitude não deixa de redundar numa forma de alienação (KOSIK, 1976: p. 68).

O primeiro ano do personagem em Belém, analisada na II parte com *Belém do Grão Pará*, representou como que um choque na vivência e no processo histórico-existencial do menino. Se, por um lado, correspondeu a uma interrupção do *modus vivendi* costumeiro do menino; por outro, representou também uma tentativa iniciada de revisão e reavaliação da visão e valores aceitos até àquela data.

À distância do conhecido (pais, chalé, Cachoeira), a partir de sua nova vivência cidadina, o personagem viu-se na contingência de repensar e recriar em novos moldes a sua visão e conceitos. Belém acabou por significar mais do que uma mudança, um amadurecimento.

Em *Passagem dos Inocentes*⁴³, Alfredo vivenciará um novo período de experiências qualitativamente diferente daquelas do romance anterior (BGP). Residirá na Passagem dos Inocentes, aquela que será uma experiência típica de um Covão. Irá parar naquilo que sempre procurou evitar ou nunca desejou. Essa será uma descoberta terrível que logo se lhe imporá no primeiro dia de sua chegada à Passagem, quando num dia chuvoso tem que se confrontar com a lama.

Não deixa de ser pertinente atentar para os contrastes que representou a chegada do personagem na cidade. No ano anterior (BGP), acompanhado pela mãe, vivenciara um sentimento de feliz espanto. Agora, numa curiosidade triste, sob a companhia de Leônidas (PI). Antes, numa manhã alta, sob um sol forte e radioso; agora, no final da tarde, ao som do apito da Usina, que anunciava as seis horas, debaixo de um cinzento chuvisco. O estado de espírito reflete o estado externo, prenúncio profético do que eventualmente viria a representar

⁴³ Sempre que nos referirmos a essa obra passaremos a adotar a sigla PI. Usamos a edição de 1984 da Falangola Editora.

sua estadia nesse segundo ano na capital. “*Que diferença entre as duas chegadas de estudante a Belém, a primeira com a mãe, manhã alta, cidade desconhecida, e ele, hoje sabia, embora a cabeça pelada, num feliz espanto*” (PI, 1963, p. 67).

E algumas linhas abaixo, logo acrescenta:

Agora, numa curiosidade triste. Sim que quase rapaz, pronto para calça comprida, sem chegar pela mão de ninguém. Leônidas vinha com ele por uma simples coincidência (...) E tarde, tinham chegado tarde (...) ainda por cima chovendo, já o sol por trás da outra margem do rio manchava de amarelo o rosto da cidade (PI, 1963, p. 67-68).

Todavia, igual ao ocorrido no ano anterior, em relação à família dos Alcântaras, o mesmo desejo de chegar em casa. Da primeira vez, devido ao cansaço, e sob as fortes emoções da viagem, o desejo de chegar a casa, no 160 da Gentil, para poder dormir. Agora, pela vontade de satisfazer uma curiosa expectativa – “*Quero decifrar a tal casa, saber a hospedagem*” (PI, 1963: p. 69) – que se manifestava desde Muaná, onde Alfredo passara as férias de final-de-ano. Dava asas então à sua imaginação e ao vôo de seu devaneio: “*E a casa lá? Como será? Alta? De platibanda? Telha francesa? Soalho madeira preta e branca? Sacadas?*” (PI, 1963, p. 68).

Quando procuramos compreender mais profundamente as famílias representadas ao longo dos romances, não podemos deixar-nos de questionar sobre a coesão desses grupos. Tratar-se-iam de famílias que poderíamos considerar com um bom grau de coesão? Certamente que não! Tanto a dos Alcântaras – “*Os gordos, os três, continuavam desunidos atrás de uma casa de Nazaré...*” (PI, 1963, p. 106); quanto a D. Cecé, revelada através de uma vida familiar (leia-se conjugal) bastante fria e cheia de indiferença, mantida à custa de lembranças de vários casos que afloram à sua memória -- e dos quais seu marido vagamente participava -- e para quem a Passagem representava mais que uma punição por uma vida acumulada de erros. Essa foi a real situação encontrada por Alfredo em Belém.

O comportamento de D, Cecé – D. Celeste de Oliveira – poderá ser mais facilmente compreendido se atentarmos na família sua antecedente, aonde foi criada, como uma das famílias mais tradicionais e conceituadas de Muaná, a dos Oliveiras. Vejamos.

Sua mãe, D. Teodora de Oliveira, esposa do Doutor Juiz, Felício da Oliveira, que de vez em quando, por motivos profissionais, se ausentava e “*... assim viajando, oculto o mal maior*” (PI, 1963, p. 92). Este mal maior tratava-se de infidelidade. D. Teodora era-lhe infiel (ao marido): “*Aquela outra vergonha, que se presume secreta e por isso mais suja, em que*

toda a família apodrece por dentro, debaixo das bananeiras” (PI, 1963, p. 92). As famílias procuravam, acima de tudo, ontem como hoje, dir-se-ia que manter as aparências.

Essa situação geral, de desunião familiar, não era nova para Alfredo, pois se arrastava já desde o chalé, em Cachoeira: “... *o chalé, sem Mariinha, uma casa destelhada com dois estranhos em luto*” (TCR, 1994, p. 211). Isso para não falarmos do exemplo familiar do chalé das três janelas, de Seu Cristovão, considerado como um verdadeiro pandemônio.

Uma família tradicional e influente, como a dos Oliveiras, em Muaná, com certeza se submeterá a um código moral diferente do dos Alcântaras na situação narrada em BGP e mais ainda de D. Cecé, em PI. Trata-se de uma família, a dos Oliveiras, da elite interiorana. Mais ainda: viveram num outro contexto histórico e sócio-econômico, numa geração anterior. A situação vivida por estas duas últimas famílias, porém, submetidas a um forçado *empobrecimento*, é determinada por causa de terríveis condicionamentos. Quando a família é submetida a uma situação socialmente desfavorável, ela não deixará de sofrer mais ou menos um forte impacto.

A família é como um perfeito barômetro que cuidadosamente mede ou reflete as pressões da sociedade. Nesse sentido, cabem aqui as palavras de James CASEY (1992), um estudioso da família: “*a família é apenas um conceito heurístico que nos ajuda a explicar a estrutura econômica e política de uma sociedade particular*” (1992, p.197). Todavia, o mesmo autor nos alerta também para um fato que não deixa de ter peso no que se refere às estruturas familiares: elas não constituem instituições isoladas, ou seja, o tema da família não pode ser tratado como um tema isolado, pois, segundo o autor, deveríamos levar em consideração não apenas os ideais religiosos, mas ainda a estrutura política que envolve as famílias (CASEY, 1992, p. 196).

Além do mais, as instituições familiares são criações humanas determinadas por contextos históricos específicos e diferentes em termos de espacialidade e temporalidade. Isso quer dizer que são simplesmente contingentes e, como toda a criação humana, não passam de “*adaptações imperfeitas da psique humana à cultura e ecologia*” de uma determinada região ou área particular (CASEY, 1992, p. 23).

Mas o que é a família? Em que sentido, com que significado, empregamos esse termo? Bom, não apenas no sentido mais usual, aquele que nos é mais familiar no Ocidente: “*um homem e uma mulher reunidos em torno da lareira doméstica, companheiros iguais, dedicados à educação dos filhos, no sentido mais amplo*” (CASEY, 1992, p. 13)⁴⁴. Ou ainda,

⁴⁴ Na Amazônia não temos a experiência da lareira, que é própria dos climas frios, lugar natural do teórico. Mas a lareira, desde a Antiguidade, representada pelo fogo que ardia no espaço central do domus (casa) e servia,

mesmo que nos atenhamos a uma definição que nos convenha um pouco mais, em termos dos romances analisados, “*no sentido etimológico de serviços e também dos parentes co-residentes*” (CASEY, 1992, p. 197). Quer dizer, levando em consideração, portanto, um conceito de família mais abrangente, além do casal e dos eventuais filhos: “*da família no sentido mais amplo (parentes, padrinhos, e etc.)*” (CASEY, 1992, p. 10).

A concepção de família que mais nos interessa é aquela apontada por Morgan: a família no sentido de propriedade, e não tanto exclusivamente no de descendência ou no de parentesco. Morgan observara em suas pesquisas “*que o sentido original da palavra latina família era ‘casa’ ou ‘patrimônio’ – não ‘descendência’ ou ‘parentesco’, idéias que estavam associadas ao conceito de gens*” (CASEY, 1992, p. 139).

E quando procura compreender a gênese e evolução de algumas instituições da Grécia arcaica, entre elas a da família, Foucault (2000) reflete e anota o seguinte: “*Aí, encontram-se em ação, instituições ligadas às crenças primitivas, que vieram à luz no âmbito do culto dos mortos e do fogo sagrado, ‘em uma palavra, na religião doméstica’. Tudo se passa ao nível da família – os laços de sangue são exatamente os laços que reúnem os homens. Essa larga associação familiar, o grego designava pela palavra **genos**. Ela representa o quadro originário das instituições*” (Apud. SOUZA, 2000, p. 538).

Morgan foi o teórico que mais influenciou Engels⁴⁵ nas suas pesquisas sobre o assunto. E essa é uma perspectiva que nos abre espaço para avaliarmos na América Latina e em outras regiões “urbanizadas” a acumulação do capital e sua influência sobre outras relações sociais.

É inevitável conceber os fenômenos familiares intimamente relacionados às correntes profundas de mudança ou transição na esfera econômica e social no interior da sociedade considerada. Na II parte analisamos a instabilidade sócio-política no contexto do romance BGP, relevado, através do movimento roceiro insurgente do interior do Estado e das conspirações nos quartéis, a nível nacional, e que culminaria na revolta do Forte de Copacabana (1922) e que posteriormente, fora do contexto que ultrapassa já os romances por nós analisados, e através da manifestação de outros movimentos, como a Revolução Constitucionalista de São Paulo (1924), outro movimento tenentista, e o Movimento da

sobretudo, para congregar, unir, os elementos que compunham esse grupo ou família. A esse propósito escreve Maria Helena (2003): “*O mégaron, com uma lareira ao centro, flanqueada por quatro colunas, é o lugar onde as pessoas costumam encontrar-se de preferência*” (PEREIRA, 2003, p. 39).

⁴⁵ Cf. o Prefácio À Primeira Edição de 1884, da obra de Engels: *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*.

Coluna Prestes (1925-1927), que em conjunto acabariam preparando a revolução burguesa de 1930, levada a cabo por Getúlio Vargas.

O período histórico de PI corresponde ao ano de 1923, em que Alfredo desce um degrau na escala social, ao ir morar num covão de Belém, em casa da D. Cecé. Estamos num período recessivo, que a nível mundial traduzir-se-ia, ao final da segunda década do século, pela crise econômica (*Crack*) da Bolsa de Valores de Nova Iorque (1929). Se os tempos não eram muito bons no mundo, correspondentes a uma recuperação do pós-guerra (1914-1918), ainda mais agravados o eram na Amazônia por corresponderem também às conseqüências da quebra do recente e áureo ciclo da borracha.

Essa situação de instabilidade política e recessão econômica não deixam de atingir o âmago das famílias. Alfredo torna-se, sem dúvida, um observador atento dessa problemática. Primeiro, nota-se ao longo de todo o ciclo a presença de uma força de trabalho abundante – homens, mulheres e crianças – que nunca era totalmente utilizada ou remunerada. Segundo, há a utilização de mão-de-obra de crianças e adolescentes, que consiste, em verdade, numa exploração cruel e que até se pode considerar feroz, como é o caso de Arlinda, adolescente de 13 anos, que acaba por ir parar na casa de D. Cecé, onde além do trabalho de casa excessivo, é discriminada e recebe um inumerável tipo de constantes humilhações. Voltamos a relembrar, por acharmos oportuno, em relação ao romance anteriormente estudado, o caso de Libânia, Antônio, da menina do Moju. Terceiro, um crescente empobrecimento das famílias, tanto no interior quanto na cidade.

Profundas mudanças no mundo e na sociedade amazônica contribuía para um novo tipo de diferença quotidiana. Os motivos principais para essa mudança foram a gradual implantação do capitalismo e a crescente indústria. Acrescenta Karel KOSIK (1976) que:

A indústria e o capitalismo, juntamente com os novos instrumentos de produção, as novas classes e as novas instituições políticas, trouxeram consigo também um novo tipo de existência cotidiana, essencialmente diferente do das épocas anteriores (1976, p. 68).

De qualquer forma, no Brasil, até 1930 não se pode falar senão de um modelo econômico vigente caracteristicamente agro-exportador, em mãos dos coronéis, baseado na utilização da terra (latifúndio), num sistema patriarcal de poder e em relações de trabalho escravistas, no tempo da Colônia, e servis ou semifeudais, que se mantêm ainda num período mais próximo a nós, principalmente após o término do sistema escravocrata, simultaneamente com a utilização de mão-de-obra assalariada. Na ilha do Marajó, Alfredo descobriu os

reflexos desse mundo dos coronéis, cujo poder era baseado no latifúndio e no controle e exploração da mão-de-obra campesina.⁴⁶

Desde os finais do século XIX, de 1890 em diante, segundo Márcio Valença (1989), ou seja, após a implantação do regime republicano, essa situação vai se modificando gradualmente até 1930, quando ocorreria a mudança definitiva do enfoque com acentuada relevância para o investimento no setor industrial. Em síntese, podemos afirmar, corroborados por VALENÇA (1989), que as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas no período de 1890-1930 são de particular relevância, pois aí se geraram os fundamentos “*que levariam o país a implantar de uma vez por todas o modo de produção capitalista*” (1989, p. 64).⁴⁷

Segundo o mesmo autor, foi nesse período que surgiram então as condições básicas para o desenvolvimento do setor industrial, tais como “*as transformações no espaço urbano, a concentração de uma população não formalmente ocupada nos principais centros urbanos, a criação de um mercado interno, etc.*” (VALENÇA, 1989, p. 64). Este desenvolvimento não se processou de igual modo ou com a mesma intensidade em todo o País, como veremos adiante.

Em relação à época e contexto que diretamente nos interessa, a historiadora Maria de Nazaré (2002) analisa em sua obra que:

... o contexto paraense (...) também experimentou a modernização da fase final do século XIX e início do século XX, tornando-se uma das **idades-boom** brasileiras. Por mais que Belém não tivesse se industrializado tão intensamente como São Paulo e Rio de Janeiro, ela já apresentava em 1872 um número significativo de manufaturas (SARGES, 2002, p. 20).

Essa diferença de desenvolvimento em termos industriais de uns países em relação aos outros, ou de uma região para a outra no seio de um mesmo país, tinha sido constatada já por Alfredo em Marinatambalo, na experiência narrada em TCR, conforme retratada na I parte desta dissertação. A partir de 1850 ocorre uma mudança qualitativa e profunda no desenvolvimento do sistema capitalista mundial. Essa transformação corresponde à segunda revolução ocorrida no capitalismo internacional.

⁴⁶ A obra *Marajó*, de Dalcídio Jurandir (1992), retrata com clareza esta problemática do domínio coronelista e da relação destes com a terra e com os outros homens e mulheres. Já em *Chão dos Lobos* (1976), a problemática da terra voltará a ser abordada, mas agora na perspectiva urbana.

⁴⁷ Trabalho da autoria de Márcio Moraes Valença (1988), publicado nos *cadernos do CEAS*, n. 123 – Setembro/Outubro de 1989. Em nota de rodapé, à página 64, vem a seguinte notificação: texto para discussão n. 7, *SérieNOVA*, Mestrado de Desenvolvimento Urbano – UFPe, Recife, Julho 1988.

Em *A Era dos Impérios*, o autor refere que foi nas décadas entre 1870-1890 “*que as economias industriais americanas e alemãs avançaram a passos agigantados e que a revolução industrial se estendeu a novos países como à Suécia e à Rússia*” (HOBSBAWM, 1992, p. 58). Correspondente a esse período, ocorreu simultaneamente que:

Muitos dos países ultramarinos (...) conheceram um surto de desenvolvimento mais intenso que nunca – preparando assim, circunstancialmente, uma crise de endividamento internacional muito semelhante à dos anos de 1980... (HOBSBAWM, 1992, p. 58-59).

Paralelamente à euforia produzida pelo desenvolvimento do capitalismo mundial, igualmente sentido na região Amazônica pela elite local, ocorreu certa inquietude e mal-estar, tanto econômico quanto social, típico do “*fin-de-siècle*”, que atingiu, sobretudo, as camadas populares e os intelectuais e que não passou despercebido curiosamente às mais elevadas manifestações do Espírito, nomeadamente no campo da Literatura (com a expressão Simbolista) e no da Filosofia com a expressão pessimista de Arthur Schopenhauer e existencialista “*avant-garde*” de Sören Kierkegaard – aquele que acabaria sendo considerado o “*pai do existencialismo*”.

Essa situação típica do final do século (séc. XIX), de euforia com certa mistura de pessimismo, mudaria substancialmente na entrada do século XX, é certo, quando parece ocorrer uma reversão desse processo, que acabou por transformar o pessimismo do “fim de século” num claro otimismo característico daquele que seria denominado o período da “*Belle-Èpoque*”. Todavia, os tempos e os homens amadureciam para desembocar naquela que seria a primeira das grandes crises do Século XX – o Primeiro Grande Conflito Mundial (1914-1918).

Nessas épocas de crise, tanto os personagens, quanto as pessoas reais, vêm-se falando através de um discurso que faz apelo à memória, de um mundo que já foi mas não existe mais: enfim, de outras pessoas, fatos, acontecimentos, até simples comidas, numa dir-se-ia “*Recherche du temps perdu...*” (Busca do tempo perdido) como fator integrativo para a compreensão da realidade que atualmente estão vivendo.

Nesse sentido, podemos nos interrogar sobre quais seriam as relações da família, dos indivíduos, por exemplo, com a sociedade burguesa⁴⁸ que vinha cada vez mais se solidificando, mais do que as expressões individuais, ou seja, as vidas individuais, que não

⁴⁸ Aqui sociedade burguesa no sentido mais abrangente, não apenas enquanto família burguesa, ou grupo da elite social que detém o poder econômico e que através dele exerce o controle da sociedade, mas sobretudo enquanto totalidade, massa, submetida às influências e sofrendo os efeitos de uma superestrutura capitalista.

deixam, todavia, de ser referenciais para a compreensão de um quadro mais amplo da sociedade, o que nos interessa, em primeira mão, é a expressão ou vida coletiva. Visto que não é a vida coletiva que nasce da vida individual, mas, ao contrário, é a segunda que nasce da primeira.

Eric Hobsbawm (1982), em *A Era do Capital*, levanta essa interessante questão que vai no sentido do que referimos no parágrafo anterior. Segundo o autor, as conexões entre a família e a sociedade burguesa, permanecem não muito claras, mas obscuras. Existe uma disparidade entre os valores preconizados por uma instituição e os defendidos pela outra. Parece que a realidade vivida pela sociedade a partir dos valores que ela defende é em muito oposto àquela apresentada pela família, cujo espaço funciona como “o repouso do guerreiro”.

A família seria como uma ilha, um refúgio, no meio do caos e anarquia do mundo social. É claro que há certo exagero e até imprecisão em tal análise, na medida em que não se pode considerar o mundo social como um caos, uma anarquia mais ou menos absoluta, pois ele possui seu ordenamento, suas regras, e não sobreviveria como entidade; e nem as famílias são igualmente “ilhas” porque não se encontram isoladas e nem devem ser espaços propícios ao completo “repouso do guerreiro”.

Transcreveremos o que o autor apresenta na mencionada obra, pois tem fundamento, no sentido de que existe uma disparidade entre os valores preconizados pela sociedade e os da família. Principalmente os da família do século XIX e também parte do século XX, no tocante ao período que estamos retratando e que são apontados pelos romances. Nesse sentido, e só nesse, a análise é cabível.

Por que deveria uma sociedade dedicada a uma economia de obtenção de lucros, livre iniciativa competitiva, esforços do indivíduo isolado, igualdades de direitos, oportunidades e liberdade, apoiar-se numa instituição, que nega todos esses ideais? (HOBBSAWM, 1982, p. 330-331).

E não muito mais adiante, a título de síntese conclusiva, acaba por acrescentar:

... a casa de uma única família, era uma autocracia patriarcal e um microcosmo da espécie da sociedade que a burguesia como classe (ou seus portadores teóricos) denunciava e destruía: uma hierarquia da dependência pessoal (HOBBSAWM, 1982, p. 331).

Um outro ponto a levar em consideração o já supramencionado é o de que as famílias não são simples “ilhas”, células ou núcleos isolados, elas se integram numa unidade mais

ampla do que a simples comunidade local, mas que perpassa o Estado e a Nação, indo mais além nesta época globalizada. E, no caso do Brasil, isso representa uma ampla comunidade multirracial e pluricultural, fundada no entroncamento de vários outros povos e culturas. Tal fato não é específico à sociedade brasileira, diga-se de passagem, se bem que nela a miscigenação ocorra de modo exemplar, mas uma característica geral de todas as outras nações ou grupos humanos, em maior ou menor grau.

Para esse risco nos alerta CASEY (1992), quando escreve mencionando sobre

A dificuldade em analisar comunidades como se elas fossem realmente isoladas, quando sabemos que suas estruturas foram modeladas por séculos de contatos, guerra e intercâmbio com países estrangeiros (1992, p. 10).

D. Amélia, D. Inácia, D. Cecé, os exemplos que mais particularmente nos interessam, são nos apresentadas nos romances como partícipes de um grupo de mulheres com fibra. Todas elas são diferentes, apresentando, todavia, cada uma delas suas particularidades específicas. Mas todas mulheres maduras, experientes!

D. Celeste de Oliveira (D. Cecé) possui alguns aspectos semelhantes com D. Inácia Alcântara (BGP). Ambas não se conformam afinal com sua atual situação de vida. Mesmo que a essa situação reajam de modo diferente: enquanto uma se refugia nas lembranças guardadas num velho baú de juventude e disfarça em Muaná e Cachoeira sua real situação nomeando a rua de Belém onde vive como a *MacDonald* só para impressionar, essa sonoridade de nome estrangeiro, a quem escuta, refugiando-se à sombra do casarão que possui no Marajó e que acabará por ser desmontado, azulejo após azulejo, pelo marido sem que ao final tome ainda conhecimento desse fato “... a *senhora dos azulejos, a senhora da MacDonald*” (PI, 1963, p. 237). A outra, D. Inácia, em contrapartida, desabafa a alto e bom som, pela janela de casa, dirigindo-se aos passarinhos que posam nas árvores do quintal, de modo a poder ser pelos outros escutada.

No entanto, também são diferentes enquanto personagens. O que claramente nos é revelado em relação a uma (D. Cecé) nos é hermeticamente velado pela dúvida e incerteza em relação à outra (D. Inácia), no tocante ao sentimento de desconfiança que provocam nos outros no que diz respeito ao comportamento e honra femininas. D. Inácia, em relação ao marido, Seu Virgílio, cujas dúvidas o assaltam cada vez com mais frequência e intensidade, quando procura relembrar o passado lealista da mulher. D. Cecé, não tanto em relação ao esposo, Antonino Emiliano, de quem ela parece manter relativa distância, demonstrando não

se preocupar muito com essa questão, mas sobretudo em relação à comunidade que surdamente a interroga sobre os misteriosos passeios das quartas-feiras, virando mesmo tema de conversa no boteco da *Passagem*.

Por coincidência (ou não), tanto uma quanto a outra possuem apenas um filho. D. Celeste, um menino irrequieto e traquino por nome Belerofonte; D. Inácia, uma moça, a adolescente Emília. Situação não muito comum na Amazônia daquela época, mesmo se atentarmos para o fator urbano. A explicação pode ser uma outra, pois tal situação contrariava os índices que apontavam em relação às classes populares altos níveis de natalidade aos quais correspondiam igualmente elevados índices de mortalidade.

Esse fato denota uma mentalidade diferenciada que vai de encontro ao que é apresentado em *A Era dos Impérios: “De 1875 em diante as mulheres do mundo ‘desenvolvido’ visivelmente começam a ter menos filhos”* (HOBSBAWM, 1992, p. 272). É certo que a Amazônia não é a Europa, mas teve uma época em que foi possível fazer-se essa comparação no período em alta do ciclo da borracha. É também certo que o narrador refere-se a um período a partir das últimas duas décadas do século XIX e que os romances retratados referem-se ao período incluído nas duas primeiras décadas do século XX.

No mundo desenvolvido, tal diminuição do número de filhos corresponde, sem dúvida, à fase em que as mulheres começaram a ocupar o espaço público através da atividade trabalhista e que tal medida contribuiria inquestionavelmente para a diminuição da prole, devido, portanto, à menor disponibilidade por parte delas, para tratar dos(as) filhos(as), agora que se tornavam trabalhadoras dedicadas.

No meio proletário, ao contrário, ter bastantes filhos era um bom investimento. Filhos representavam mão-de-obra e o respectivo salário. Mas mesmo essa perspectiva com o decorrer do tempo foi-se alterando, a partir do momento em que a exploração exercida sobre os trabalhadores do centro foi trocada pela exploração da mão-de-obra e das matérias-primas das colônias; acrescido da maior consciência e organização dos trabalhadores, nos ditos ‘países desenvolvidos’, que correspondeu à conquista e manutenção de direitos trabalhistas fruto daquelas organizações.

Se a diminuição do número de filhos ocorreu nessa época na Amazônia, em certos setores populacionais – mereceria um estudo demográfico comprovativo – e se ter menos filhos, como nos é mostrado nos romances em relação às famílias que estamos analisando, e, que, por isso, se tornam centrais, deve ter representado uma grande mudança. Nesse sentido, podemos considerar D. Cecé e D. Inácia, mulheres urbanas e como figuras indiscutivelmente representativas de certa emancipação feminina.

Isso não deixa de nos surpreender se atentarmos para o fato de que num sistema falocrático-patriarcal, como o que foi o nosso ainda no início do século passado, e que em parte chega a perdurar ainda em nossos dias, o que nos é apresentado nos romances é uma visão da figura masculina – e a exceção seria aplicada, por exemplo, às figuras dos coronéis do Marajó – semi-enfraquecida face ao relevante e valorizado papel desempenhado pelas mulheres, que em *Marajó* resistem; de D. Amélia, diante de um Major Alberto bonacheirão, meio-desligado e sonhador; de um Sr. Virgílio meio-apagado, absolutamente “por fora” das decisões da casa e sempre desafiadoramente espicaçado pela mulher no seu orgulho varonil; e, por fim, de D. Cecé, cujo marido parece viver apenas ao seu lado como um fantasma, sem muita substancialidade, sem se preocupar a fundo com os sentimentos da esposa, mas que apesar de tudo apresenta uma maior independência da ascendência feminina.

O único ponto que fortalece a posição dos homens, e que eventualmente lhes poderá trazer relativo respaldo, é o fato de serem eles a participar direta e majoritariamente, no caso de D. Cecé e de D. Inácia, com o dinheiro indispensável, se bem que relativo, para a manutenção da família. São eles que pagam, grosso modo, as despesas da casa.

Perguntamo-nos se essa falta de coesão que não deixa de corresponder, de certo modo, a um afrouxamento das estruturas da família não refletirá também uma definida emancipação feminina? No entanto, um dos fatores que mais caracteriza a emancipação da mulher, como já refletimos anteriormente, é a possibilidade que se lhe apresenta de ela poder exercer uma atividade profissional remunerada fora do lar. Tal motivo não se observa nem em relação a D. Cecé e nem a D. Inácia. Ambas são mulheres do lar. Qual poderá ser então o fundamento de tal emancipação?

Pois que a conquista do espaço no mundo do trabalho vai ser determinante para as mulheres, não apenas em termos de dignidade e participação efetiva na construção da sociedade, ao lado dos homens, mas, sobretudo, por lhes dar uma sobrevalorizada consciência política na aferição pelo trabalho desenvolvido, no sentido de que ele está tendo um reconhecimento [público] social; ou se, pelo contrário, está servindo como mais um meio de exploração. Da elucidação desse confronto nascerá a consciência posterior da necessidade de sua efetiva participação política. O trabalho poderá ser então fundamento da emancipação feminina, mas que vimos não se encaixar no caso de D. Inácia nem em D. Cecé, que são mulheres do lar. Onde buscar então o fundamento de tal emancipação?

No caso de D. Inácia, através da leitura do romance (BGP), tal fato não se torna muito claro nem evidente. Já em relação a D. Cecé, poderíamos atribuir isso a uma má formação do caráter, proveniente do próprio exemplo familiar, mais concretamente pelo testemunho de

infidelidade dado pela própria mãe e inoportunamente, se assim o podemos dizer, descoberto certa noite pela filha ainda jovem. A descoberta da desagregação familiar, “... *a ronda daquele porco das bananeiras*” (PI, 1963: p. 162), causou um transtorno tão grande na moça, que motivou o surgimento da segunda Cecé – pois três eram elas, segundo o próprio testemunho da personagem – ou seja, o da jovem aventureira, aos vinte anos, que deixa o namorado e embarca em viagem com o velho comandante de embarcação.

Pode-se considerar PI como a primeira obra, na verdade, e para usar uma expressão cara a Dalcídio, “pé-no-chão” do nosso personagem em seu novo retorno à capital. A esse respeito, num estudo referente à personagem D. Cecé, de *Passagem dos Inocentes*, escreve Nielci dos Santos (2005) que: “... *a recorrência ao contexto histórico-social é muito freqüente em Passagem dos Inocentes... característica esta que se estende aos demais do ciclo do extremo Norte*” (SANTOS, 2005, p. 63).

A mesma autora alerta-nos igualmente para o fato de que a cidade que novamente acolhe Alfredo, e isso tínhamos já observado em relação a BGP, é a mesma que algum tempo antes acolhera D. Cecé “... *é a Belém pós-ciclo da borracha, que havia passado pelo auge de um processo de modernização, possuidora de arquiteturas suntuosas como o Teatro da Paz, o Arquivo e a Biblioteca Pública*” (SANTOS, 2005, p.78).

Quando falamos em crescimento, precisamos olhar o reverso da medalha, que referimos anteriormente, na II parte deste trabalho, sob a ótica da historiadora SARGES (2005), no tocante a Belém como “*um espaço urbanístico com sérios problemas de saneamento básico, de desigualdade social, de ocupação urbana, entre outros*” (2005: p. 78).

A cidade de Belém, no período correspondente ao *boom* do ciclo da *Hevea brasiliensis*, apresentou uma modernização a que referimos, em síntese, quando fizemos anteriormente menção à Administração do Senador Antônio Lemos, mas que, em termos de desenvolvimento industrial, apesar de configurar-se através de um ligeiro crescimento, não deixou, todavia, de se apresentar como bastante incipiente, pois não só o emprego continuava em larga medida tradicional⁴⁹, como revelava ainda características que o assemelhavam, enquanto atividade econômica, aquelas de uma sociedade pré-industrial.

Com o término do ciclo que gerara a forte movimentação e investimento do fluxo de capital financeiro na Amazônia, estagnado esse, o processo de desenvolvimento industrial conseqüentemente sofreria condenação a igual estagnação que se arrastaria por largas

⁴⁹ A esse propósito, o que CASEY (1992) indica em relação aos trabalhadores europeus do início do século XIX, reflete o que estava ocorrendo com a realidade amazônica no final do mesmo século. Escreveu ele: “*Boa parte da mão de obra estava despreparada socialmente para seu novo ambiente, guardando uma forte ligação com o meio rural de que procedia há tão pouco tempo*” (1992, p. 167).

décadas. Novamente, e apenas nos finais do século XX ele se restabeleceria, mais concretamente a partir da década de 70, com a abertura de novas fronteiras na região sob a batuta dos interesses do capital internacional e em pleno regime militar autoritário e repressivo.

O romance apresenta-nos um capítulo – *O passeio, a mosca e os anjos* -- no qual o nosso herói acaba por participar de uma manifestação política, quase que por acaso, no Largo da Pólvora (atual Praça da República). Depois dos zunzuns que chegaram ao conhecimento do nosso personagem, em torno da questão social e política, analisados em BGP, através dos comentários dos outros ou até mesmo da leitura de jornal, agora Alfredo tem a oportunidade de participar diretamente de um movimento que para ele assume um caráter de inteira novidade.

Inicialmente, esse movimento assume-se como uma expressão social e uma manifestação de repúdio em relação à ausência de uma política sanitária por parte do Governo, que com tal omissão torna-se conivente e responsável pelo grande índice de mortandade infantil (a morte dos inocentes). Depois, a manifestação assume seu caráter inteiramente político e traduz-se através da expressão de ato político que revela o descontentamento de vários setores trabalhistas em relação à política do Governo. O narrador apresenta-nos metaforicamente, de forma interrogativa, essa manifestação como “*mais que um carnaval, um círio de vingança e guerra?*” (PI, 1953, p. 205).

Essa manifestação política é essencialmente popular. Essa é uma sua característica peculiar. Dalcídio não nos apresenta um panorama da classe média – e onde estaria ela? Qual seria a sua composição? Seria possível referir-se à classe média no contexto latino-americano com o mesmo significado do europeu, por exemplo? --, talvez fosse mais adequado referirmo-nos à elite (no comando e controle da sociedade), a uma restrita classe média expressa nos profissionais liberais (como artistas, jornalistas, escritores, médicos, certo quadro do oficialato das Forças Armadas, médios comerciantes, etc.) e, abaixo, em estamentos como que diluídos uma imensa massa na qual se enraíza, em determinado espaço, o popular.

É esta manifestação popular que interessa ao escritor e que expressivamente denominou de “aristocracia de pé-no-chão”. No ciclo, através das suas várias manifestações ela é como que o porta-bandeira representativo das lutas, dos esforços, das dores, conquistas e desilusões, no meio de uma intensa massa amorfa e sem capacidade quase de reação.

Ao lermos a descrição narrada dessa movimentação popular questionamo-nos sobre a real heterogeneidade de uma força de trabalho freqüentemente não-especializada e ainda muito artesanal. O historiador Eric HOBSEBAWM (1992), em *A Era dos Impérios*, salienta

essa não homogeneidade da classe trabalhadora através do seguinte trecho: “*As classes operárias, portanto, não eram homogêneas nem fáceis de unir num só grupo social coerente*” (1992, p. 179).

Continuaria (e ainda continua) mais do que viva e plena de sentido a conclamação do *Manifesto do Partido Comunista*: “*Operários de todo Mundo, uni-vos!*”. O historiador Hobsbawm estende essa problemática além-fronteiras (do mesmo modo o concebera Marx e Engels, quando pensavam na Liga Internacional) das simples nacionalidades, que vão perdendo cada vez mais o seu sentido, mergulhadas num contexto que cada vez se configura mais como globalizado. A situação da classe que poderíamos denominar de proletariado era bastante diversificada de uns países para os outros, pelos motivos mais variados: étnicos, religiosos, culturais, diferenças nacionais, etc.

Talvez o trecho indicado se concilie, a um nível não desprezível, com nossa realidade amazônica no período que estamos analisando (1890-1930).

Algumas tentativas interessantes estão sendo feitas para relacionar os movimentos da classe trabalhadora ao contexto da vida na mesma época, procurando vê-los menos como precursores do socialismo e mais em seus próprios termos, como episódios da luta para reformular um estilo de vida artesanal, orientado para a comunidade, que se encontrava ameaçada (CASEY, 1992, p. 171).

Olhando através dos olhos de Alfredo e seguindo seu percurso – sofrido, mas não inocente, desabrochando lenta e conscientemente político: “*Idade, barão, a Passagem, lhe arrancavam a fantasia*” (PI, 1963: p. 247) --, constatamos e questionamos se a gradual falta às aulas, o acúmulo de desilusões, a crescente firmeza e as insônias que depois se transformarão em passeios noturnos pela cidade, a curiosidade e a atenção às descobertas, enfim, a inquietude e a busca de Alfredo não poderia estar tudo isso estreitamente associado à busca dos fundamentos de uma ordem política mais ampla, no mundo turbulento e anônimo da cidade?

Uma ordem política, de certa forma, porque não?, um pouco em sentido contrário à daquela atual preconizada pelo processo de globalização. Esta ordem mundial implica numa “nova” reorganização – assim nos tentam fazer crer -- do mundo a partir, sem dúvida alguma, dos poderosos e daqueles intelectuais, que sempre os há, dispostos ao seu serviço. Talvez esta organização não seja assim tão nova... Aquela ordem política, quiçá vagamente alimentada por Alfredo, tem a ver com uma diferente organização política, que poderá se estender ao

mundo, porque não?, mas organizada a partir dos pequenos, dos empobrecidos, daqueles que quase, na História, nunca tiveram voz e nem vez...

Alfredo tem a consciência manifesta de que está vivendo um tempo que é como se não fosse o seu. Ele nasceu fora do tempo certo. Ele como que se contextualiza em um tempo incerto. Vago partícipe de um mundo que não existe mais, mas do qual ainda participa indiretamente através de algumas estórias contadas pelos adultos que servem para alimentar a sua imaginação e de alguns reflexos concretos desse tempo de outrora que de vários modos a ele persistem chegar; pisa o chão, todavia, de uma forte realidade que se lhe mostra como que ao avesso. Na corda bamba dessa incerteza – “... *trapezista no arame do equador*” (PI, 1963, p. 116) – resta-lhe buscar os fundamentos de uma outra e nova ordem. Que fundamentos seriam esses? Que nova ordem? E qual a responsabilidade do “menino quase rapaz” nessa tarefa?

Passo após passo, através do herói, no seu crescimento e amadurecimento, enfim, ao longo da sua formação, tanto formal quanto informal, na estrutura ou à revelia dela, no dia-a-dia, desde o chão da ilha do Marajó até Belém, Rio de Janeiro ou qualquer outro interior do Estado, há uma procura pelo sentido da vida e a dignidade humana.

Alfredo nos revela que o sentido da vida e a dignidade humana só podem brotar e florescer, na medida em que o ser humano, na tensão, no confronto e, principalmente, no diálogo, consegue superar as suas ilusões, por outra palavra, a sua alienação. Como romper esse cerco? Por onde começar? Que caminhos trilhar? Como e quanto apostar? Não existem, pois, respostas cabais para essas questões. Cada ser é uma realidade diferente, que implica num risco e numa aposta igualmente diferenciada. É necessária coragem, sem dúvida!⁵⁰

Alfredo nos mostra um itinerário inconcluso. O ciclo dalcidiano não foi fechado. Mantém-se aberto. E contraria toda a lógica que todo o ciclo, por sua própria natureza, demanda: um fechamento. Não apenas à laia de desafio para as gerações que se seguem e que com ele se confrontam, mas principalmente (porque não só o desafio está lançado) porque não há uma resposta... A resposta deveria provir do personagem, pelo menos, como leitores, assim o esperamos, mas se esgotou em *Ribanceira*. Significativo. Num barranco que aos poucos se ia esboroando. Essa fluidez, essa corrosão, esse sentimento de que se chegou atrasado, de que

⁵⁰ Segundo Rollo May (1971), essa coragem criativa, esse processo de superação das ilusões e integração da personalidade, que representa amadurecimento pessoal, como temos vindo a analisar em relação a Alfredo, representa “... *libertar-se dos elos do passado infantil, romper a velha ordem para que nasça a nova ordem. Pois criar (...) é criar-se a si mesmo – isto é, desenvolver as próprias aptidões, tornar-se mais livre e responsável – são dois aspectos do mesmo processo. Todo ato de genuína criatividade marca a chegada a um plano mais elevado de autoconsciência e liberdade pessoal e (...) pode acarretar considerável conflito*”. (MAY, 1971, p. 190).

nascemos na época errada e que se faz presente do princípio ao fim do ciclo, indica-nos que pouca coisa talvez reste para além de um universo derruído e dum olhar através da janela, para a realidade exterior, e de costas para a imagem de um santo Antônio – santo semelhante àquele que Antônio homônimo de BGP, no dia de sua fuga libertadora, de madrugada, acabara jogando num cesto sem tampa de um passante (BGP, 1960, p. 171) – num convite à faca na pedra amolada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confesso que não me foi difícil, em princípio, definir o tema deste trabalho e nem elaborar meu anteprojeto.

Decidi então partir de meus trabalhos anteriores, de minhas análises das obras do ciclo interiorano e, partindo daí, focar minha atenção principalmente nas duas primeiras obras – *Belém do Grão-Pará* (1960) e *Passagem dos Inocentes* (1963) – que correspondem aos dois primeiros anos da experiência citadina de Alfredo.

Após a entrevista para a seleção do Mestrado, fiquei refletindo nas pertinentes palavras do Prof. Joel acerca da provável exequibilidade do trabalho. Esse foi meu primeiro alerta. Afinal, há que não esquecer que entre um projeto e a sua concretização vai de permeio uma grande distância. Minha proposta não seria algo impossível, mas também não seria simples.

E depois, se já tinha algumas coisas definidas e claras em minha cabeça, outras, no entanto, precisariam ainda clarear. Digo mesmo que o principal não estava ainda definido: a linha, o “*veio*” do trabalho, se assim o posso dizer, que me permitisse seguir um rumo seguro. Isso demandaria um tempo mais de amadurecimento.

Propus-me inclusive, e cheguei a realizá-lo efetivamente, em novembro do ano passado (2006), uma viagem a Cachoeira do Arari. Essa foi minha primeira viagem em solo trilhado por Dalcídio e pressinto que não será a última. Tinha em mente, por esse tempo, e isso já desde os primeiros momentos da elaboração do anteprojeto (no segundo semestre de 2005), alguns temas que gostaria de retratar e que as leituras dos próprios romances sugeriam: a família, o mundo do trabalho, a organização trabalhista, os problemas citadinos, a criação ficcional na sua relação com a realidade histórica, ou seja, algo como a natureza da personagem e o estatuto do autor. Desses temas inicialmente propostos, apenas os últimos (a criação ficcional, a natureza da personagem e o estatuto do autor) não constam desta dissertação, apesar de terem sido desenvolvidos, mas retirados por não terem encontrado oportunidade efetiva de poder incluí-los.

Enfim, a temática desafiava e propunha ao entrecruzamento de várias perspectivas: a histórica e sociológica para além da literária. Impunha-se um problema central: Como

relacionar isso tudo? Como tornar tudo isso exequível? Como poder começar a desenrolar o “fio da meada”, como se costuma dizer?

Foi então que despertei para o fato da personagem Alfredo. Intuí que ele poderia ser a chave, a solução parcial do problema com que me debatia. Não é por acaso que podemos considerá-lo – e efetivamente o é – a personagem central de todo o ciclo do Extremo Norte.

Visualizei a possibilidade – porque não?! – de simplesmente seguir o itinerário da personagem e limitar-me à análise da sua visão, perscrutar seus pontos de vista, atentar para a sua sensibilidade e procurar abarcar e compreender o sentido das suas vivências. Percebi que Alfredo torna-se a chave de ligação, de imbricamento, feliz expressão que uso no meu anteprojeto, para a compreensão do contexto histórico-sociológico com a análise literária, que os romances possibilitam.

Com a personagem central criada por Dalcídio Jurandir, tanto quanto um itinerário, o autor nos propõe um projeto. Pode ser que para alguns esta afirmação possa parecer ousada. E para mais com o autor morto ela não poderá ser efetiva e definitivamente comprovada. Mas se procurarmos atentar para o posicionamento ideológico do autor, afeto e militante do PCB, cremos não estar forçando nenhuma conclusão demasiada extravagante.

O itinerário que Dalcídio nos propõe, tema central, em primeira mão, deste nosso trabalho, não se propõe apenas enquanto geográfico (externo), mas também psíquico (interno). Na relação dos dois constrói-se ou gradualmente se vai configurando um projeto, não apenas individual, como se apenas de Alfredo se tratasse ou a ele exclusivamente se referisse, mas uma visão social, política, mesmo que ainda embrionária no menino que aos poucos se vai tornando um rapaz. Procurei ao longo deste trabalho ser fiel, nas minhas análises, às obras do autor e creio ter acabado por ser esta dissertação uma resposta concreta aos objetivos propostos no meu anteprojeto.

Estou convicto de que aquilo que se pode denominar de processo *de Alfredo* representa nada mais do que um processo de subjetivização ou individuação, ou seja, uma busca de si próprio pela formação identitária a partir dos outros e das coisas.

O período de infância e de pré-adolescência da personagem central [Alfredo] correspondente aos romances analisados é tipificado como uma fase da vida de procura de uma *identidade do Eu*, representado por um *tempo de maturação* entre o passado infantil vivenciado em Cachoeira e o presente que gradualmente vai configurando a fase da adolescência e da juventude, perspectivados a partir da experiência cidadina [Belém].

Nesse espaço de absorção seletiva do coletivo sócio-cultural rumo à definição de seu futuro papel de jovem adulto (estágio preciso em que se encerra o ciclo de romances do

Extremo Norte), Alfredo dispõe de um horizonte que lhe permite sonhar a vida e projetar nela aquilo que ele pretende vir a ser.

No final de nossa análise – e o que dissemos em relação às obras literárias a que nos reportamos, é sobejamente válido para as restantes obras do ciclo – deparamo-nos com um misto de fascinação pela poética expressão literária do autor “*gerando tantas páginas de tão densa e tão rara sensibilidade*” (Rosa Assis) e simultaneamente de plúmbeo desencanto. Não é fácil em Dalcídio a leitura da realidade marajoara-amazônida. Dela como que brota uma ansiosa e irrealizável expectativa, um inconcluso desencanto, uma angustiosa e pesada sensação de perspectiva em aberto. Nada de otimismo barato ou de falsa esperança.

A história tensa, resistente e até conflituosa do menino, que não deixa de apostar e olhar em frente para o futuro, transfere-se para o jovem adulto sem graça ou pertinência de um simples secretário de cultura num monótono interior de estado, descrito em *Ribanceira*, último romance do ciclo. Afinal, passo após passo, através do herói, no seu crescimento e amadurecimento, ao longo de sua formação, tanto formal quanto informal, na estrutura ou à revelia dela, no dia-a-dia, desde o chão da Ilha do Marajó até à Belém, Rio de Janeiro ou qualquer outro interior do Estado, há uma procura pelo sentido da vida e a dignidade humana. Se as identidades se definem pelas trajetórias, podemos dizer que a trajetória do menino e jovem Alfredo é a trajetória de um paraense-marajoara (e num sentido mais amplo: de um amazônida).

Essa identidade na pena de Dalcídio Jurandir -- apesar de em nenhuma de suas obras a ter escrito diretamente -- assume uma sutil *nuance*: o plúmbeo [pesado] desencanto de ser amazônida. O que significa afinal ser amazônida? É o que precisamente o autor nos revela ao longo do seu ciclo. Ser amazônida representa a inesgotável capacidade de lutar pela dignidade humana e de resistir contra toda a falta de esperança. E Alfredo nos revela que a dignidade humana só pode brotar e florescer, na medida em que o ser humano, na tensão, *no* confronto e no diálogo, consegue superar as suas ilusões, por outra palavra, a sua alienação.

Afinal, a luta para tornar-se *pessoa*, reconhecer-se como ente digno, ocorre no íntimo da pessoa e significa passar por vários estágios de consciência de si mesmo. Algumas coisas precisarão morrer no sujeito para dar espaço ao nascimento de outras. Segundo MAY (1971), uma pessoa se torna numa personalidade independente através de um processo que tem seu início na infância e que acaba por se prolongar até à fase adulta; esse processo não é igual para todo mundo e as crises podem causar profunda ansiedade. Talvez como forma de defesa, não poucas pessoas recalcam o conflito e procuram ao longo da vida fugir ou evitar a ansiedade (1971, p.74).

No caso específico de Alfredo o que precisaria morrer – e de certa forma ele não se esquivou ao confronto com tal situação, conforme analisamos ao longo de nosso trabalho – eram os elos infantis de dependência que o ligavam aos pais, impelindo-o assim a ganhar confiança própria, a ser capaz de amar e criar com independência. Isso significa maturidade e integração. Enfim, capacidade de superar o desafio com o qual o menino se deparou naquela noite de chuva diluviana, ao final de *Chove nos campos de Cachoeira*, representado pelo corte que assumira a figura paterna, episódio com que iniciamos o trabalho. Pois é a lei do pai que favorece a separação e a individuação do sujeito.

Esse o desafio fundamental imposto ainda ao imaturo menino: partir para a vida disposto a enfrentar todos os desafios, ou, pelo contrário, recuar, entregar os pontos e demitir-se do imenso projeto que representa a própria existência. Mas como romper esse cerco? Como transpor o medo visceral? Por onde começar? Que caminhos trilhar? Como e quanto apostar? Não existem “*a priori*” respostas cabais para essas questões. Cada ser é uma realidade diferente, que implica um risco e uma aposta igualmente diferenciada.

O processo de amadurecimento não é fácil. Vimo-lo ao longo deste trabalho o quanto ele comportou de ônus nos poucos anos da infância e pré-adolescência da personagem. Na vida real é uma questão de demorada e difícil evolução para novos planos de integração. Evoluir afinal não se trata de um processo automático, e sim de reeducação, descoberta de novas idéias, tomada de decisões conscientes e uma boa e constante vontade para enfrentar lutas ocasionais ou freqüentes.

Essas as propostas [reeducativas] que, na realidade, Alfredo enfrentou na sua mudança para Belém. A separação dos pais e o afastamento de Cachoeira, que representavam segurança, o enfrentamento de novas e desafiadoras realidades, o desmontar paulatino de gastas e imprestáveis ilusões, descobertas e aquisição de novos saberes e experiências, enfim uma constante e reforçada disposição para viver o dia-a-dia.

A luta psicológica crucial que devemos empreender, e Alfredo cabalmente demonstrou-o, é contra as nossas dependências, a ansiedade por enfrentar o desconhecido, e os sentimentos de culpa que eventualmente surgem à medida que evoluímos para a liberdade. A integração do ser humano é sempre efetuada rumo à liberdade, à plenitude do ser. Como atingi-la, todavia, num meio de forte dependência, menoridade (expressão kantiana) e não-reconhecimento?

Essa a questão que permanecerá de pé até ao final do ciclo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Manual de Teoria de Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.
- ALTHUSSER, Louis. *Os Aparelhos Ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 2. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BRAIT, Beth. *A Personagem*. 7. ed. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2000.
- BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Tradução de Carlos Susse Kind... [et al.]. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2006.
- CASEY, James. *A História da Família*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- CHAVES, Ernani. *Ponte do Galo: a cidade como labirinto do desejo*. [p.37-46]. In: LEITE, Marcus Vinicius (org). *Leituras Dalcidianas*, Belém: Unama, 2006.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos...* Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Editorial Teorema, 1982.
- COELHO, Marinilce Oliveira. *O Grupo dos Novos: Memórias Literárias de Belém do Pará*. Belém: EDUFPA: UNAMAZ, 2005.
- COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
O controle do imaginário: Razão e Imaginação nos tempos modernos.
 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- DELUMEAU, Jean. *Uma História do Paraíso: o Jardim das Delícias*. Tradução de Teresa Perez. Lisboa: Terramar, 1994.
- DICIONÁRIO PRÁTICO ILUSTRADO. Volume segundo. Porto: Lello e Irmão Editores, 1966.
- DOUCET, Friedrich. *A Psicanálise: Freud, Adler, Jung*. Tradução de Maria Emília Ferros Moura. Coleção de Livros Unibolso, n. 52. Lisboa: Editores Associados, [...].
- DREYFUS, Dina. *Freud e os abismos da psique*. Tradução de Antônio Tavares-Teles. Coleção Livros Unibolso, n. 118. Lisboa: Editores Associados, 1976.
- DURKHEIM, Émile. *Sociologia*. 6. ed. Tradução de Laura Natal Rodrigues. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. 4. ed. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martim Fontes, 2001.
- ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. Coleção Estudos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
Seis passos pelos bosques da ficção. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
Sobre os espelhos e outros ensaios. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. 2. ed; Tradução de Ciro Mioranza. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal. São Paulo: Editora escala, [...].

- FARES, Josebel Akel (org.). *Diversidade cultural: temas e enfoques. Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais* – V. 2. Belém: Unama, 2006.
- FARES, Josse e NUNES, Paulo. *Pedras de Encantaria*. Belém: UNAMA, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, [...].
- FERREIRA, Paulo. *Análise de alguns aspectos sociológicos e psicológicos do romance Chove nos campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir*. TCC: UFPA: Campus de Altamira. Trabalho orientado pela Profª Dra. Marli Thereza Furtado e apresentado em 19/07/2003.
- Leitura e análise literária da obra Três casas e um rio, da autoria de Dalcídio Jurandir*. Monografia de Especialização: UEPA: Campus de Belém. Trabalho orientado pela Profª. Dra. Josebel Akel Fares e apresentado em 19/04/2005.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 28. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FURTADO, Marli Tereza. *Universo derruído e corrosivo do herói em Dalcídio Jurandir*. Tese de Doutorado. São Paulo: UNICAMP/IEL, 2002.
- HABERMAS, J. *Sociologia*. 3. ed. Tradução de Bárbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Ática, 1993.
- HOBBSAWM, Éric. *A Era do Capital (1848-1875)*. 9. ed. Tradução de Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- A Era dos Impérios (1875-1914)*. 3. ed. Tradução de Sieni Maria Campos e Yolanda Steidel de Toledo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Tradução de Jhoannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.
- JOHNSON, Robert A. *He: A Chave do Entendimento da Psicologia Masculina: Uma interpretação baseada no mito de Parsifal e a procura do Santo Graal, usando conceitos psicológicos jungianos*. São Paulo: Mercury, 1987.
- JUNG, Carl-Gustav. *Símbolos de Transformación*. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1962.
- JURANDIR, Dalcídio. *Chove nos campos de Cachoeira*. 4. ed. Belém: CEJUP, 1995.
- Chove nos campos de Cachoeira*. Edição crítica de Rosa Assis. Belém: UNAMA, 1998.
- Marajó*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1992.
- Três casas e um rio*. 3. ed. Belém: CEJUP, 1994.
- Belém do Grão-Pará*. São Paulo: Martins Editora, 1960.
- Belém do Grão-Pará*. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004.
- Passagem dos Inocentes*. Belém: Falangola Editora, 1984.
- Primeira Manhã*. São Paulo: Martins Editora, 1967.
- Ponte do galo*. São Paulo: Martins Editora, 1971.
- Chão dos Lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976.
- Os Habitantes*, Rio de Janeiro: Artenova, 1976.
- Ribanceira*. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 4. ed. Tradução de Lélia Neves e Alderico Toríbio. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- LEGRAND, Gerard. *Dicionário de Filosofia*. Tradução de Armindo José Rodrigues e João Garcia. Lisboa: Edições 70, 1986.
- LEITE, Marcus Vinnicius C. (Org.). *Leituras Dalcidianas*. Belém: Unama, 2006.
- LEVISKY, David Léo. *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. 2. ed. ver. E atual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

- LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma Poética do Imaginário*. Com textos introdutórios de Benedito Nunes e Octávio Ianni. São Paulo: escrituras editora, 2001.
- LUKÁCS, Georg. *Sociologia*. 2. ed. Tradução de José Paulo Netto e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- MARX-ENGELS. *Manifesto do partido Comunista*. Tradução de Soveral Martins. Texto Nosso tempo. Coimbra: Centelha, 1974.
- MATTA, Roberto da. *O que faz o Brasil Brasil?* 7. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MATOS, Olgária C. F. *Os arcanos do inteiramente outro: a escola de Frankfurt, a melancolia e a revolução*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- O Iluminismo visionário: Benjamin, leitor de Descartes e Kant*. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- MAY, Rollo. *O Homem à procura de si mesmo*. 13. ed. Tradução de Áurea Brito Weissenberg. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1971.
- MENEZES, Bruno. *Obras Completas: Lendo o Pará 14. Edição especial. Folclore*. Volume 2. Belém-Pará: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.
- MIJOLLA, Alain de (direção geral). *Dicionário Internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Imago editora, 2005.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 3. ED. São Paulo: CULTRIX, 1982.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaio*. Tradução de Sérgio Milliet. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- NUNES, Benedito; PEREIRA, Ruy e PEREIRA, Soraia Reolon. *Dalcídio Jurandir: Romancista da Amazônia: Literatura & Memória*. Belém: SECULT; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Ruy Barbosa (FCRB)/Instituto Dalcídio Jurandir (IDJ), 2006.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História da Cultura Clássica*. 9. ed. I volume – Cultura Grega. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos Estudos Literários*. 2. ed. Coimbra: Almedina, 2001.
- ROCQUE, Carlos. *Antônio Lemos e sua época: História Política do Pará*. 2. ed. Belém: CEJUP, 1996.
- SANTOS, Neilci do Socorro Coelho dos. *Dona Cecé, um feminino singular, em Passagem dos Inocentes, de Dalcídio Jurandir*. Belém: UFPA – dissertação de Mestrado sob a orientação da Prof^a. Marli Furtado, 2005.
- SANTOS, Newton Paulo Teixeira dos. *A carta e as cartas de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1994.
- SARGES, Maria de Nazaré. *Belém: riquezas produzindo a Belle-Èpoque (1870-1912)*. 2. ed. Coleção Açafá. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil: Império e República*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1994.
- SILVA, Jorge Anthonio e. *Arthur Bispo do Rosário*. 2. ed. São Paulo: Quaisquer, 2003.
- SOUSA, Inglês. *Contos Amazônicos*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- SOUZA, Sandra Coelho de. *A Ética de Michel Foucault: a verdade, o sujeito, a experiência*. Belém: Cejup, 2000.
- STEINER, George. *Linguagem e silêncio: ensaios sobre a crise da palavra*. Tradução de Gilda Stuart e Felipe Rajabally. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- TUPIASSÚ, Amarílis (org.). *Escrita Literária e outras estéticas. Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais* – V. 1. Belém: Unama, 2006.
- VÁRIOS AUTORES. *O espaço amazônico: Sociedade e Meio Ambiente*. NPI/ UFPA: Editora Universitária. Belém: UFPA, 1997.

REVISTAS E JORNAIS

ASSIS, Rosa. *Vinte anos depois, Dalcídio “volta” à Belém do seu tempo*: in *Asas da Palavra*. Revista de Graduação em Letras. V. 6. N. 12. Jul. 2001. Belém: UNAMA-PARÀ, 2001. [p. 80-86].

CATERINA, Koltai. *Lacan antes do Mito*. In *Folha de São Paulo*. Suplemento **mais**, p. 04. Domingo, 23 de Outubro de 1994.

FARES, Josse e NUNES, Paulo. *Palcos da Linguagem: uma leitura psicanalítica de Chove nos campos de Cachoeira*: in *Asas da Palavra*. Revista de Graduação em Letras. V. 8. N. 17. Jun. 2004. Belém: UNAMA-PARÀ, 2004. [p. 57-65].

MAROJA, Ângela. *Belém do Grão-Pará de Dalcídio Jurandir*: in TUPIASSÚ, Amarílis (org.). *Escrita Literária e outras estéticas. Linguagens: estudos interdisciplinares e multiculturais* – V. 1. Belém: Unama, 2006. [p.65-76].

SILVA, Adriano (org.). *Revista das religiões: Ganesh*. Coleção Divindades Indianas. São Paulo: Editora Abril Cultural, 2004. [p. 68-75].

SÍLVIO, Holanda. *Mito e Sociedade em Dalcídio Jurandir: Anotações em torno de Marajó*: in *Asas da Palavra*. Revista de Graduação em Letras. V. 8, N. 17. Junho 2004. Belém: UNAMA-PARÁ, 2004. [p. 81-95].

VALENÇA, Márcio Moraes. *Brasil: urbanização e constituição dos fatores para a industrialização (1890-1930)*: in *Cadernos do CEAS*, n. 123. Salvador-Bahía: Setembro/Outubro de 1989. [p. 64-77].